



O Ateu Ambulante





UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

REITOR

João Natel Machado

VICE-REITOR

Griseldes Boos



EDITORA DA FURB

CONSELHO EDITORIAL

Edson Luiz Borges

Elsa Bevian

João Noll

Jorge Gustavo Barbosa

Joyce Martins

Marco Antônio Wanrowsky

Maristela Pereira

EDITOR EXECUTIVO

Maicon Tenfen

CAPA

Andreas Peter

Marcelo Alves de Almeida

REVISÃO

Aluysio Fávaro

Maria de Fátima Vasconcelos

DISTRIBUIÇÃO

Edifurb

Salma Ferraz

O Ateu Ambulante

3^a edição

Coleção Versiprosa



© Salma Ferraz, 3ª edição 2011.



Editora da FURB

Rua Antônio da Veiga, 140
89012-900 Blumenau SC BRASIL
Fone/Fax: (047) 321-0329
Fone: (047) 321-0330
Correio eletrônico: editora@furb.br
Internet: www.furb.br/editora

Projeto Gráfico: Marcelo Alves de Almeida

Ilustração de capa: *Crucifixo* (detalhe), 1632, de Diego de Silva y Velázquez

Leitura Crítica: Dr. João Décio - Doutor em Literatura Portuguesa

Raimundo Caruso - Escritor

Roseli Broering - Poeta

Distribuição: Editora da FURB

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1825,
de 20 de dezembro de 1907.

"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Elaborada pela Biblioteca Central da FURB

Ferraz, Salma
F381a O ateu ambulante / Salma Ferraz. – 3. ed. –
Blumenau : Edifurb, 2011.
143 p. - (Versiprosa)
ISBN 978-85-7114-300-5

I. Prosa brasileira. I. Título. II. Série.

CDD 869.94

Para

*Meu tio
Ricardo Ferraz,
o verdadeiro Ateu Ambulante
(in memoriam)*

*seres-espaco de meu afeto
Kirlan, o filho querido
Junior, meu orgulho
Raquel, a mãe sábia
Samuel, o irmão
Heloíse, minha princesa
Roseli, Arcari, Maura, Ellen, Rosana amigas irmãs
Tony e Rafael, anjos da guarda*

*Glória, a camarada e amiga
Robson, o tio
Samuel, o irmão*



“O primeiro personagem que um escritor cria é ele mesmo.”

Paulo Leminski

“Escrever é um atrapalho. Escritores são pessoas doentes.”

Marilene Felinto

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.”

Clarice Lispector



Sumário

<i>O ateu ambulante</i>	13
<i>O namorado gerúndio</i>	41
<i>A felicidade é azul</i>	53
<i>Confissões nada sentimentais e memórias admiráveis de um bode adolescente</i>	67
<i>As camélias de Vila Miel</i>	87
<i>Prisioneiros do Cemitério</i>	101
<i>A sacerdotisa de Baco</i>	111
<i>O seio nosso de cada dia</i>	125
<i>O sobrenome da rosa</i>	135
<i>Livros publicados</i>	143



“Quem escreve, penso eu que faz como no interior de um cubo imenso, onde nada mais existe que uma folha de papel e a palpação de duas mãos, rápidas, hesitantes, asas violentas que de súbito descaem para o lado, cortadas do corpo. Quem escreve tem a sua volta um deserto que parece infinito, reino cuidadosamente despovoado para que só fique a imagem surreal de um campo aberto, de uma mesa de escriturário à sombra da árvore inventada, e um perfil esquinado que tudo faz para assemelhar-se ao homem. Quem escreve, penso eu que procura ocultar um defeito, um vício, uma tara aos seus próprios olhos indecentes. Quem escreve está traindo alguém.

....

Escrevo com tinta de longe e angústias de bem perto.”

José Saramago
A Bagagem do Viajante, p.117.



O ATEU AMBULANTE

*“Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
a poesia de tudo quanto é morto!”*

Augusto dos Anjos

“Enquanto você se esforça pra ser um sujeito normal e fazer tudo igual, eu do meu lado aprendendo a ser louco, maluco total, na loucura real controlando a minha maluquez, misturada com minha lucidez. Vou ficaraaar, ficar com certeza maluco beleza... Eu vou ficarraar...”

31 de março de 1996, 6 horas, Hospital Cajuru, Curitiba, Paraná. Um paciente terminal, de nome Ricardo, 48 anos, na UTI, com quadro de encefalopatia hepática, está sendo forçado a dialogar com um presbítero protestante de qualquer igreja, de qualquer nome, que traz a bíblia aberta nas palmas das mãos.

- Meu filho, arrepende-te dos teus pecados porque tua hora é chegada.

- *Ultram Equinoctialem non peccare.*

- Como não existe pecado? Conheces latim?

- Muito mais que a sua vã filosofia possa prever.

- Shakespeare... Entrega teu caminho ao Senhor, confia n'Ele e o mais Ele fará. A tua hora se aproxima...

- A hora de cada um é a hora de cada um. *Esse caminho que eu mesmo escolhi é tão fácil seguir por não ter onde ir.* Eu sou apenas um homem e todos os homens são mortais, peregrinos e mortais. Portanto, morro e morrer é um luxo. Só isso. Nada mais. Sou niilista, pôrra...

- Arrepende-te e prepara-te para te encontrares com teu Deus.

- Não darei uma de bom ladrão que acreditou que um minuto de arrependimento pudesse suplantar uma vida

Salma Ferraz

inteira de erros. Uiii... Não se pode enganar o destino, caro Pastor. O senhor me parece a voz do carrasco, os olhos do cego; é a própria cegueira da visão. Por amor do seu Cristo, me deixe em paz... O presbítero não pode compreender o sentido da luz, pois nunca viu as trevas...

- Confessa os teus pecados e Deus te...

- Ricardo Flores, nascido em 1º de abril, mais espinhos que flores, vulgo Ricardo Lennon Seixas, fanático por Lennon e especialmente por Raul Seixas. Oh! Tá vendo meu cavanhaque? Conhecido também como Falcão, doente por motos. Ai! criado em colégio interno protestante onde aprendi o grego, um pouco de latim, a Bíblia - do Gênesis ao Apocalipse - segundo grau completo, resto de instrução como autodidata, leitor obstinado de literatura de qualquer língua, ladrão de livros da Biblioteca Pública Central de Curitiba, música preferida - *rock'n'roll*. Comunista desde as entranhas, viciado em álcool, cocaína, *cannabis*, diversos picos em todas as veias e buracos do corpo, traficante de drogas, tráfico de mulheres brancas e de todas as cores, gigolô, cafetão, garoto de programa somente com mulheres lindas, trapaceiro, malandro a *la Buarque*, enfim, sou o próprio *stercus diaboli*, pêlos, unhas, fezes, barro...

- Arrepende-te...

- Que é o homem para que o Senhor dele se lembre? É como a erva que hoje existe e amanhã é lançada ao vento. Sou apenas um *homo infimus*. Não. Não, mil vezes não. Tive a vida que quis. Gozei dezenas de mulheres, as drogas, o sexo, *gozzzzzzzeeee* a *vidddddd*. Não me arrependo de nada, ai! ui! *Aprendi o segredo, o segredo, o segredo da vida, vendo os crentes que choram sozinhos no mesmo lugar. A luz pesa muito...*

- Pensa em Cristo?

- Jesus Cristo deveria ter deixado o Pai de lado, dado o calote e fugido para morrer em paz, como eu... Na cruz o amor nasceu e foi assassinado. É pior, se Deus fosse realmente bom, não teria criado o mal. O mal não existe. Estou

repleto de ocos, de nãos. Não há céu para os oblíquos.

- Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome...

- *Eu prefiro ser essa blasfêmia ambulante do que ter aquela velha opinião cristã formada sobre tudo.* Me deixe, pelo amor do nada, apenas morrer em paz, sem Deus e sem o Diabo. Esta dupla cristã é muito complicada, onde um está, o outro também está, o que um rejeita o outro aceita, vivem grudadinhos desde há muito tempo, um manda e o outro desmanda, o bem e o mal estão abraçados, não dá pra minha cabeça. Nada é eterno, só Deus e o Diabo. Todos nós passamos. Creio que Deus não passa de um tema para pura especulação filosófica. Quero apenas... apenas morrer em paz comigo mesmo. Tive a vida que quis. Vá embora, não perca o seu tempo comigo só porque minha família é a maior dizimista de sua igreja. Sou a ovelha desgarrada que não quer voltar ao aprisco, não quer ser encontrada, entendeu? Quero morrer no abismo absoluto, sozinho. Vá embora que não me responsabilizo. Minhas palavras queimarão e arderão como fogo nos seus santos ouvidos. Me deixe... Sou apenas um cínico.

- Blasfêmia. Venha a nós o teu reino. Seja feita a tua vontade...

- Horácio, me socorra: *carpe diem, quam minimum credula postero.* Quando vier a primavera, se eu já estiver morto, as flores florirão da mesma maneira... A realidade não precisa de mim. Deus foi um grande poeta sátiro!!!

- Assim na terra como no céu...

- Eu, filho do carbono e do amoníaco. Ai que dor! não me lembro o resto Ai! *E que tudo o mais vá pro inferno.* Minha cabeça gira... Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem. Eu pareço ser o que não sou e sou o que não pareço. Podem dançar e cantar à roda dele. Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências. O que for, quando for, é que será o que é.

Salma Ferraz

- O pão nosso de cada dia...
- Profundissimamente hipocondríaco... Minha boca e alma estão cheias de ânsia... O senhor e seus deuses me causam repugnância...

- Dá-nos hoje e...
- O verme, o operário das ruínas... anda a espreitar meus olhos para roê-los... Meu fígado já está podre há muito tempo. Sou o eterno grande vagabundo. Há de deixar só os meus cabelos longos, meus longos caracóis, aiii! *Debaixo dos caracóis dos meus cabelos uma história pra contar de um mundo tão distante...* Meus cabelos negros não, não, verme... A terra fria e inorgânica... Venha, verme; venha, terra; venha, frio, só poupe meus cabelos... Vá-se embora com seus deuses tristes, por favor... Quero morrer em paz... Vou blasfemar...

- Perdoa-nos os nossos pecados...
- Socorra-me português de alma negra ! Não dê ouro aos tolos.

- Assim como nós perdoamos aos nossos devedores... Blasfêmia...

- O inferno já a arder e eu canto! Eu estou com a *boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar.* Sou Pan-Demônio... *Eu sou. Eu fui. Eu vou. Eu sou as juras de maldição.* Gênio de Zaratustra. *Eu sou a beira do abismo.* Sou a Raiva de Medusa e Danação do Sol! *Eu sou o Tudo e o Nada.* Pinel e painel.

- E não nos deixes cair em tentação, mas livra-o do mal...

- Me roubam a vida e só me deram uma! Eu a vivi, eu a cantei com gala, enchi-a de glória... Vou rir da minha própria vala que se cobrirá de trovões... Ai! Quero juntar-me já às Almas-Noites do Jardim das Lágrimas! Não do Getsêmani.... Ah! Cantarei a glória de Sodoma...! Sou a essência espúria, o riso e o escárnio, minha marca eterna, hiriiii. Rir foi meu modo de viver. Fui aquele que sorriu na vida e sorriu na cara da morte...Harraaaaarraaa..

- Na hora de nossa morte...

- Galopei a vida, segurando-a pelas crinas, fui doido, muito doido, galope de ópio, opiado e doido... Fui Átila, Nero, Herodes, Cleópatra, meu corpo e minha alma são nódoas puríssimas e quero exercitar com sabedoria a arte de morrer em paz, sem espetáculos dramáticos, já que a vida de um cristão é chata pra caramba. Nunca quis entrar em arca de Noé nenhuma, nem quis a vida eterna oferecida pelo grande Eu Sou, quero apenas Não Ser. Sou apenas um mísero homem, ahhuuuu, fui homem, não passei pela vida em brancas nuvens, nem em plácido repouso adormeci. Não fui espectro de homem. Viiiiiiviiiii, e minha carne vai se transformar em adubo de flores, *carpe diem*, nada mais do que isso, na hora da minha morte, sem amém. Ai! A noite serena desce sobre os meus olhos uiuu. Alcancei a vitória sem combater combate algum, sem guardar nada. Não há coroas, nem justiça, só as flores secas sobre o túmulo gelado... Aiiiii, uiuuuu... Só a morte, mais nada. Aiii, uiuuuu! Cavalgo para ela. Ahhh, uiuu, auuu. Vem, Princesa Negra, aiiiii, uiuuuu, és tu que conduzes aaaaa sorte. Aiiiii... Saio, uiuuuu... de cena... aiiiii! Em paz... Aiiiii... Semmmmm Ammmém. Aiiiii...

- Amém.

Silêncio pesado. Ninguém para pedir perdão. A morte palpável o encontrou digno dela, com a autoridade que só ela concedia. O presbítero esperou mais um pouco e, naquele abismo silencioso, chegou a duvidar de sua própria fé. Silêncio herético e a face daquele morto lhe sorrindo espectralmente. Retirou-se do quarto visivelmente abalado e, cabisbaixo, deu a notícia aos milionários irmãos do morto na ante-sala, dizendo que nada pôde fazer pela sua alma, se é que alma ele tinha.

~

31 de março de 1996, Florianópolis, 10:00 horas.
Praia do Campeche, um ensolarado dia de verão.

Salma Ferraz

“Querida filha. Seu tio amado acaba de falecer.
Venha urgente. Estamos providenciando o velório cristão.
Sua Mãe”

~

31 de março de 1996, Curitiba, Aeroporto Afonso Pena, 13:30 horas.

Fiquei sabendo, em detalhes, o diálogo acima, através de minha mãe que foi informada, palavra por palavra, pelo presbítero. Ela, abatida, esclarecia-me no hall do aeroporto que o corpo estava sendo preparado pelos enfermeiros do Hospital Cajuru, que tinham ordens para amarrar os cabelos encaracolados de Lennon-Seixas, fazer sua barba, portanto, cortar seu amado cavanhaque, maquiagem suas olheiras de drogado, enfim, darem-lhe a aparência de um cristão. Também informou-me que encomendaram um caríssimo esquife, um lindo terno preto e um culto com coral e com todas as honras numa igreja protestante, localizada no bairro do Portão. Novo diálogo nervoso se sucedeu:

- Terno caro pra quê? Ele sempre odiou o dinheiro da família e sempre preferiu viver como mendigo na Praça Rui Barbosa e na Carlos Gomes. Caixão pra quê, ele sempre odiou velório, nunca foi a nenhum. A senhora sabia disso?

- Sim...

- Sempre achava tudo uma tremenda patuscada, um ato de egoísmo, uma maneira de purgar as faltas dos vivos que nunca ligaram para o morto, e que diante da urna funerária tentavam consertar o que não fizeram em vida, uma verdadeira hipocrisia. Sabia disso?

- Mais ou menos... Por alto. Você concorda com isso?

- Claro. Pra mim, velório é um tremendo egoísmo. Uma falta de consideração para com o morto. Oferecer a face

macerada e deformada do morto como numa bandeja, como a cabeça de João Batista... Apresentar o retrato pálido do que foi o vivo para as pessoas purgarem suas culpas... Também as mágoas diversas existentes entre os familiares se reacendem durante o velório e outras mais são criadas ali. Uma blasfêmia completa, um desrespeito absoluto. O que tem que ser feito, deve ser feito em vida; depois de morto não adianta absolutamente mais nada. Velas, cânticos, gemidos, soluços, tudo hipocrisia pura. Concordo plenamente.

- Na família é uma tradição, o velório. Como soube que ele pensava assim?

- Tradição existe para ser quebrada: soube um dia, quando passei por ele na Boca Maldita, logo após a morte do Senna em 1994. Ele estava meio embriagado, mas, comentando o desaparecimento do piloto, disse exatamente isso, de nacionalismo póstumo, de amor póstumo, de hipocrisia póstuma. Mas há algo pior do que um velório?

- O quê?

- É velarem uma pessoa que odiava velório e principalmente velarem-na como um cristão.

- Você também blasfema?

- Claro. O tio pediu para morrer em paz. Sempre foi ateu, mesmo quando foi obrigado a estudar oito anos num colégio protestante. Lá ficou mais ateu ainda. Como vocês podem desrespeitar o morto, descumprir sua última vontade? O dinheiro de vocês lhes concede este direito? Velarem-no, e ainda por cima como um cristão?! O presbítero não ouviu seu discurso herege, digno de uma grande fogueira da Inquisição? Vão transformá-lo num cristão póstumo?

- Sim, mas vão fazer o culto em consideração ao pedido dos irmãos, e não se pode levar em consideração o que foi dito em *delirium tremens*?

- Mas é esse o momento da verdade absoluta. Não há como enganar a verdade no minuto final. Não se mente na

Salma Ferraz

cara da morte, a perversa. Ele morreu ateu, puramente ateu. Ele não era anormal, era apenas grande. O presbítero estará profanando sua própria crença, se realizar esse culto.

- Filha, não complique mais as coisas! Muita gente já está sabendo do discurso final.

- Ah! o presbítero também é fofoqueiro...

- Não é isso...

- Grande final do meu tio, a própria Ária de Caim.

Uma verdadeira obra-de-arte o seu discurso, uma apoteose, o próprio Elogio da Morte! Que morte cor-de-poesia, que vida sem atalho algum!... A morte nos transforma em astros. Não há nada do que se envergonhar. É na morte que se percebe como é grande a condição humana. Suas palavras finais foram dignas de um Sermão da Montanha. Sua morte tem que ser festejada e não chorada.

- Chega, moça! Quanta bobagem! Meça suas palavras, menina. É isso o que dá estudar demais... Blasfêmia. Um blasfemava porque bebia demais, a outra blasfema porque estudou demais. Por que você, durante toda sua vida, amou mais a esse tio pobre e bêbado - o pior exemplo para alguém - do que a todos os outros tios ricos e bem sucedidos juntos? Se você não fosse minha filha, eu poderia jurar que... E se um dia você...

- E se um dia o quê ...?! Eu o quê? Morrer?

- Essas coisas acontecem, você viaja muito, congressos...

- Não quero velório, entendeu? Quero ser cremada e que as minhas cinzas sejam jogadas na Praia de Guaratuba. Me promete, por favor?

- Pare com isso, largue meu braço, está me machucando...

- Promete, jura...

- Prometo. Vamos para a casa e depois para o velório que será na igreja do Portão.

- Onde está o corpo?
- Está sendo preparado pelos agentes funerários que já devem estar no hospital.
- E o baú?
- Que baú?
- O do Raul! O do tio que admirava Raul Seixas, do tempo de *hippie*. Onde ele guardava seus livros de literatura e seus discos.
- Deve estar lá na pensão da Mateus Leme, próximo à Rodoviária.
- E os amigos motoqueiros dos velhos tempos de Boca Maldita, e os amigos mendigos, foram convidados?
- Parece louca... convidar aqueles amigos maconheiros para comparecerem a um templo sagrado.
- Mas eram os únicos amigos dele!
- Não e não e não. Vamos tentar redimir sua vida errada com um culto cristão em seu derradeiro momento. É assim que são as coisas e é assim que devem continuar sendo. Tudo no seu lugar... Vamos direto para a casa e depois para o velório...
- Não... Vou ao centro encomendar uma coroa de flores!
- Pode encomendar pelo telefone.
- Faço questão de escolher pessoalmente...
- Nos encontramos direto na igreja.
- Tudo bem, e tire essas idéias profanas da cabeça.
- Não se preocupe...

31 de março de 1996. Curitiba, 14:30 h, numa pensão qualquer da Boca do Lixo da Mateus Leme, próximo à antiga Rodoviária.

- As suas ordens, dout....
- Sou a sobrinha do falecido, e tenho ordens expressas da família para levar os seus pertences,

Salma Ferraz

- Pertences?
- Os seus trecos, cararecos, um velho baú.
- Ah, o baú! Vamos lá.
- Por favor, depressa..

O encarregado da pensão levou-me pelos corredores mal-iluminados e fedorentos que cheiravam a mofo e à pobreza completa. Sabia que o tio era quase um mendigo e que cuspiam em cima da fortuna da família, mas jamais imaginei tamanha miséria. Fomos caminhando através de corredores nos quais reinava completo desamparo; quartinhos se sucediam, cada vez menores e menos iluminados. O homem meio surdo e meio leso das idéias indicou-me, no final do corredor, uma verdadeira masmorra moderna, onde meu tio passou seus últimos anos.

Abri a porta como que entrando em um lugar sagrado e vi brotar diante dos meus olhos e do meu peito apertado, a dor e o odor do mofo que exalava daquele cubículo russo à la Dostoiévski. Não havia uma única janela, e uma cadeira aleijada de um pé testemunhava ali parada, completamente muda, o meu espanto. No teto, um pequeno varalzinho com algumas peças de roupas penduradas. A cama de madeira simples, muito velha, com um colchão finíssimo de espuma barata, estava bem arrumada com um lençol quase puído. Em cima da cama um velho cobertor cinza-bem-triste, dobrado matematicamente. Na parede, um pôster dos Beatles, outro de Raul Seixas e, num canto do cubículo, um baú velho de madeira. Eu sentia medo, saudade, angústia, enfim, sensações que me faziam imaginar uma tragédia não escrita por Shakespeare, mas certamente pensada por ele.

Eu corria contra o tempo e contra mim mesma, assustava-me com minhas próprias idéias e o ritmo acelerado do coração. Abri o baú; na realidade, abria o passado de Lennon-Seixas. De dentro de um envelope retirei fotos antigas em preto

e branco, da época dos seus vinte anos, quando era fotógrafo amador em Curitiba. Num outro pacote de plástico encontrei uma bata de *hippie*, meio indiana, em cor lilás, com arranjos dourados. Numa caixinha velha de madeira, diversas miçangas, pulseiras, colares, seus óculos arredondados de John Lennon que ele usava quando era jovem - pois tinha uma espantosa semelhança com o cantor - e seus óculos escuros os quais usava quando queria se parecer com seu ídolo maior: Raul Seixas.

Também encontrei uma velha jaqueta preta e uma calça preta de couro, surrada, dos tempos de motoqueiro, com seu apelido de guerra nas costas - *Falcão* - e o desenho do enorme pássaro; alguns coletes velhos e clássicos, algumas velhas gravatas elegantíssimas, um vidrinho com anfetaminas, umas dez fitas cassetes de Roberto Carlos, Jovem Guarda, Raul Seixas, Novos Baianos, Beatles, e, inexplicavelmente, um CD daqueles de coleção semanal de banca, de Mozart. Alguns livros, todos com o carimbo da Biblioteca Pública do Estado do Paraná, com data de devolução entre dez e doze anos atrás: Schopenhauer, Shakespeare, Álvares de Azevedo, Edgar Allan Poe, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza. Guardados de maneira especial dentro de uma pasta de plástico azul, alguns poemas de Almada Negreiros, todos sublinhados com caneta luminosa, com os quais eu o havia presenteado por ocasião de nosso último encontro. Além disso, uns dez livros de literatura clássica carcomidos pelo tempo e pelo uso em que se podia ver a letra desenhada de sua mãe Francisca, e um caderninho dela em que contava a biografia de uns animais de sua antiga fazenda. Esses livros de sua mãe e a estranha biografia estavam envolvidos num pedaço de veludo vermelho ainda conservado.

Ao remexer no baú que não era do Raul, mas sim do meu tio, fiquei perplexa e parei no tempo, lembrando-me das primeiras aulas de violão que tive com ele, de como era um homem bonito e atraente, das mulheres lindas que namorou

Salma Ferraz

na década de setenta, de como invadiu o camarim da Vanusa no Teatro Guaíra e ofereceu-lhe uma rosa, ao que ela retribuiu deixando que ele tirasse uma foto com ela, abraçados; de como, numa atitude revolucionária para a época, pintou suas longas madeixas de louro. Lembrei-me da maneira como transitava, por ser fotógrafo, no meio da alta sociedade curitibana, sem ter um mísero tostão no bolso; do seu terno prateado parecido com pele de jacaré. Grande Falcão, grande pássaro... A amizade com os motoqueiros, suas roupas de couro extravagantes, seu apelido de guerra gravado nas costas da jaqueta. O desprezo completo da família rica e protestante marcou o início de sua morte, seus acidentes com motos, seu envolvimento com as drogas, sua prisão, sua decadência.

O certo é que eu guardava mais as imagens do seu apogeu, de sua juventude, pelo fato de eu ser criança e sua alucinada vida me fascinar. Aos poucos, minha família foi me afastando dele e ele se afastando da família, e assim só acompanhei sua vida através das fofocas, atrás das portas, pelas fotos que ele enviava e pelos recortes de jornais referentes as suas sucessivas prisões por tráfico de drogas. Depois, em oitenta, quando eu tinha vinte anos e meu tio, quarenta, mudei-me de cidade por causa dos estudos na USP e infelizmente não acompanhei os seus últimos anos. Nos encontramos na época da morte do Senna, em 1994 no centro de Curitiba, e percebi como uma década de álcool pesava na biografia e no corpo de uma pessoa. Dirigi-me a ele, que não me havia reconhecido. Parei diante daquele John Lennon da Rui Barbosa ou Raul Seixas da Boca Maldita. Os mendigos me olhavam surpresos, pois eu estava bem arrumada. Como, por estar com graves problemas de visão, não me reconhecia, pedi-lhe a bênção e ele, ao ouvir minha voz, me abraçou tremendo muito de emoção e murmurou algo que nunca esqueci: *Eu te abençoô, minha sobrinha, meu gênio, meu orgulho*. E depois voltou a ser o velho Falcão de guerra: - *E quando vai tirar o PHD - Papel Higiênico*

Descartável?

Pedi rápido umas sacolas de plástico, arrumei tudo direitinho, deixando numa só, bem separadas, a bata *hippie*, as miçangas, a surrada roupa de couro. Por último só me sobrou o vidrinho de anfetaminas. Perguntei ao homem, se sabia o efeito daquelas pílulas. O homem respondeu com a certeza de quem entende do assunto: - *Pra deixar o cara meio doido*. Numa cadernetinha em cima da mesinha da cabeceira havia anotações de quanto ele devia na pensão e que ele pretendia pagar com sua mísera aposentadoria por invalidez. No total, entre pensão e comida, cento e trinta reais.

Meu tio era uma semente boa, sem dúvida, porém não floresceu do lado da fé. Era tão difícil entender isto? Que sementes boas, ervas sagradas também florescem em abundância fora da seara do Senhor? Afinal, um ateu pode ser santo e um santo pode ser ateu. A pedra rejeitada que os homens pisaram era um diamante em estado bruto, apenas não fora lapidada, ou então a vida tinha arrebatado o diamante ao meio, maculando toda a sua beleza. Dei, ao dono da pensão, duas notas de cem reais e o meu telefone para o caso de aparecerem novas dívidas. Corri quase que desesperadamente para o táxi, e esqueci de pedir ao homem que não comentasse nada com ninguém, se por acaso alguém o procurasse, o que, aliás, teria sido inútil.

- Quantos minutos daqui para o Hospital Cajuru?
- Metendo o pé, oito minutos.
- Pé na tábua... Espere só um minuto, vou comprar uma coca, pois preciso tomar uns remédios...

Tomei a coca e uns quatro comprimidos daqueles de deixar qualquer um doidão. Não, eu estava num nervosismo tão grande que nada me deixaria mais agitada do que já estava. Em oito minutos adentrávamos o Hospital Cajuru, exatamente às 14 horas e 45 minutos, e lá, fui informada que o pessoal da funerária já estava acabando de arrumar o corpo. Pedi ao

Salma Ferraz

motorista de táxi que me acompanhasse e que seria muito bem recompensado pela ajuda. Portando uma sacola de plástico na mão, entramos no necrotério do Cajuru completamente lotado de almas mortas, e, com passos silenciosos, aproximei-me do luxuoso esquife.

- Sou a sobrinha predileta do falecido, e represento a família. Vim para dar os últimos retoques.

- Já está na hora de fecharmos o caixão e levarmos para a igreja. Já estamos atrasados...

- Só um minuto, por favor, eu mesma fecho a urna. Assumo qualquer responsabilidade pelo atraso. Os homens com o cheiro da morte saíram rapidamente. Outros mortos ali presentes, indiferentes a tudo, contemplavam o teto da sala branca. Eu olhava de longe o corpo dentro do esquife. A morte era estranha, deixava um vazio silencioso no ar, faltavam palavras, um vácuo crescendo dentro do peito. O nada pairava sobre o corpo daquele que tinha ido embora de maneira esplendorosa. Aproximei-me para ver o rosto de Lennon-Seixas. Que susto!... Aquele corpo e aquela face não eram meu tio!!! Com um terno preto dos puritanos modernos, camisa branca engomada, sapatos novos, o cabelo em forma de rabo preso atrás, o que dava a impressão de que ele não possuía a longa cabeleira de que tanto se orgulhava, o precioso cavanhaque que ele usava para se fantasiar de Maluco Beleza, raspado. Sua face estava toda branca, uma espécie de maquiagem que cobria suas enormes olheiras pelos anos intermináveis de noites mal-dormidas e pelo consumo de cocaína. Tirei as roupas da sacola e dei uma ordem enérgica para o motorista de táxi.

- Rápido... Tenho uma boa poupança, economia de anos de luta...

- Não sei se devo...

- Rápido... Será bem recompensado. Assumo tudo, cara.

Olhando as roupas, o motorista, atônito, só teve forças para comentar:

- A doutora tomou droga...

- Pela primeira vez na vida, cara, e é um barato...

Rápido, rápido...

Dentro de dez minutos abri a porta e, carregando a mesma sacola de plástico, agora mais cheia, disse aos agentes.

- Tudo em ordem, já fechamos o caixão para adiantar. Gostaria de ajudar a carregá-lo até o carro fúnebre.

- Vamos lá que o pessoal do falecido é rico e exigente, gente da alta, né madame, aliás a senhora se parece tanto com ele...

- Perfeitamente.

Depois disso entrei no táxi, dei um cheque razoável para o motorista, juntamente com a sacola cheia. O terno novo ficaria melhor no motorista, sem dúvida, e pedi em tom de urgência.

- Para a igreja do Portão, rápido. Temos que chegar antes do carro preto. Rápido, rápido. Pela via Rápida... Enquanto o carro praticamente voava, eu pensava se deveria substituir minha calça jeans por um vestido social azul, que trazia dentro de uma valise de mão. Não, iria ao velório vestida a rigor, com a roupa que meu tio mais adorava: jeans, para ele, sinônimo de liberdade. Uma sensação estranha me invadia. Vontade de sorrir e chorar. Era a droga, não, era o respeito pelo meu tio.

~

31 de março de 1996. Curitiba, 16:30 h, igreja protestante, bairro Portão. Alta sociedade evangélica presente, coroas e mais coroas, carros e mais carros, coral preparado, presbítero no púlpito pronto para iniciar o sermão, o esquife num patamar mais abaixo, ainda fechado. Nos primeiros bancos próximos, os parentes, com ar de contrição, usavam óculos

Salma Ferraz

escuras de grife, não por falta de colírio, mas por excesso de hipocrisia.

- Irmãos, antes de iniciarmos o sermão para encomendar a alma desse cristão que trilhou sendas difíceis, abrirei o ataúde para que todos possam passar e olhar o corpo pela última vez, enquanto o coral entoará um hino de louvor. Primeiro passarão os parentes da primeira fila, depois os demais.

Eu observava tudo, detalhe por detalhe, e meu corpo suava um frio herético. O presbítero desceu da plataforma e começou, auxiliado por anciões a abrir a urna. Enquanto isso o pianista tomava posição e o regente pedia aos coristas que se levantassem. Quando acabaram de tirar a tampa do ataúde, o presbítero ficou lívido, transfigurado, juntamente com seus auxiliares. Parecia ter visto Lúcifer, ou o anjo da morte do Apocalipse. Eu - a única trajando jeans no velório - estava junto aos parentes e fingia total indiferença, ostentando um ar de surpresa. Sabia perfeitamente o que o suposto santo homem havia visto dentro do ataúde: um morto vestido de *hippie*, com uma bata indiana roxa cheia de dourado, com miçangas, cordões, colares pelos braços e pelo pescoço, os cabelos encaracolados e rebeldes, a face pálida com todas as olheiras possíveis e os famosos óculos de Raul Seixas e, sobretudo, com um sorriso de dignidade no rosto.

Meu tio era ateu. Eu, ainda não, mas sentia que naquele momento escorregava entre os tênues limites que dividiam a fé da apostasia, pois profanava um tabernáculo e uma cerimônia fúnebre. Um vácuo enorme de heresia varria meu corpo, um frêmito de medo atravessava minhas veias e eu só conseguia pensar no absurdo: se teria escolhido os óculos certos para o meu tio, se não teria sido melhor os do Lennon, guardados no bolso da minha blusa. Isso era importantíssimo, meu tio tinha sido um galã muito vaidoso e tinha que estar lindo na sua despedida. O presbítero suava frio, fazendo sinal para que o coral começasse a entoar o hino e para que os parentes

da primeira fila se aproximassem. O pianista começou a tocar no exato instante em que eu, juntamente com os parentes, nos aproximávamos do esquite.

O olhar dos Flores era somente espinhos petrificados de terror, e eu sentia como era duro recalcitrar contra agulhões. Ficaram ao lado do corpo como que querendo esconder semelhante ultraje à fé cristã. O coral começava com todo o vigor um famoso hino, conhecido pelo número do hinário - 410:

- Sob seu amor me reclino e descanso inda que à noite cansado eu estou. Sob suas asas vou sempre abrigado, fui redimido, seu filho já sou. Descansarei, descansarei, sob suas asas benditas...

- Se espera que a vida seja feita de ilusão é preciso ter amor e paz dentro do coração, se o bem e o mal existem, você deve escolher, é preciso saber vivererrrrrrrrrr. É preciso saber vivererrrr, É preciso saber vivererrrr, Saber viveeeerrrrrrrrrr.

Quando o coral, com todo o entusiasmo, cantava a triste melodia para alguém que só queria descansar em paz, explodiu por todas as caixas de som do templo - aliás, som de primeira - a famosa música de Roberto Carlos, interropendo o coral, cujo som foi abafado em *Ritmo de Aventura*. A vida era realmente uma grande ópera bufa. Milagres acontecem, ou talvez, enganos. Alguém chegou antes do início do culto, conseguiu as chaves da sala de som com um capelão já meio velho e surdo, entrou na sala de som, preparou tudo com a ajuda de um homem que parecia um motorista de táxi. No exato momento da música sacra, o desconhecido apertou um botão, trancou a sala com a chave e desapareceu na rua em frente à igreja. Diversos auxiliares tentavam entrar na sala de som, mas não conseguiam, o murmúrio era geral, a platéia não sabia o que ocorria na imensa nave do templo. O presbítero e os parentes, parados, suspensos de vergonha e medo. Nesse momento crucial, um grupo de quatro motoqueiros vestidos de macacões pretos de couro invadiram o recinto, andando

Salma Ferraz

num compasso rápido e decidido. Aproximaram-se, e os parentes se afastaram crendo tratar-se de uma brincadeira, uma homenagem daqueles maconheiros e, sendo assim, era melhor deixá-los contemplar o corpo ao som de Roberto Carlos. O presbítero chamou os parentes a uma sala à parte, próximo ao púlpito, provavelmente para interromper a cerimônia.

Minha mãe, lívida, lançou-me um olhar impossível de descrever e que jamais esquecerei; parecia que não era o olhar de uma mãe. Uma mãe, por mais ódio que sentisse da filha, jamais a olharia assim. Só eu fiquei na nave central. Quando os parentes desapareceram na salinha, os motoqueiros, numa missão que invejaria qualquer filme de ação, agarraram com suas mãos potentes as alças do caixão e saíram correndo, deixando todos atônitos. Nesse instante, saí também correndo pelas laterais ouvindo o murmúrio, um palavreado borbulhante e desconexo do povo que pensava que eu estava correndo para tentar algo. Foi somente quando os motoqueiros do Apocalipse chegaram à porta da frente da igreja que o presbítero e os parentes retornavam à nave. Não entenderam nada do que se passava, quando ouviram os crentes gritando desesperados: - *Roubaram o corpo, roubaram o corpo!*

Cheguei à porta e os motoqueiros sorriram para mim. Desci correndo até um táxi estacionado mais abaixo e, enquanto corria, olhei para trás e pude ver que os motoqueiros depositaram o corpo atrás de um Jipe que já estava com a primeira marcha engatada, cobriram-no rapidamente com uma lona preta, deixaram o caixão solitário ali mesmo na calçada e aceleraram desesperadamente, ganhando a Via Rápida do Portão, em direção ao Capão Raso. Eu e o motorista, que estava mais amarelo do que eu, seguimos a mil atrás do carro enquanto eu pensava naquela loucura toda. A família, principalmente minha mãe, com aquele olhar abortivo, já deveria ter certeza de que havia meu cérebro naquela maluquice. Afinal quem conhecia as feras daquela família, sentia um desejo incontrolável

de também ser fera e era isso que eu consumava ali, naquele ato tresloucado. Não deixaria que eles beijassem e afagassem o corpo daquele sobre o qual sempre escarraram. Não profanariam o corpo sagrado do meu tio, já que eu, Antígona às avessas, o honraria da forma correta. Ele apenas tinha sido um nó na vida, e absolutamente ninguém tentou desatá-lo.

Pensava que poderiam chamar a polícia, mas para dar queixa do seqüestro de um morto, não. Minha família temia as páginas policiais e minha mãe, sabendo que tinha minha mão no meio, já os teria dissuadido. Tentava me lembrar de alguma lei do Código Penal e pensava no antigo Bar Vinte para a despedida dos amigos do tio, mas aquele bar não existia mais, por isso, escolhemos um bar bem pobre, no fim do Capão Raso, quase lá para as bandas da Vila Nossa Senhora da Luz.

~

31 de março de 1996, 18:00 h, Bar do Trevo, Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, misteriosamente com as portas da frente fechadas, mas com um movimento tremendo pelas portas dos fundos. No lugar humilde, quase uns dez mendigos de meia idade, dois barbudos quarentões à la Raul Seixas, com violão, dez motoqueiros bem-trajados e bem-situados profissionalmente na vida, com idade média em torno dos quarenta e cinco anos, algumas mulheres balzaquianas que acompanhavam os motoqueiros, umas loiras oxigenadas e exóticas, dez motos, entre as quais uma possante Honda 750c, uma Agrale Cagiva Canyon 500, uma Savage LS 650 e uma raríssima Harley Davidson, modelo 1958. Todas as motos incrementadas estavam estacionadas nos fundos de uma casa ao lado do bar, atrás de uma plantação de milho, para não levantar nenhuma suspeita. E o morto, vestido a rigor, contemplava tudo, feliz da vida em cima de uma enorme mesa de sinuca verde. Enquanto olhava seus amigos que chegavam

Salma Ferraz

sorrindo, se aproximavam do corpo e o tocavam com respeito, pensei que a morte renovava a vida e nesse instante supremo nos fazia reencontrar nossas raízes. Tudo passava, menos as nossas raízes.

- O senhor não se preocupe. Se houver prejuízo por ficar fechado o bar, eu cubro. Por favor, caninha 5 l e chope à vontade para todo mundo. Pode mandar buscar uns frangos assados com farofa bem gostosa também.

- E pra senhora?

- O senhor não tem aí um vinho, um sidra Fiesta?

- Tenho sim, de marca vagabunda, mas tenho.

- *Eu prefiro ser esta mestamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tuuuuudooooo o que é amor.*

Venha, levante sua voz sedenta e recomece a andar.

Não pense que a cabeça agüenta se você parrrrrr. Não. Não. Não. Há uma voz que brilha, há uma voz que canta, há uma voz que gira bailando no ar...

- *Hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamas.*

- Que solilóquio próprio...em ritmo de rock'n'roll, bicho... *I Wanna Hold your Hand.*

- *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones... Guerra no Vietnã! Os hippies, sexo, droga e rock'n'roll de Janis Joplin e Jimi Hendrix! Porra-louquice existencial!*

- Grande Falcão... Essa eu tomo por você... é proibido proibir... Malcon X, Martin Luther King, *Black Power!*

- Ricardo coração dos outros, coração nosso. Essa é por ti, cara... Que festa de arromba, amizade... Viva a sociedade alternativa.

- Faça amor, não faça guerra. O nosso destino era viver sem destino algum, pois é assim que caminha a humanidade.

- Nosso John Lennon. Era a cara do Lennon, mas

adorava mesmo era o do cavanhaque, Raul Seixas. Uma semana usava os óculos de aro redondo como o inglês e outra, os escuros como nosso maluquês. Por que cortaram o cavanhaque?

- Se a sobrinha cuca fresca não chega a tempo, tinham transformado nosso maluco num santo cristão. Você reparou como ela é a cara dele, né.

- Porra, cara, é mesmo. Não tinha notado.

- *Que no muero porque no muero*

- *Eu bebo sim, estou vivendo, tem gente que não bebe está morrendo, eu bebo sim.*

E assim meu tio foi velado, não - ele odiava isso - mas homenageado por seus amigos motoqueiros - uns coroas boas-pintas que não me pareceram tão maconheiros assim - por belas mulheres estranhas, por mendigos da Rui Barbosa, da Carlos Gomes e da Boca do Lixo da Mateus Lemes, com músicas de Raul Seixas, muita cerveja, pinga pura, frango com farofa, verdadeira missa negra *a la Bosch*.

Avisar os motoqueiros foi tarefa fácil. Eu ainda tinha o telefone do chefe do bando dos *Falcões*, amigo de passadas orgias de meu tio, que assovalam a Boca Maldita na década de setenta - o famoso Montanha. Eles invadiam a Avenida Luiz Xavier com as motos possantes e eram freqüentadores assíduos do Café Ouro Verde, compunham o que ficou conhecido como a *Turma do Ouro Verde*. Hoje, ele é um cidadão acima de qualquer suspeita, uma vez que é dono de uma importante gravadora de discos em Curitiba, além de possuir um raro exemplar da Harley Davidson. Eu o havia entrevistado há menos de dois anos para um pequeno livro de poemas sobre a *Boca Maldita*. Assim que deixei minha mãe no aeroporto, telefonei para ele, explicando-lhe o plano do seqüestro com o que ele concordou imediatamente. Foi ele, também, que sugeriu este bar nos confundós do Capão Raso e, já pela manhã, enviou um outro motoqueiro para avisar dois cantores da Boca do Lixo e os mendigos, entregando, a esses, o dinheiro necessário para a

Salma Ferraz

locomoção até o referido bar. Também foi o próprio Montanha - pois possuía um sangue frio invejável - que entrou, acompanhado por mais três amigos, no templo, e deu fim àquela palhaçada, impedindo a cerimônia que preparava a alma para a ressurreição eterna.

Quando eu morrer quero ir de fralda de camisa, defunto velho de luxo não precisa... Quando eu morrer quero ir de fralda de camisa, defunto velho de luxo não precisa. Cinquenta velhas desdentadas e carecas irão na frente tocando rabecas.

Era um garoto, que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones...

- Eles não foram mais populares que Jesus Cristo...
- É, bicho, o cara da cruz é eterno. Parece que tudo passa e o cara fica, sempre, sempre....

- O AI-5, cara, sigla negra...
- Quase trinta anos... Não dá pra esquecer... Aquele ano nos persegue até hoje... Ditadura e desbunde... *Por que não? Por que não?*

- Pra não dizer que não falei das flores... *Quem sabe faz a hora, cara, não espera acontecer.*

- Fomos loucos pela América.
- Elvis Presley, Bill Haley, Bob Dylan, Jim Morrison, Janis Joplin, Jimi Hendrix... Que galera !!!!

- Que hora partimos?
- Meia-noite. Creio que será mais fácil, a 101 estará deserta. Já é final de verão, pô!!! Os guardas daquele posto depois de São José dos Pinhais, já estarão dormindo...

- Mas dez motos ao mesmo tempo... vamos levantar suspeitas...

- Você acha que a sua família avisou a Polícia?
- Não. Não, mas é melhor tomarmos algumas precauções. Saímos daqui de três em três. Primeiro três, depois mais três, mais três e por último alguém sozinho. Cruzaremos o posto policial separados pelo espaço de meia hora.

- Valeu... Não vai haver mancada.
- Você troca meu tio? Tenho muito respeito...
- Sim. Cadê a calça e a jaqueta de couro
- Aqui na sacola. E o capacete?
- Tem um aqui especial. Nunca vi isso nos meus loucos quarenta e cinco anos. Uma despedida em grande estilo, com seqüestro, rodamos a baiana na cara dos crentes puritanos, roda de rock com Raul, bebida à vontade, muito frango com farofa e ainda a apoteose final - a descida da Serra do Mar.
- Quero que ele vá com você na Harley Davidson.
- Lógico, viajar numa dessas era o sonho dele. Mas naquela época a gente era pobre pra lá de maré, mal tinha o que comer... Você o amava muito, o conhecia pra caramba, né?
- Mais que a sua vã filosofia possa prever...
- Vocês são almas imensas, almas solares. Você é *crazy?*
- *Very, very crazy...* Afinal que é o homem sem a loucura, né. Uma besta sadia, um cadáver adiado que procria?
- Genial. Teu?
- Quem dera, cara, Fernando Pessoa. Tem certeza que ele não vai cair da moto?
- Absoluta... Vi isto num filme.
- Qual?
- *El Cid*.
- Mas *El Cid* estava amarrado a um cavalo.
- Moto e cavalo, dá tudo na mesma... A barra tá limpa. Você não bebe?
- Não, é muito pesado. Tô levando uma sidra e um vinho. Lá na praia eu bebo. Meu fígado...
- Não pelo mesmo motivo do Falcão?
- Não. Hepatite violenta, meu chapa...
- Ah, bom...

~

Salma Ferraz

01 de Abril de 1996. Meia-noite e meia, posto policial na divisa de São José dos Pinhais com Curitiba - BR 101, caminho recheado de curvas para a praia de Guaratuba. Dois policiais sonolentos observam um estranho movimento de motos.

- Ahhhaiii que sono... Você viu uns motoqueiros...?
- Aqueles de preto...?
- Pois é já passaram três, agora mais três.
- Dorme cara, deve ser algum enduro aí pra baixo.
- Eu ia parar eles, mas passaram devagar, me cumprimentaram de longe, deixei passar...

~

Litoral paranaense, 1º de abril, duas horas da madrugada. Praia de Guaratuba, Morro do Cristo, maré alta, lua cheia brilhando no céu, mar sereno aguardando visita. Chegamos no calçadão da praia, completamente deserto naquele final de março e início de abril, final de verão, final de comemoração. O percurso da descida foi a última viagem do meu tio que, quando era jovem, adorava descer as curvas da estrada de Guaratuba em direção à praia. Dizem que cada curva da serra corresponde a um litro de uísque que ele bebeu e a uma loira que ele amou. Para que tudo corresse bem durante a viagem, o corpo foi preso à moto cuidadosamente, suas pernas foram amarradas às pernas de seu companheiro, suas mãos com luvas pretas de couro, foram enlaçadas na cintura do motoqueiro e amarradas com zelo especial, de forma a não o machucarem .

Na praia, quatro motoqueiros carregaram com muito esforço uma moto, a mais antiga e pesada de todas, para cima do Morro do Cristo. Os demais se revezavam, levando o corpo cuidadosamente para o alto da montanha que dava de frente para a parte mais profunda do mar.

Acompanhei, passo a passo, a subida pelas escadarias que não findavam mais. No topo, descansamos um pouco.

O céu começava a se malhar de um alegre colorido, anunciando a manhã que vinha vindo devagar, e os motoqueiros amarraram Falcão-Lennon-Seixas na moto. Quando tudo estava pronto, tocaram mais uma música, beberam mais uma bebida, e eu, então, tirei a minha sidra Fiesta da mochila e tomei tudo no gargalo misturado com um gole de um vinho barato, mesmo sabendo de minha hepatite malcurada e dos riscos que corria. Coloquei os óculos de John Lennon, agora minha herança legítima, para contemplar meu tio trepado naquela moto antiga, com roupas pretas de couro e os cabelos soltos ao vento, esvoaçando. Os cabelos continuavam rebeldes mesmo depois de morto, e batiam agitados em cima da gravura do enorme falcão em dourado atrás da jaqueta de couro. Aquele pássaro preparava-se para levantar vôo. Ele sempre foi um homem do mar e da montanha e, por isso, parecia sorrir para mim enquanto eu acariciava pela última vez os cabelos do anjo negro, sentindo sensações turbulentas que atravessavam minha pele.

Beba...

Pois água viva ainda está na fonte. Tente outra vez.

Você tem dois pés para cruzar a ponte

Nada acabou. Oh...

Tente. Levante sua mão sedenta e recomece a andar.

Não pense que a cabeça agüenta se você parar. Não, não, não...

Queira. Basta ser sincero e desejar profundo. Você será capaz de sacudir o mundo. Vá. Tente outra vez.

Tente

E não diga que a vitória está perdida

Se é de batalhas que se vive a vida.

Tente outra vez...

Salma Ferraz

O sol surgindo avermelhado no horizonte, os motoqueiros ligando a moto, acelerando-a e o Falcão voando por sobre a face do abismo. Ninguém poderia segurar as rédeas da aurora que surgia tal como um arco-íris. Um bando de gaivotas riscou o espaço entoando uma melodia que suplantou todas as outras que cantávamos, e uma mão oculta, com todo o engenho e arte, pintava um quadro da cor do ouro, inesquecível. O céu agora já não era mais o mesmo céu que eu conhecia, era um céu carregado e rajado suspenso no ar, e aquela era uma memorável madrugada em que ele ousara galopar as crinas do sol. A aurora suspensa sorria esperando meu tio voar. Ele merecia contemplar de perto as últimas estrelas. Não havia trombetas, nem anjos, nem guardiões, só o céu colorido e calmo. O Falcão preto voava junto com as gaivotas brancas. O grande pássaro sempre voou muito alto, nunca se identificou com pássaros de asas quebradas. Ele era a luz das estrelas, a cor pálida do luar que se despedia, voando contra a brisa, deslizando pelos primeiros raios de sol que o beijavam com o beijo genesíaco. Ele era, ele foi, ele é, o início, o fim e o meio. Se existia eternidade, poderia dizer que aquela cena efêmera, inenarrável, era um fragmento dela. O sol nascia e a montanha se transformava em um quadro de Cézanne, meu tio mergulhava no mar no meio daquelas cataratas de luz com a moto alada e eu arrumava meus óculos de aros redondos, lembrança concreta de uma ausência que sempre estaria presente. Dei ordem para que voltássemos; era preciso baixar o pano. Ele viveu. Muitas pessoas só existem, apenas isso.

Lennon-Seixas não morreu, não morrerá jamais, ocultou-se atrás de seus óculos famosos, ausentou-se um pouquinho. Foi dar uma voltinha de moto por aí, carregando o assustado e alado *Thánatos* na garupa. Volta a qualquer hora... Ou melhor, o Falcão fênix não voltará,

O Ateu Ambulante

apenas chegará ao começo de tudo, já que lá estão os iniciados.

~

*“Um poeta e sua morte
Estão vivos e unidos
No mundo dos homens.”*

Hilda Hilst



O NAMORADO GERÚNDIO

*“La palabra del hombre
es hija de la muerte.
Hablamos porque somos
mortales: las palabras
no son signos, son siglos.
Al decir lo que dicen
los nombres que decimos
dicen tiempo: no dicen,
somos nombres del tiempo.
Conversar es humano.”*

Octávio Paz

Armando era seu nome, e Tarumã - pequena localidade encravada no interior de São Paulo - era a cidade de suas constantes trapalhadas. Ao contrário das curvas da estrada de Santos, onde o tempo é bem menor, Tarumã fica no meio de uma reta interminável, difícil de achar o princípio e o fim, a SP 333. Mas ali no interior sufocante de São Paulo, um homem continuamente transformava a fumaça da usina Nova América, em ondas. A única coisa que havia de bonito nesse lugar era o nome das ruas: Av. dos Gerânios, dos Lírios, das Margaridas, dos Cravos. Se o nome das ruas lembrava uma eterna primavera, a cidade, por outro lado, era completo outono e inverno, absolutamente nada acontecia ali e uma fumaça epifânica que provinha da usina a cobria de um estranha auréola.

Até os cachorros dali eram animais estranhos, já que não descansavam em lugar nenhum, pelo contrário, circulavam incessantemente ao redor da praça central da cidade e nunca chegavam a lugar algum. Entre as mangueiras e abacateiros, os homens passavam devagar, as mulheres mais ainda, e o tempo não passava nunca. Dinheiro, Armando não tinha, estudo menos ainda; caráter, possuía pela metade, embora não fosse um mau-caráter por completo. No entanto,

Salma Ferraz

compensava a falta desses atributos, do alto dos seus 25 anos e 1.78 m de altura, com o esbelto físico, corpo atraente, pele morena e olhos vadio-esverdeados, fazendo, através do seu palavreado abundante, suspirar as meninas e enervando sua namorada-noiva-mulher há exatos sete anos.

As confusões de Armando se deviam ao fato de que ele vivia enrolando e enrolado, sempre-indo-e-sempre-voltando, nunca estava em lugar algum, era um homem em trânsito com seu andar pândego. Completara apenas o primeiro grau, enquanto sua noiva terminara o segundo grau e estudava espanhol, preparando-se para o vestibular de Letras. Devido à falta de aperfeiçoamento, o sempre-noivo-rapaz não conseguia bons empregos e, quando os conseguia, graças ao gênio irascível, sempre os perdia. Se ele conhecesse a Cocanha, certamente, era lá que ele gostaria de ter nascido, porque lá quem queria trabalhar ia preso, lá as pessoas viviam cocanhando. Quando perguntavam ao homem-contínuo por que perdera o emprego, invariavelmente respondia: - Estava tendo uns problemas... Aliás, o homem-onda vivia tendo problemas. Sempre chegava aos compromissos atrasado, não em minutos, mas em horas, e a explicação todos já conheciam de cor e salteado: “Estava resolvendo uns problemas”. E assim saltava de emprego em emprego, de rolo em rolo, de atraso em atraso, só não mudava de namorada, porquanto vivia namorando, noivando, amando, transando e prometendo que um dia estaria se casando com ela. Era um solecista e sua palavra tinha só meio valor. Mas esse meio valor tênue evaporava em sons que quase nunca produziam ações.

Às vezes desaparecia da casa da namorada por quase um mês, pois sempre estava tendo e resolvendo uns problemas. Lá, num dia qualquer daqueles ensolarados e abafados, como são os dias do interior de São Paulo, voltava com a cara mais esfarrapada da cidade, tentando convencê-la de sua vida atribulada, o que era difícil, já que ele não era dado

aos livros nem ao labor. Num desses retornos, chegando cabisbaixo por trás da namorada, observou que ela estava lendo um livro em cuja capa estava escrito Português - Tempos Verbais. Sílvia estudava no exato momento do retorno do namorando, o tempo verbal denominado gerúndio. Aliás, lidar com as palavras, com verbos, com seres, descrições, diálogos, enredos gerúndicos, a busca desesperadora pelo cerne da palavra perfeita, é um silêncio e uma privação só.

- Já sei o que vai me dizer, seu estrupício...

- Como você já está sabendo?

- Sei, já decorei a ladainha-armândica - “Estava resolvendo uns problemas, negociando umas coisas, ajeitando uns rolos, consertando a moto, trocando a moto por um carro, alugando uma casa, tomando uma coca-cola, pensando na vida.”

- Você está adivinhando tudo, hoje, qualé? Pare de ficar desfiando este rosário de palavras. Errar é humano, pô... Eu vivo errando e assumindo meus erros, mas um dia eu vou acabar acertando.

Olhando aqueles doces olhos verdes daquele homem que não tinha ponto, a noiva estudante não pôde deixar de estabelecer uma curiosa comparação:

- Esse é seu problema, Armando, o seu tempo verbal...

- O meu tem-po ver-bal? Que é que você tá falando? Vá se explicando, o que tá rolando na sua cabeça?

- Além de tudo, é burro feito uma anta. O seu problema é o tempo verbal, você sempre está no gerúndio, sempre está metido numa ação que começou e não terminou ainda. Suas ações, seus planos, seus sonhos não terminam nunca. Você é um homem permanentemente em trânsito, está sempre indo, negociando, fazendo, chegando, casando, cagando. Você nunca vai, negocia, faz, chega, casa, caga. Você nunca foi, negociou, fez, chegou, casou, cagggoouu. Estou cansada, minha paciência tá saindo da fase gerúndica, está se esgotando.

Salma Ferraz

Esgotando não, já se esgotou. Mudam-se os tempos verbais e as vontades também.

- Querida, não quero continuar brigando. Você tem uma maneira estranha de ficar lidando com palavras. Por isso eu prefiro ficar falando com meus botões. As coisas que você vive falando tem fundo.

- Por que você não fala “brigar”, pelo menos é infinitivo, não tem tempo determinado, não agüento namorar um homem em ando, endo, indo... sete anos não são sete dias, e durante sete anos você não serviu a ninguém por mim. Esses dias me perguntaram se nós já tínhamos filhos. Ah... saquei, saquei...

- Tá sacando o quê, hem? Você tá embaralhando minhas idéias. Esse seu amor pelas palavras é horrível, eu tou me perdendo, tá entendendo?

- É genético. Não, é gráfico...

- Humm, tá ficando louca, pirando...

- Teu nome é um nome no gerúndio - Armando. Teu nome é um nome no gerúndio e vem de “armação”, sempre ilimitada, é uma enrolação, uma armação que se alonga ano após ano. Os nomes são tudo. Por isso você faz tudo devagar, tudo inacabado, provisório, numa ação contínua, quase nunca termina nada do que começa... Só na continuidade, no trânsito, divagando, devagar, devagarinho. Você jamais vai entender a importância das palavras, elas fazem ação, vida, caráter, pessoa.

- Também não precisa ficar me ofendendo... Palavras são palavras, nada mais do que palavras. Pare de ficar palavreando. Não tô reclamando de você, tô reclamando das palavras. Elas são pesadas, têm uma coisa que assusta dentro delas.

- Palavras são facas de dois gumes, machucam. Não há como fugir delas. No princípio de tudo era o verbo, a palavra, se lembra da missa? Pra você a palavra, o verbo é sinônimo de enrolação, de mentira.

- A palavra é uma maldição, meu! Cega a gente, pô! Palavras são palavras, só isso, meu! E eu vivo **trombando** com elas.

- Não, a palavra é a realidade das coisas. O mundo, o universo é feito de palavras, frases, estórias. Palavra é pensamento, vida, obra-prima do homem

- Pra mim que sempre fui péssimo em Português, a palavra é um mar revoltado, onde sempre acabo me **afogando**. Não quero continuar **brigando** por causa de meras palavras. Eu vivo **babando** por você, tá **percebendo**?

- Não brigamos por causa de palavras. Palavras são atos, atos são fatos e fatos são vida. Brigar com palavras é como brigar com você, é tudo em vão. Pra mim chega, tá tudo terminado. Saio do gerúndio, não aguento mais ficar te **namorando**, acabou, terminou. Passado simples, perfeito. Ponto final. Metalinguagem pura.

- Meter a língua onde...? Só mais uma única chance... Tô conseguindo um emprego jóia na Usina Nova América. Tô caraminholando uns troços aqui.

- Tá conseguindo um emprego... Falha com as palavras e com o caráter também. O trabalho é uma conseqüência da palavra. E o caráter se constrói com palavra e ação.

- Mudo a porcaria do tem-po verrr-bal. Esqueça o maldito passado eu mereço o futuro junto com você. Eu me caso com você no próximo mês, dentro de exatos trinta dias e depois arrumo um emprego decente na usina.

- Caso, arrumo... Trinta dias. Tá bom, última chance. Mudança completa de tempo vital, quer dizer verbal. Ah! como eu gostaria que você aprendesse a esculpir as frases.

- Prometo nunca mais usar esse tal de gerúndio, nunca mais mesmo... Tô **prometendo**, não, quer dizer, promessa é dívida. Tem mais, heim, todas as palavras do mundo não dão conta do meu amor por você. Eu te amo. Vem cá me

Salma Ferraz

dá um beijo de língua, sem ruído algum de sílabas.

Após essa retórica em **ndo**, selaram o compromisso com um beijo mais que ardente e sensual, os dois se enovelaram num corpo só, carícias presentes, afagos presentes, beijos presentes, apertos presentes, lambidas sem tempo verbal nenhum, sussuros e palavrões no imperativo afirmativo, sempre. Naquela fúria louca de sexo e amor no qual as línguas não atrapalhavam e seguiam a evolução natural, Sílvia se lembrou de um detalhe importante - como **Armando** era paciente e constante no sexo. Passavam noites e noites se **amando**, se **beijando**, se **xingando**, se **batendo** de leve, **transando** e ele sempre **esperando** por ela, **recomençando** sempre num desempenho sexual gerúndico, que nunca terminava e, só por solicitação dela, ele interrompia.

Discordavam nas palavras, mas se acertavam na pele e sabiam, por anos de prática, tirar prazer um do outro, e para ela essa era a estranha lógica da paixão. Era por isso que ela, que reconhecia sofrer de verborragia, sempre lhe dava mais uma chance e daria quantas ele pedisse, porque ele era um mestre sem defeito nesse assunto. Já tinha namorado homens-pretérito que tinham feito de tudo, conseguido carros, roupas, empregos, casas, tudo passado perfeito. Também já tinha tido namorados-presente-indicativo que estudam, trabalham e até um namorado-futuro que seria médico, doutor, professor, tudo no futuro. Mas toda esta galera-gramática de namorados presente-passado-e-futuro, na hora H, só contavam as glórias passadas, presentes e futuras. No amor, na cama, eram rápidos, sempre terminavam tudo com ponto final, não havia vírgulas no sexo. Nunca faziam amor gerúndico, sem pressa, naquele meio termo e com muitos centímetros, de uma ação que já começou, mas que não terminava nunca, sempre sem acabar, só no trânsito, no bem-bom.

Enquanto o homem das circunstâncias ia **tirando** suas roupas **fazendo** com que ela sofresse aos pouquinhos de

tanto prazer, ela, mordendo-lhe o pescoço, sussurrou-lhe no ouvido algo que o deixou mais envaidecido do que já era.

- Tesão de minha existência, só não quero que você mude o tempo verbal na hora de fazer amor, na cama... Quero sempre assim, ação contínua, que começou e que nunca, nunquinha, termina, pra todo o sempre, perdição de minha vida.

E assim se amaram, gerundialmente a noite toda, durante a qual não foi necessário quase nenhuma palavra, só línguas que se entrelaçavam harmoniosas como numa sinfonia. Nesse momento único, falavam, literalmente, a mesma língua e a palavra ditava o desejo. Falo e fala, sem falha. Ardência. **Armando** não gozava em definitivo; seu prazer era incessante; passava a noite inteira gozando. Apesar das brigas por causa da vida gerúndica, aquele som **ando**, **endo**, **indo** que ela tanto odiava, no fundo era sua canção predileta, já fazia parte de um doce passado que ela adorava relembrar. Ela realmente achava que seu falar era musical, havia música em suas palavras. Quando **Armando**, para não aborrecê-la, evitava esse tempo verbal, ela, no íntimo, preocupava-se. Parecia que, em outros tempos verbais, ele não era mais o mesmo, perdia a graça. Ele não existia fora do gerúndio e ela, no fundo, admirava a dialética do **ndo**.

Depois daquela noite, o ser movente tentou fazer tudo o que havia prometido, o teste na usina e os preparativos do casamento. Ele não tinha onde cair vivo, mas Sílvia herdara, de sua mãe, uma pequena chácara próxima à cidade, uma lojinha de roupas e uma casinha de material de quatro cômodos na Av. Flor de Laranjeira. Ela sabia que iria sustentá-lo, mas não se importava. Estudaria Letras na Unesp de Assis, pela manhã, cuidaria da lojinha à tarde e nos finais de semana visitaria seu sítio para buscar frutas e verduras. Calculava que fome não passariam e ela teria prazer todas as noites pelo resto dos seus dias e essas futuras-noites-de-amor-gerúndico a enchiam de um

Salma Ferraz

prazer por antecipação. Às vezes lhe surgiam algumas incertezas, mas as dúvidas são o tempero, a essência do romantismo.

Comentara com a sua auxiliar na lojinha sobre o tempo verbal do noivo-futuro-marido. A moça espalhou a notícia por toda a pequena cidade e os amigos de Armando, ao encontrarem-no na praça central, pegaram no seu pé, ou melhor, no seu modo verbal:

- Lá vem o homem gerúndio, o namorado-gerúndio, o homem do **indo**.

- **INDO** é teu cu, idiota... Quer arrumá-pra-cabeça, cara?

- Nadavê, meu. É certo que cê tá se **casando**, heim?

- Eu não estou me **casando**, eu vou me casar. Espera pra ver, imbecil...

- Tô **esperando**, Armando. Vai parar de viver **morcegando**...

- Te arrebento a cara... Heim!!! Tô aqui pensamente**ando** uma coisa... Quer ser meu padrinho?

- Tá me **convidando**...?

- Não tô **gozando** da tua cara não. Tô te **convidando** mesmo!

Pessoas que não entendiam nada de português, até o pessoal que trabalhava no eito na usina e era analfabeto, achava chique chamá-lo de “namorado gerúndio”, até o próprio Armando acabou **achando** o apelido literário. O mês voou e Sílvia acabou **providenciando** tudo: padre, igreja, vestido, terno, recepção, convites; ela sabia que seria dessa forma, mas o importante é que, após sete anos, **noivando**, **namorando**, ela iria se casar com o Armando, que certamente não era Jacó. Ele se casaria, seria um homem casado; dela, de mais ninguém. O mês era maio, sem nenhum **ndo** no meio. Durante aquele mês só tiveram seis brigas. Primeiro por causa do apelido que

Armando recebera de namorado-gerúndio, as outras cinco porque Sílvia notara que ele comia muita carne gorda e estava uns quinze quilos além do seu peso normal, motivo pelo qual lhe chamou a atenção de forma áspera. **Armando** ficou irritadíssimo muito mais pelas observações sobre o excesso de carne gorda e batatinha frita do que pelo apelido em si. No íntimo, acabou até gostando do epíteto - namorado-gerúndio. Era porreta ter um apelido gramatical, mas odiou as observações sobre o seu excesso de peso, afinal, só porque sua mãe havia morrido com problemas cardíacos aos trinta e cinco anos, não significava que isso também aconteceria com ele.

Chegara finalmente o dia. Sem descrições longas, sem embromação verbosa, embora creia que, sem adjetivos, a alma da frase se perde. A pequena igreja de Santo Antônio, além de lembrar um pequeno castelinho de estórias infantis, era como todas as igrejas do interior: padre de paróquia pequena, amigos e parentes - todos conhecidos uns dos outros - flores do campo, noivinhos e noivinhas, tudo singelo e bonito. Sílvia, como é costume entre as noivas, se atrasara, mas bem pouco, uns quinze minutos apenas, uma vez que temia que **Armando** mudasse de idéia, aliás, isso é o que ele mais sabia fazer, o que ele mais fez em toda a sua vida, embora nunca agisse. Final de sábado, o sol se escondendo vermelho atrás das árvores da praça central da cidade, e a noiva chegando num corsa branco, conduzido por seu padrinho. Quando o carro encostou na porta da igreja, Sílvia abaixou o vidro e viu que os padrinhos ainda não tinham entrado e que a tia de **Armando**, que o conduziria à igreja, estava nervosa. Os padrinhos e a tia se aproximaram do carro e ficaram extasiados com a beleza da noiva.

- Como você está linda!
- E o **Armando**, onde está? Por que ainda não começaram a cerimônia? Estamos atrasados...
- O **Armando** ainda não chegou. Já ligamos e ele

Salma Ferraz

disse que já está **vindo**, que já está **chegando**.

- Mas ele me prometeu que não iria se atrasar. Liguei para ele, há apenas uma hora e ele já estava pronto, disse que só ia tirar da garagem o carro emprestado pelo amigo, que já estava **vindo**.

- Você sabe o que é casar com um homem gerúndio. É isso aí, logo ele está **chegando**.

- Brincadeira agora, não. Impossível, conheço o Nando. Algo está errado, ele me prometeu não se atrasar. Rápido, alguém precisa ir de carro até a casa dele; é apenas a três quadras daqui, ali na Av. dos Crisântemos; rápido, que eu tô nervosa, muito nervosa.

Um dos padrinhos saiu com o carro cantando pneu e dentro de dez minutos voltava sozinho, pálido como a lua cheia que surgia no céu. Sílvia já em pé, fora do carro, segurando o véu branquíssimo com as mãos trêmulas, aproximou-se do homem e percebeu o semblante carregado. Sentia um aperto no peito. Não era presságio. Para ela, o destino ou era sábio demais, ou demasiado cruel, já que nunca lhe enviara nenhum recado.

- Cadê o **Armando**? Por que não veio ainda?

- Calma Sílvia, é preciso se conformar..

- Conformar com o quê? Pelo amor de Santa Rita de Cássia, a protetora das causas impossíveis, quero a verdade nua e crua!!! Já!!!

- O **Armando** finalmente mudou de tempo verbal. Pela primeira vez na vida tomou uma atitude definitiva.

- Como? Explique-se direito, pelo amor de Deus...

- Encontrei-o vestido com o terno azul do casamento, com cravo vermelho na lapela dentro do carro, o portão já aberto...

- E por que não chegou ainda?

- Estava... Estava... Morto... Ataque cardíaco...

Fulminante. Muita emoção...

A noiva sentiu o gosto amargo daquelas palavras, o poder irredutível do tempo passado e seu choro foi um choro em todos os tempos verbais possíveis. No velório, alguns amigos se lembraram que minutos antes do casamento haviam passado de carro e **Armando**, já dentro do carro, lhes acenou dizendo em voz meio baixa e sôfrega:

- Estou morrendo de dor no peito, me ajudem. Ninguém acreditou, saíram todos gozando dele, aquilo deveria ser mais uma de suas presepadadas. Bancando o trapalhão gerúndico até na hora do casamento, tenha dó...

Ele não estava morrendo, ele realmente morreu. Saiu escorregando, dando um balão no presente, driblou o gerúndio e aterrissou na grande área do passado. Perfeito. O tempo não compra passagem de volta e os verbos não mudam nunca.

~

*“A linguagem é como uma pele: esfrego minha
linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras
ao invés de dedos, ou dedos na ponta
das palavras.”*

Roland Barthes.



A FELICIDADE É AZUL¹

“E, se o teu olho te faz pecar, arranca-o, e atira-o para longe de ti. Melhor te é entrar no céu com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno.”

São Mateus 18:9

No princípio era o sexo. Hoje, mais do que nunca, continua a ser o sexo. O novo milênio está surgindo e o velho e bom sexo sobreviverá, principalmente em Faxinal do Céu, cidadezinha da serra paranaense. Escrever é, antes de tudo, um ato de reflexão. Ultimamente tenho pensado muito num *causo* relatado por minha mãe, que ocorreu nesse local paradisíaco, de clima ameno e sempre envolto em nuvens. O *causo* envolvia morte. A grande ceifadeira, a desordeira, a ilógica, a desordenadora, a desnorteadora, a perversa, a inominável, ela, a *indesejada das gentes*, chegara e não encontrara nada arrumado. Pelo contrário, encontrara a casa desarrumada, o quarto bagunçado, os lençóis amarfanhados, manchas suspeitas sobre o lençol, e pegara um homem, não de calças curtas, mas inteiramente nu. Morrer nu até que é comum, o problema desse Adão é que ele morreu nu, na casa da amante, no momento do gozo, que, para ele, foi o gozo final. Supomos, pelo que nos foi informado, que ele morreu antes da *hora H*, num coito interrompido, pois, mesmo morto, inacreditavelmente, seu pênis continuava eretíssimo.

Não interessa ao conto o que se passou com a amante naquele momento, o que daria outro relato: o que ela pensou em fazer, como mandaria o corpo de volta para a casa da mulher de seu amante, que, aliás, era nada menos que sua querida comadre que morava em um bairro próximo ao seu,

¹ Menção honrosa no IX Concurso Nacional de Contos “Ignácio de Loyola Brandão” promovido pela Prefeitura do Município de Araraquara, Maio 2000.

Salma Ferraz

as explicações que teria que dar ao médico do IML, aos agentes funerários e, o pior, o que fazer para esconder aquela virilidade despropositada. Olhava para um frasco de pílulas azuis sobre a cabeceira da cama e achava que toda a desgraça presente - e por vir - devia-se àquelas malditas pílulas azuis. Pensava em seu marido, José, que era caminhoneiro e deveria estar retornando naquela noite. Pulemos os detalhes que não interessam e cheguemos direto ao momento em que os agentes funerários entregam o corpo na casa da esposa, que estava em completo transe, de tanta dor. Não entendia como seu marido, com uma saúde razoável aos sessenta anos, saíra para dar suas costumeiras caminhadas após o almoço e agora, no final da noite, chegava num caixão. Recordava que, nos últimos meses, ele havia se queixado de uma dor intensa no peito e ela, precavida, já tinha agendado uma consulta com um cardiologista de sua confiança. Estranhara a demora na caminhada, mas jamais imaginara aquele desfecho para uma vida cheia de rotinas. Recebera a notícia através de uma vizinha e depois fora informada, via telefone, pelo médico legista, que seu marido tivera um ataque cardíaco fulminante. Em Faxinal do Céu ainda se costumava velar os corpos dos entes queridos em casa.

Os agentes entregaram o corpo e, antes de abrirem a urna, pediram uma conversa reservada com a mulher do defunto: Maria Hotela, ou Maria Otela, ou simplesmente Otela. Esse nome excêntrico tinha sua explicação. Durante muito tempo Maria fora dona do único hotel da cidade, e por ali havia muitos descendentes de ucranianos e poloneses que costumavam se referir às pessoas acrescentando a profissão ao nome, trocando sempre o masculino pelo feminino. Assim tínhamos na cidade o João Padeira, Joaquim Verdureira e a Maria do Hotela. Com o tempo, até carta era endereçada para Maria Hotela. Os anos se passaram e o H desapareceu de seu nome, ficando apenas Maria Otela. Decorrido mais algum tempo, por questão de economia, o segundo nome prevaleceu - Otela.

A viúva, até aquele momento, não tivera forças para se decidir se manteria a tradição da cidade, vestindo-se de preto. Chorava compulsivamente quando entrou num pequeno quarto ao lado da sala, amparada pelos dois agentes funerários. Poucas pessoas tinham sido avisadas, a notícia ainda se espalhava pela cidade e a casa ainda estava vazia. Somente umas três mulheres estavam do lado de fora, na varanda, quando o corpo chegou. Ninguém desconfiou de nada. Os homens da funerária confirmaram, com as mãos, se a porta do quartinho estava realmente trancada e, após um enorme constrangimento, informaram à desolada viúva sobre o estado, digamos, de excitação sexual em que se encontrava o defunto.

O cérebro de Otela pensava numa velocidade atordoante e rápida, já que mergulhava nos domínios da dúvida. Suas lágrimas, instintivamente, secaram. Não se humilharia perante aqueles homens que, mesmo naquela situação, mantiveram a postura. Pediu que eles trouxessem o ataúde até o quarto e que informassem aos presentes que a viúva resolvera mudar o terno do falecido. As ordens foram cumpridas. Ela ficou a sós com o corpo do que tinha sido seu marido – seu amado Dedê. Pegou o laudo médico, ligou para IML e pediu, através da extensão do telefone no quarto, para falar com o legista. Otela queria saber o motivo do ataque fulminante do coração de seu marido e o porquê daquela ereção absurda. Desconfiava que duas coisas estavam íntimamente ligadas: morte e prazer. O médico enrolou-a mais do que pôde, até que finalmente, já cansado da labuta de um dia exaustivo de trabalho e querendo ir para casa tomar um bom banho, desabafou:

- Seu marido morreu de ataque cardíaco.... porque.... porque tomou Viagra e morreu no ato...
- Que ato?
- Morreu fazendo sexo... Me desculpe mas...

Otela segurou nos olhos a última lágrima de sua

Salma Ferraz

vida. Desligou o telefone, não importava quem era a amante. O que importava era que ele a havia traído e ela teria sofrido mais ainda se descobrisse que aquele dia, 22 de setembro, era o dia da amante. Abriu o esquite e pôs tanta raiva naquele ato que quase jogou a tampa no chão. Os agentes não haviam conseguido fechar a calça do falecido porque um pênis desavergonhadamente ereto se destacava no meio daquele corpo sem vida. Se ela pintura conhecesse, teria identificado aquele pênis com as esculturas de Louise Bourgeois ou com as gravuras de William Blake, porém, a primeira coisa que lhe veio à mente, foram os desenhos dos mictórios dos banheiros de beira de estrada, e seus olhos, diante daquela ereção, perderam toda a inocência.

Se pudéssemos relatar todos os seus pensamentos naquele momento... No entanto, às vezes é difícil narrar o inenarrável. A lógica de um cérebro tumultuado não é a lógica da gramática, o que acarreta um problema de enunciação impossível de ser resolvido. Mas tentaremos. Trinta anos de suposta feliz existência, sem sobressaltos, sem grandes frustrações e tormentos amorosos, freqüentando missas e mais missas, procissões e mais procissões. Trinta anos coroados com aquela exibição pornográfica e que, pelo jeito, se queria pública. Seu mundo e sua vida desabaram em cima daquele pau-ferro, daquela espada empunhada postumamente, e ela tinha a impressão de que era a primeira que vez que o via realmente nu. Para uma boa corneada, um pinto ereto mais do que bastava, e pensava que, àquela altura, a amante, o médico, outros legistas, os homens da funerária, todos deveriam estar zombando da mulher carola, cujo marido morrera montando o corpo de outra. Ela sabia que os homens brasileiros, se não fosse caso de estupro, sempre seriam solidários com qualquer pau-brasil ereto, principalmente se a ereção atravessasse os limites da vida. Mais o pior é que o morto voltava para casa, ostentando a traição. Ele era, sem dúvida, um legítimo espada, mas ela cortaria o mal pela raiz; afinal, a morte entrara por ali.

Ele morrerá como um zangão no ato da posse.

Pensava mil coisas diante daquele pau duro, enquanto pensamentos estranhos desgarravam-se de sua mente e a adrenalina invadia seu corpo. A dor e o ódio eram pelo pinto vivo e não pelo resto do corpo morto. O que ela sentia era o que Sócrates denominava de a *dor da alma*, Shakespeare de *monstro de olhos verdes* e o povo, em sua sabedoria e simplicidade, de *dor de corno*.

A morte havia-se aproximado dele a galope, literalmente a galope, já que Eros e *Thánatos* realizaram um trabalho completo. Ele morrerá galopando e a marca do gozo que tivera naquele galope final havia manchado sua cueca, sua camisa, sua pele. Sua roupa suja estava ali numa sacolinha que os homens, constrangidos, entregaram. Aproximou-se da sacola e, ao abri-la, sentiu um cheiro de amônia fortíssimo. Voltou para perto do defunto e sentiu que aquele corpo morto exalava uma estranha fragrância. Sua revolta aumentava porque fora traída, perdera o marido que era um safado, mas, pior, ele morrerá feliz, já que sua face estava serena. Seus pensamentos estavam muito confusos, maldizia o viagra mil vezes, maldizia a pílula azulada da Pfizer, o maldito diamante azul. Repetia para si mesma a palavra *Viagra*, incessantemente. O cientista Campbell deve ter ficado com a orelha vermelha tantas foram as maldições que a viúva lançou sobre a sua criação. Até que teve um estalo de lucidez. Não, o viagra não era culpado de nada. Seu marido é que tinha sido um tremendo canalha, um biltre. Há quantos anos será que ele a traía? Dúvidas e mais dúvidas lhe passavam pelo espírito. Maldizia o marido em voz abafada, conversava consigo mesma num solilóquio próprio de Raskólnikov, já que aquele falo continuava mudo.

Os dois parados e concentrados. Ela e o pênis. Uma luz embaçada no teto baixo do quarto iluminava aquele pau rosa que, em sua solidão e orgulho, parecia um tenor no meio do palco, com sua barba e seu peito inflado. O pênis dominava

Salma Ferraz

o palco, a cena. Como levar aquele defunto tarado para o meio da sala? Amarrá-lo com um cordão? Não, ela continuaria a sofrer durante o velório, sabendo que a qualquer momento ele poderia rebentar o cordão e lançar-se como uma catapulta no espaço. Não passaria por esse vexame. Teria de agir rápido. Já estava ouvindo um zumzum na sala. As pessoas chegavam para reverenciar o amigo, o beato, o compadre. Sentia que lhe faltavam forças, e então apoiou-se de mau jeito na máquina de costura e isso fez cair no chão, próxima aos seus pés, uma enorme tesoura de costureira, herança de sua mãe, que ela havia mandado afiar naquela semana. Quem não tem nenhum pecado que dê a primeira tesourada.

Se o crime já havia sido cometido - o adultério - agora restava a ela elucubrar rapidamente o mais terrível dos castigos possíveis nessa terra miserável. Mas como castigar um morto? Olhava para o pênis, olhava para a tesoura caída aos seus pés, e suava frio. Tal crime, tal castigo. Sentia um tumulto no cérebro. Pensava em Santo Expedito, o padroeiro das causas urgentes. Mas ao lembrar-se da túnica vermelha do santo, ficou, instintivamente, mais desesperada ainda. Aquele santo era muito viril para o seu gosto e para o momento queurgia. Pensou em São Jorge, mas aquela lança em punho e aquela capa vermelha combinavam demais com a cena que via diante de si. Depois, lembrou-se da última missa em que o padre falara de Jacó. Não, Jacó tinha os testículos muito prodigiosos para o seu gosto. O certo é que uma nuvem, ou melhor, uma montanha vermelha ereta, escurecia-lhe a vista. Não ousava olhar a face gélida do marido, porque ela estampava uma obscena expressão. Abaixou-se, pegou a tesoura antiga e afiadíssima, e, arrepiada, pensou que tudo aquilo, em poucos minutos, estaria acabado. Estava ali há mais de vinte minutos e o tempo corria, dali a pouco chegariam os filhos e os netos, de Curitiba. Tinha que agir depressa. Mas a idéia, sugerida por aquela tesoura do século passado, a repulsava por completo.

Não sabia o que estava mais rubro, se a sua face ou o quase ex-pênis do marido. Que segredos cabeludos estariam guardados ali, naquele vulcão pornográfico? Havia uma energia póstuma lhe afrontando os brios, um resto de vida que insistia em permanecer ali, no meio daquelas pernas mortas, há algumas horas. Ele se vingava dela, potencialmente e postumamente. Mas vingança de quê? Sempre fora uma ótima esposa, dedicada ao lar e à igreja. Um galo cantou fora de hora e aquilo a deixou ainda mais irritada. Ensimesmada, associava palavras: *galo, galinha, galinhagem, garanhão*. Seu ódio a deixava vermelha, pois sentia tantas emoções que sua pele, seu corpo, tudo nela se ruborizava. Pode-se dizer que, se ódio possuísse cor, o dela seria vermelho, muito mais vermelho do que a cabeça daquele pênis que parecia olhá-la afrontosamente. Aquele falo ereto do discípulo de São Gonçalo, a fez morrer várias vezes, em menos de meia hora. O defunto era a imagem e a semelhança de Príapo, deus grego da fertilidade, com seu falo constantemente ereto. Um silêncio sepulcral - sepulcral não, penial - pairava no ar e o cheiro de sexo, mesmo após o banho na funerária, não desgrudava daquele defunto. Aquela ereção era desumana e aquele, certamente, não era o sexo dos anjos. Seu ódio determinava o ato e o clímax do enredo exige uma ação. Um silêncio mortal pesava sobre aquele pênis, mas não o suficiente para desenrijecer aquele monólito. Seu marido tinha a inconfundível aparência dos demônios de Bosch, do *Jardim das Delícias*. Ele teve aquilo que poderia ser chamado de uma boa morte.

Deus havia-se vingado e expulsado nossos primeiros pais do paraíso. Por que ela, uma pobre mortal, não poderia cortar o mal pela raiz em Faxinal do Céu, realizar uma faxina? Faxina em Faxinal, ressonância bem a propósito e que não pôde ser evitada. Cortar o mal pela raiz, eis aí um chavão que no presente conto transforma-se num chavão filosófico. Deuses e seres humanos igualavam-se nesse sentimento – a

Salma Ferraz

ira. O texto sagrado rezava - *Irai-vos e não pequeis*. Não, o texto bíblico deveria estar errado. O certo seria - *Irai-vos e pecai, quando há motivo*. Não, o sol não se poria sobre a sua ira pois a sua raiva era sábia. Seu cérebro tentava raciocinar, mas aquela ereção *post-mortem*, hedionda, estuprava seus olhos já secos. Aquele minarete turco, esculpido trabalhosamente por mãos e línguas estranhas, era um espinho na carne do morto e na carne dela também. Parecia que o pênis estava com raiva dela, ganhara vida e personalidade próprias, tinha sangue nas veias arroxeadas, que o circundavam. Aquele pênis tinha sangue na cara, mas ela também tinha vergonha na cara e sangue italiano nas veias. Era um ser abjeto que ganhara vida própria e a encarava com personalidade com sua cabeça rosada, do alto de seus dezenove centímetros. Olhavam-se e odiavam-se enquanto ela realizava uma autópsia visual no membro. Ela odiava o resto de vida que insistia em se concentrar ali no meio das pernas, naquela ereção cadavérica. Aquele vesúvio, que estava preparado para expulsar de si a lava cremosa e branca, o magma maldito, a lava obscena, não o acompanharia até o cemitério ou até o inferno. Repetia silenciosamente - *pênis, penial, península, peniária, penada, prevaricadores*. Palavra puxa palavra e pode conduzir à insanidade; às vezes, a insanidade é saudável. Sim, agora recordava-se de outra passagem bíblica que a favorecia - *os prevaricadores não entrarão no reino dos céus*.

A calma daquela cabeça rosada era uma calma excêntrica, nem se mexia. Olhando a cabeça rosa-quase-gozei daquele pinto-aço, pensou que essa cor - rosa – deveria ser a cor dos traídos: rosas, camisolas rosas, pintos rosas, lábios rosas, línguas rosas. Mas se aquela natureza exuberante não podia ser corrigida, emendava-se. O desejo de castigo era maior que suas próprias forças. Aquilo seria um meio pecado. Não, pensou consigo. Não existia meio pecado. Ela estava prenhe de ódio, e suas mãos, que suavam frias, estavam sedentas de sangue. O pênis só esbanjava, solitário, sua inocência rosa. Era um pau cara de pau.

O morto estava em paz, mas ela, a viva, não. Ela possuía o direito divino àquele crime, pois era uma cristã. Ela tinha sido fiel e isso lhe doía na alma. A fidelidade deveria ser uma virtude só de pessoas ridículas, só de pessoas gordas. O pênis é quem movia o mundo, e não o coração. Tinha direito adquirido sobre aquele pedaço de carne e faria com ele o que bem entendesse. Possuía o direito divino e inalienável de cometer aquele crime, se crime existisse. Aproximou-se do morto e, com muito asco, ainda tentou empurrar a montanha de aço para baixo. Empurrava com certa força e a montanha, qual catapulta, ofensiva e desrespeitosamente, se lançava ao ar, quase machucando sua mão. Repetiu o movimento por mais duas vezes.

O inesperado acontece nos momentos mais tensos da vida. Enquanto tentava soterrar aquele legítimo pau polonês, foi preciso manuseá-lo e ela nunca, em seus trinta anos de casada, segurara algo tão duro, tão deliciosamente grande. Enquanto nos recônditos mais secretos de sua alma um crime perfeito começava a ser planejado, começou a sentir, em outra cavidade secreta de seu corpo - há muito tempo em desuso e ressequida - uma água misteriosa invadindo-a silenciosa e persistentemente. Aquele falo era brutalmente belo e ela, pela primeira vez na vida, se sentia nua diante dele. Nunca tivera um orgasmo em toda a sua vida, também nunca aquele pau ficara tão ereto em todos os seus trinta anos de casamento. Aquela fonte nunca jorrara aos borbotões para ela. Não acreditava no que estava sentindo. Excitando-se na frente de um homem que a traíra e ostentava a traição até depois de morto? Como? Não era possível, deveria estar doente, febril, muito febril. O ódio é um sentimento muito excitante. Ela estava excitada diante daquele minarete rosa. Outro pensamento passou de raspão pela sua mente atormentada. E se ela gozasse o seu primeiro e último gozo? Se ela conseguisse arrancar, daquele pinto, o último prazer que ele podia proporcionar?

Salma Ferraz

Não, definitivamente não. Tinha seus brios. Com o ódio que sentia era capaz de matar alguém, mas, jamais, de roubar um prazer que não era seu, terminar algo que ela não iniciara. Aquela ereção não era sua, seria um roubo, isto sim, um crime abjeto. Sua mão deveria ser a do carrasco e não a do gozador. Lembrou-se de outro versículo do Apóstolo Paulo – *Esmurro meu corpo e o reduzo à servidão*.

Pensava que em breve aquilo tudo estaria concluído, enquanto sentimentos paradoxais se chocavam dentro dela. Olhou o relógio e já estava ali há quase 25 minutos, planejando sua vingança. Seu ódio e o viagra determinavam aquele crime. Um cheiro de flores vinha da sala ao lado, que agora já tinha muita gente, eurgia realizar o ofício dos mortos. Lembrava-se das palavras da Bíblia: *Se o teu olho te faz pecar, arraca-o. É melhor entrares no céu caolho, do que ires para o inferno com os dois olhos*.

Não podemos imaginar as divagações de uma mulher corneada, ainda mais com a prova do crime saltando diante de seus olhos. Se o que pensava em fazer fosse pecado, não haveria mais salvação na face da terra. Um pecado de alguns segundos e alguns centímetros a menos. Ela, em sua já quase antiga bondade, acreditava que estava desempenhando um papel que não fora escrito para ela. Mas agir era preciso; afinal, ela já pecara em pensamento, agora era só agir. A sua consciência já havia decepado aquele pênis, só faltava o ato de suas mãos.

Certificou-se de que a porta do quarto estava fechada. Abaixou-se, segurou a tesoura e, como se ela fosse uma forquilha, amparou entre as lâminas aqueles 19 centímetros de comprimento por 14 de circunferência. Colocou força nas mãos de verdugo e, com algumas rápidas tesouradas, terminou aquele ato sexual, com cuidado, já que queria aquele membro inteiro. A mão imolava a vítima, e um sangue - meio morto, meio vivo - escorria dali. Infâmia, com infâmia se paga. Lei de Talião - olho por olho, dente por dente,

pênis por pênis. Agora, o pênis não mais moveria o mundo, findara-se a tirania penial. Não, ela era católica e por isso parodiou silenciosamente os evangelhos - *Se o teu pau te faz pecar, arranca-o pela raiz. É melhor encontrares São Pedro, eunuco, do que te apresentares a Lúcifer, ereto.* Fez o que tinha de fazer, uma espécie de pesagem das almas, de juízo final, e o zíper, finalmente, pôde ser fechado. Só restara um buraco vermelho, que jamais expeliria nenhuma matéria, nenhum líquido, nenhuma secreção.

Na sala, tentando disfarçar todos os sentimentos contraditórios pelos quais havia passado, recebia os pêsames com um certo incômodo. Os filhos chegaram, os netos, as cenas comuns a todos os velórios se sucediam, os gemidos, o choro. Olhares que pediam perdão, afagos no corpo do defunto. Em meio a tantos abraços e sentenças idiotas, visualizou sua comadre Helena. Ela estava de preto, e Otela achou isso muito esquisito. Será que a comadre se vestira de preto por solidariedade a ela, à amizade das duas? Helena se aproximou da viúva e deu-lhe um abraço apertado e muito demorado. No meio do abraço irrompeu em lágrimas e gemidos despropositais, que chamaram a atenção dos presentes. A viúva tentou desvencilhar-se daquele constrangimento, já que estava esgotada, e afastou sua comadre de seu corpo, olhando-a nos olhos e lhe pedindo calma. Helena não a encarou, desviando os olhos para o chão, e, nesse momento, Otela sentiu que algo estava muito errado. Ainda cabisbaixa, Helena lhe informou que iria até o seu carro trazer umas flores.

Otela, visivelmente perturbada, pediu uma xícara de café, uma vez que estava tresnoitada. Achava que estava delirando, devido à febre de 39 C°. É que sentiu o mesmo cheiro presente na sacola cheia de roupa suja, impregnado no pescoço de sua comadre. Deveria, só poderia estar completamente louca. Tomava seu café pausadamente, quando Helena voltou com um buquê de antúrios rosa e ajeitou,

Salma Ferraz

carinhosa e liricamente, as flores em volta do corpo do morto. Chorando mais comedidamente, acariciou o rosto e segurou, por alguns minutos, a mão do falecido. Seus olhos - mesmo cheios de lágrimas - com muito espanto e cautela se dirigiam a um lugar específico: o centro do corpo do defunto. Disfarçava, olhava para cima, para o rosto, para as flores, mas insistentemente voltava para o zíper do defunto. Otela não teve mais nenhuma dúvida. Fora traída duplamente. Sua comadre mais querida tinha sido amante de seu marido, e era ela a co-responsável por todo aquele transe. Cerrou os dentes; suava frio, mas manteve a calma; pensou que jamais morreria do coração, se aguentasse tudo em silêncio. Os olhos inquietos de Helena se cruzaram, uma única vez, com os olhos faiscantes e esfíngicos de Otela. Eram olhares ambíguos, que se cruzavam sobre o corpo de quem já não podia enxergar mais nada. Não foi preciso nenhuma palavra entre elas; os olhos deram a chave que abriu todos os mistérios.

A noite toda Otela teve que se conter ao observar todos aqueles antúrios rosa, falicamente apontando suas hastes para o teto da sala. Era um tormento do além-túmulo. Aqueles antúrios eram a metáfora de sua vida.

No outro dia, depois que o corpo foi encomendado pelo padre e após todos se despedirem do morto, a viúva que, inexplicavelmente, mantinha uma atitude serena, pediu ao padre um minuto a sós com o morto. Alegando fraqueza, solicitou a presença da comadre Helena. As duas ficaram a sós. O cheiro de morte invadia a sala, e elas suavam frio. Otela chamou, com um gesto, a comadre para perto do esquife. Silêncio tão completo que se podia ouvir a respiração das duas. Otela retirou do bolso uma tesoura e começou, diante dos olhos atônitos de sua comadre, a cortar as hastes de todos os antúrios, um por um, com uma calma assustadora. Sua comadre soltou um grito horroso, desmaiando em seguida. O morto castrado, os antúrios castrados, vingança quase completa.

Eunucos: antúrios e defunto.

Uma semana depois, Helena, que adorava conservas, recebeu uma conserva de pepinos, envolta com uma toalhinha rosa bordada. Era um vidro exótico pois continha pepinos verdes e um solitário pênis rosa. O vulcão extinto virara conserva, e jamais expeliria nenhuma gosma espumante. No outro dia pela madrugada, Helena - personagem secundária que, sozinha, daria outro conto - embarcou para os cafundós de Pernambuco, rumo à casa de uns antigos parentes, e nunca mais pisou em Faxinal do Céu. Seu marido chegou naquela semana e estranhou a incompreensível fuga da mulher, justo agora que ele iria se aposentar. No outro dia soube da morte de seu compadre Dedê e foi visitar a viúva que parecia não estar tão desolada assim.

Na conversa, José consolou Otela, e demonstrou intenção de ir buscar sua esposa, no nordeste. Otela não vacilou, contou-lhe em detalhes o ocorrido, e o marido traído, agora, manifestava firme convicção de assassinar a adúltera. Encontro dali, encontro de lá. Consolo daqui, consolo de lá. Café daqui, licorzinho de lá. Xitãozinho e Xororó daqui, Leandro e Leonardo de lá. Conselhos e mais conselhos, e as visitas foram-se intensificando. Dentro de um ano, os dois se tornaram uma só carne, não sem antes José, por exigência de sua futura mulher, passar por um exame completo, principalmente do coração.

Na noite de núpcias, Otela estava com uma camisola azul, muito escandalosa para sua idade. José, que segundo os exames estava com uma saúde perfeita - do alto de seus 55 anos - adorou a sugestão, e não recusou a pílula azul oferecida por sua fogosa mulher.

Contam que se tornaram amantes ardentes, viajando todo final de semana até um motel que ficava na BR, o que deixou a população de Faxinal do Céu e o pároco local escandalizados. Deixaram de ir à missa e passaram a freqüentar

um clube de dança para a terceira idade. Tinham encontrado o céu, em Faxinal do Céu. Gozavam, em vida, as delícias do paraíso, e a felicidade, para eles, tinha cor - era completamente azul.

~

*“Então requebra, esfrega, requebra
Esfrega no compadre
Que ele levanta e acende o fogo da comadre”*

Leandro e Leonardo

CONFISSÕES NADA SENTIMENTAIS E MEMÓRIAS ADMIRÁVEIS DE UM BODE ADOLESCENTE

ou

Historia de la vida del chivo Capitu, llamado El Conquistador, ejemplo de sensualidad y lengua profana, espejo de todas las cabritas

*“...asíó de un cuerno, y con un gran suspiro, dijo:
- ! Oh mala cosa, peor que tienes la hechura! De
cuantós eres deseado poner tu nombre sobre cabeza
ajena, y de cuán pocos tenerte, ni aun oír nombre por
ninguna vía!*

Lazarillo de Tormes

CENA I:

- Pare de anotar o nascimento das criações nesse caderninho e, principalmente, pare de anotar o nome com que a digníssima, que se diz minha esposa, batiza meus animais, entendeu? Enquanto falava em um tom nada cortês, ajeitava o imenso anel de ouro na mão esquerda.

- Senhor, faço isso porque gosto de controlar as crias da fazenda *São Bernardo*; e porque amo os animaizinhos, os batizo com nomes de pessoas, pois leio...

- Senhora, a minha fazenda não se chama *São Bernardo*, minha fazenda chama-se fazenda *Marimbondo*, e ponto. A caríssima não coloca nomes de *pessoas* nos animais, e sim nomes de personagens da literatura. A Senhora sabe muito bem que eu odeio literatura e acho que só a Bíblia é edificante para as mulheres já que todas têm um cromossomo oco no cérebro.

Salma Ferraz

- Mas por que, meu caro marido? Eu adoro os animais, adoro ler e sinto prazer em dar-lhes nomes literários, que mal há nisso?

- Esses malditos livros são todos suspeitos. Quem escreve literatura, ou é louco, ou é ateu ou é comunista. Como vou saber se os nomes que a Senhora coloca nos animais são nomes de personagens decentes? Não entendo nada de literatura, mas já andei especulando e me disseram que os nomes dos animais da minha fazenda são todos, digamos, suspeitos. Ou a Senhora pára com isso ou queimo seus livros. Honra! A ilustrada conhece a força e o poder dessa palavra?

- Conheço e sou recatada. Quem informou os predicados morais dos nomes dos animais ao Senhor foi seu ilustre irmão Paulo, não foi?

- Sim, caríssima. Foi, e daí? Qual o problema?

- Nada. O meu estimado e único cunhado comete um crime ao me intrigar com meu amado esposo. A leitura é tudo o que me resta. Não estou em um convento, nem sou vassala. Já basta viver encastelada e enclausurada nesta fazenda.

- Na minha fazenda, a partir de agora, galinha será só galinha. Não agüento mais ouvir, todas as manhãs, a Senhora desfiar esse rosário enquanto dá milho a elas: Salomé, Madalena, Megera. É uma algaravia sem fim. E a porca Dulcinéia, e o porco Lancelot? Quem foi esse Lancelot, algum cristão que morreu nas cruzadas? Responda-me, Senhora, olhando dentro dos meus olhos, quem foi esse homem?

- Bem... Ele... Ele traiu o Rei Arthur... respondeu, sem nenhuma prudência, desviando o olhar dos olhos inquisidores do marido.

- Sim, tenho um porco traidor no meu quintal e devo isso a minha formosa esposa Francisca. A partir de hoje, nesta fazenda, nesta casa, no meu curral, no meu galinheiro, galinha será só galinha e porco será só porco, entendeu, cara dama? Pode fazer o que lhe aprouver na vida, só lhe peço que

evite esta canalha literária. A Senhora é a mais formosa, casta e virtuosa mulher que conheci, os livros é que lhe embarçam os miolos.

~

Antes de iniciar, fico pensando qual seria o tipo de linguagem correta para relatar um conto com mais de 50 anos. Não gostaria de usar uma linguagem parnasiana, cheia de esdruxulices. Também não posso narrar com a linguagem de quem vive às portas do terceiro milênio. Nem sempre os limites do mundo são os limites da linguagem, mas a verdade é que o corpo-a-corpo com as palavras, às vezes, torna-se um ritual cansativo. Rememorar o vivido, o não dito, o indizível, é uma travessia perigosa.

Essas eram as únicas tertúlias *zoobioliterárias* ou bosquejos poéticos possíveis entre meu avô Gabriel - mais conhecido por Béco - e minha avó Francisca, que, segundo relata minha mãe, era um compêndio de virtude e inteligência. Meu avô concluíra o antigo curso Comercial em São Paulo e interrompera os estudos superiores por causa da morte de seu pai. Regressara de São Paulo para a cidade de Ibatí, no norte do Paraná, tomando posse de sua herança e dedicando-se à fazenda Marimbondo. Minha avó havia estudado o antigo Clássico, também na capital paulistana, e era aficionada por literatura. Queria continuar estudando, mas devido ao preconceito próprio do interior do Paraná, nos anos quarenta, cedeu à pressão dos seus pais e, aos dezoito anos, aceitou, depois de muito relutar, a imposição de se casar com meu avô, próspero criador de gado.

Apesar de terem estudado na capital paulista, os dois foram apresentados numa festa em Itararé, na divisa de São Paulo com o Paraná, tudo muito bem organizado pelas duas famílias interessadas naquele matrimônio, baseado em dois “agás”: herança-honra. O noivado foi curto - entre namoro e

Salma Ferraz

casamento - seis meses apenas. Na véspera do casamento, os empregados de minha avó levaram, da fazenda Arco-Íris para a fazenda Marimbondo, sete baús enormes, seis de livros e um de enxoval, o que deixou o futuro marido espantado. O certo é que minha avó fora educada lendo romances românticos, novelas de cavalaria, os trágicos gregos, os clássicos romanos, enfim, adorava todo o tipo de literatura. Mas após três anos de convivência com o ciúme doentio de meu avô, minha avó despencou dos corcéis brancos românticos e aterrissou violentamente na realidade das moças coxas do realismo.

O ciúme do meu avô era terrível. Alguns acreditavam que era pela diferença de idade; meu avô era exatamente dezesseis anos mais velho que minha avó, mas era um moreno de olhos acastanhados, cabelos encaracolados e não aparentava ter os seus trinta e quatro anos, além do que, o seu sucesso com as mulheres era algo comentado por todos daquela região. Mas minha avó era uma morena selvagem de vasta cabeleira negra e, por causa da beleza exuberante, usava roupas propositadamente conservadoras, que lhe cobriam o corpo todo, justamente para aparentar mais idade. Mesmo assim, vovó era linda.

Vô Beco tinha ciúmes dos irmãos de minha avó, dos primos, das primas, das amigas, das leituras, dos seus olhos verdes e, principalmente, de suas lindas pernas roliças. Se era amor de menos ou ciúmes demais, ninguém sabia ao certo, mas até suas missivas ele as proibiu, vigiando não só os seus passos, mas todos os seus olhares. Minha avó que, segundo consta nas antigas fotos, era um diamante, abundava em quilates de pernas e seios capazes de derrubar com um simples andar um esquadrão de cavalaria inteiro, foi-se afastando de todas as pessoas que lhe eram queridas e tornou-se solitária. Consolava-se com os livros e lia um romance por semana. Para se divertir, anotava num caderninho o nome da cada animal que nascia na fazenda, e toda sua estória: o dia que nascera, quando se casara,

quando procriara e quando morrera. Ao lado do nascimento, ela tinha o curioso costume de nomear o animal com o nome de um personagem famoso do romance que ela estava lendo. De certa forma escrevia uma espécie de *biozoografia*, com perdão da má aglutinação dos radicais.

Na biografia da vaca Lucrecia Formosa, estava anotado: *Nasceu, em 1950, a vaquinha Lucrecia Formosa. Em janeiro de 1953 Lucrecia, ainda virgem, contraiu núpcias com o touro D. Juan, e no início de outubro teve uma filhinha chamada Isolda – a Bela. No ano de 1958 minha amiga Lucrecia me deixou.*

Acreditava-se que os nomes eram dados espontaneamente, de acordo com o romance que ela lia na época do nascimento do animal, tanto assim que havia animais machos com nomes de personagens femininos, como o bode Capitu. Minha avó ruminava os capítulos de Machado de Assis, e, no quinto aniversário do bode de pelagem negra, notou que ele possuía uns olhos, digamos, oblíquos, e não vacilou em nomeá-lo com um nome feminino. Mas, para meu avô, tudo era motivo de desconfiança e intriga. Aliás, desconfiar também era sua profissão, pois além de criador de gado, era Inspetor de Quarteirão, uma espécie de Delegado de Polícia da época. Achava que minha avó tinha um motivo particular para batizar cada animal com um nome e que montava passionalmente um labirinto que ele deveria decifrar. Acreditava que aquilo era um jogo e que seria devorado por aqueles enigmas.

Meu avô começou, ridiculamente, a ter ciúmes dos animais. Notara que minha avó tinha um desvelo especial por aquele bode rufião que olhava para minha avó com um atrevimento mais do que humano. O bode, com sua soberba barba preta, era enorme, e disputado no berro por todas as cabritas. Minha avó, todas as manhãs, debulhava milho no seu colo e chamava primeiro as cabritas e por último, depois de reservar as melhores espigas, chamava Capitu. O caprino, na plenitude de sua adolescência e virilidade, atendia, feliz e

Salma Ferraz

rapidamente, vindo comer o milho no seu regaço. Meu avô, certa manhã, voltou mais cedo do curral e presenciou aquela cena, para ele, pornograficanimalésca: minha avó com o vestido puxado até os joelhos, expondo aquelas pernas arredondadas aos olhos lúbricos daquele bodão. Capitu foi lambendo o avental que caiu no meio das pernas de minha avó; portanto, enquanto lambia os grãos de milho, ninguém sabe se, sem querer ou não, acabou por roçar com suas longas barbas e com a língua, as pernas branquinhas de D. Francisca, refocilando-se naquela fartura de carnes brancas e abundantes. Meu avô, ensadecido de ciúmes, odiou Capitu pelo resto de seus dias - que não foram muitos - e jurou, diante daquele idílio-matinal-sexual, matar aquele atrevido ser de chifres e barbas longas que lambia lascivamente as partes íntimas da sua pastorinha. As barbas daquele bode barbado que lembravam Pã, transformavam meu avô numa verdadeira besta. As partes macias e brancas que a honestidade encondia à vista humana, o bode havia lambido lubricamente.

Naquele mês, o cunhado - que fazia Direito em Curitiba e que, segundo averigüei, inventava essas futricas porque não conseguira se casar com minha avó - foi visitá-los. Meu avô, inacreditavelmente, não tinha ciúmes do irmão, dez anos mais novo que ele, que nascera mais claro que o resto da família, parecendo um italiano, com seus pensativos e imensos olhos azuis. Quando Paulo, que era um verdadeiro cavalheiro, chegou na estação de trem, meu avô foi logo perguntando:

CENA 2

- Irmão, você é o único homem em quem confio na vida. Esclareça-me uma dúvida que está me atormentando. Você conhece um personagem chamado Capitu?

- Sim, Senhor. E muito bem. Só que não é homem, é mulher... Respondeu com toda sua galhardia.

- Honesta, pelo menos?

- Mais ou menos...
- Não existe fidelidade pela metade.
- Caro irmão, ela tinha um olhar esquisito, indescritível.
- Era vesga?
- Não, não... Era um olhar..., hesitava em responder, desviando os olhos azuis para o horizonte igualmente azul.
- Fiel ou não? Só isso me interessa, sem meias respostas.
- Pois não, Senhor. Ela era, foi e sempre será suspeita de adultério.
- Não te falei, mas minha esposa Francisca provocame. Nossa fazenda, a ver como andam as coisas, vai acabar virando um bordel literário. Malditas mulheres, costelas falhas de Adão, mentes ociosas, oficinas de Satanás. Elas possuem um cromossomo oco no cérebro, maldita literatura que transtorna o juízo de minha Senhora e a faz cometer disparates. Acabo com aquele maldito bode adúltero. São animais defeituosos...
- Os bodes?
- Não, as mulheres. Você, pelo menos, não tem nome literário?
- Não, Senhor meu irmão, fique traquilo, nunca ninguém escreveu nada com meu nome. Paulo é nome bíblico, não combina com literatura. Paulo e Gabriel, esqueceu que nossa mãe só dava nomes bíblicos aos seus filhos?
- Sim, sim. E Francisca?
- Asseguro-lhe que não há nenhuma Francisca na literatura...
- Isso mesmo, nomes bíblicos! Gostar de literatura é uma doença grave e incurável. Nada como o Evangelho para preencher mentes ociosas.

~

Salma Ferraz

O cunhado havia lançado a semente da discórdia, e o bode já havia colocado sua imensa e úmida língua onde não devia. Meu avô perseguia todos os passos, berros e olhares de Capitu e sofria de uma idiotia caprina. Certa manhã de maio, Francisca se atrasou para dar milho para as cabritas e para Capitu. O bode ficou nervoso e veio até a parede do quarto onde minha avó descansava, sonolenta, porque havia passado uma noite em cólicas. A janela era baixa e o bode a empurrava com toda a força de seus vigorosos chifres, soltando um balido triste. Alguns agregados da fazenda atribuíram aquele comportamento animal à fome do bode, outros diziam que o bode estava no cio. Para piorar a situação do pobre animal, sua cabrita preferida estava adoentada. E o bode continuava a balir, quase num choro triste. Meu avô chegou e ficou observando aquela cena insólita: os empregados contemplando Capitu com um olhar lânguido, berrando triste e forçando, com seus chifres, a janela do quarto de minha avó.

O bode só berrava como todos os bodes berram, porém, meu avô, cegado pelo ciúme doentio, lembrando-se das lambidas que o bode dera quase no meio das pernas de sua esposa, ouviu sozinho essa estranha canção: *bécobécobécocêqueémuébéco*, como se o bode estivesse, numa atitude de afrontamento, chamando pela mulher dele. Gabriel caminhou lentamente em direção àquele bode canalha. Capitu, com seus imensos olhos, olhou-o de uma maneira sinistra, bem dentro dos olhos, sem medo. O anjo vingador alvejou Capitu no meio da testa, arrebatando seus chifres no meio e esfaqueando, para sempre, seus olhos, agora não mais oblíquos, mas esfaqueados. Aquele bode tinha sido, literalmente, o bode expiatório.

Por causa desse capricídio - ou, como diziam os empregados da fazenda, bodecídio - meu avô amargou um jejum sexual de mais de dois meses, o que o deixou mais enfezado

do que um touro, e ainda foi alvo de sátira em todas as fazendas dos arredores, na cidade de Ibaiti, na delegacia, nos bares e entre os empregados da fazenda. Meu avô matara um bode de ciúmes de sua cabrita das pernas roliças. A partir daquela nova tragédia com Capitu, os fazendeiros vizinhos da fazenda Marimbondo, nem sequer ousavam levantar os olhos na direção do rosto de minha avó; cumprimentavam-na abaixando a cabeça e os peões falavam com ela a uns três metros de distância, sempre cabisbaixos. Se aquele fazendeiro podia matar um bode de ciúmes, imagine se ele desconfiasse, mesmo sem motivo, de um homem!

Misteriosamente os chifres do bode foram colocados na porteira da fazenda, embaixo do nome *Marimbondo*. Meu avô desconfiou de minha avó, mas como estava num jejum sexual imenso por causa do bode, resolveu não questionar mais nada. Porém, ao retirar - escondido pela madrugada - os chifres da porteira, pensou que aqueles chifres eram um presságio, uma advertência do porvir. Ao adentrar a casa, de madrugada, arrasado, minha avó interpelou-o:

CENA 3

- Quer que eu passe pela prova de sinceridade pela qual passou Isolda? questionou Francisca, tentando manter um olhar altivo.

- Não sei, nem me interessa saber da pureza desta tal de Isolda. Mas você passaria pela prova das águas amargas da qual falou Moisés? respondeu meu avô, com os olhos que emitiam faíscas de fogo. Olhos que geraram um silêncio absoluto em minha avó. Silêncios que geravam silêncios. Olhos de fogo que encontravam olhos completamente mudos.

- !!!

~

Um silêncio mosaico se interpôs entre os olhos do casal, enquanto um gato preto bisbilhoteiro e de olhos

Salma Ferraz

esverdeados aninhava-se no colo da mulher. Meu avô buscava o impossível e, às vezes, o impossível é possível àquele que crê.

Passou-se um ano daquele lamentável episódio em que o bode foi realmente o bode expiatório. Meu avô mandou vir de Barretos um touro, um reprodutor de raça, pelo qual pagara uma fortuna. Devido a um crime em Japira, meu avô, que era delegado, ausentou-se, e minha avó foi quem recebeu, com todas as honras, o touro na fazenda. O touro era um animal másculo como são todos os touros. O certo é que minha avó, e todas as vacas do curral, se encantaram com a beleza do animal branco-acinzentado na abundância de quatro anos de virilidade. Ele tinha uns enormes olhos acastanhados que pareciam olhos chorosos, e uma pele brilhosa. Minha avó lia, às escondidas, na semana da chegada do touro, Molière, e não hesitou: o touro se chamaria D. Juan. Quando meu avô chegou, foi informado de que D. Juan já chegara, e pensou que se tratava de algum delegado da comarca vizinha, mas logo entendeu tudo. Tentou proibir, mas já era tarde. Os empregados da fazenda adoravam as idéias e as pernas da minha avó, e o touro já atendia quando lhe chamavam de D. Juan.

Francisca, excelente amazona, adorava andar a cavalo, e meu avô percebeu que o touro a seguia de longe em todas as suas cavalgadas, olhando-a atentamente, como se devesse protegê-la de alguma coisa, como se seu marido fosse. Bravo por natureza, dava chifradas em todos os peões da fazenda e só a minha avó, permitia que chegasse perto. Francisca acariciava o dorso daquele indomável animal, acariciava seu rosto, seu pescoço e o gigante virava uma rolinha desprotegida embaixo das mãos sedosas e pequeninas de minha avó. O touro chegava a babar de contentamento pelos carinhos recebidos e isso deixava os peões espantados, visto que alguns deles já tinham recebido, no corpo, as marcas daqueles chifres violentos. Minha avó tratava bem o touro como tratava bem todas as galinhas. Sabia de cor e salteado o nome de cada uma

delas e conversava - ou melhor, monologava - com galinhas, bodes e, especialmente, com D. Juan.

Meu avô ficou furioso ao observar, escondido atrás do curral, minha avó, tal como Pasifae, falando com o touro Minos:

- *Vem cá, querido D. Juan do meu coração, o mais garboso touro que conheci, confie em mim, amor, confie. Quantas conquistas, heim!!!*

Meu avô ruminava ódio pelo canalha e biltre D. Juan. Teria que levantar o passado desse sujeitinho e não poderia esperar pela visita de final de ano de seu leal irmão Paulo. Lembrava-se que sempre tiravam fotografias juntos e que Paulo, que odiava fotos, sempre se perfilava numa posição: atrás dos quilates de minha avó. Teria que decifrar aquele mistério sozinho, porque pensava que minha avó certamente zombava dele e o considerava um bobo e iletrado.

Naquela semana minha avó teve que se ausentar, devidamente escoltada por dois de seus irmãos, para fazer alguns exames em Itararé, já que não conseguia engravidar, e isso, para meu avô, era fundamental. Gabriel levantou-se a desoras e foi até os baús em que minha avó escondia seus livros. Em cima de todos, em capa dura, achou *D. Juan*, espada em punho, vestido num traje esquisito, todo cheio de babados e rendas, cabelos enroladinhos, um ar cínico, de deboche. Os babados brancos dos punhos de D. Juan lembraram-lhe imediatamente as patas brancas do touro. Os dois eram parecidos. Não teve paciência para ler nem um capítulo sequer, apenas leu a orelha do livro e para ele já foi o suficiente: amante inveterado, conquistador de centenas de mulheres. Maldito nome, maldito D. Juan! Aquilo era uma vitupério. Ele procurava chifres em cabeça de vaca.

Meu avô já desconfiava que aquele nome era de um personagem safado, uma vez que ele próprio já havia sido chamado, diversas vezes, por seus amigos delegados por esta

Salma Ferraz

alcunha. Sim, ele tinha certeza, minha avó batizara aquele touro com o nome daquele mulherengo por causa da morte do bode Capitu, e porque suspeitava das mil e uma amantes de meu avô. Não, não era possível, fazia tudo tão bem escondido; ele temia a pontaria certa de minha avó. Era um enigma, uma charada.

Com *D. Juan* no colo, lembrou-se das safadezas daquele touro insaciável: a vaca Lucrecia Formosa, babando de prazer ao ser montada violentamente por aquele reprodutor grotesco; a vaca Emma Mimosa gemendo embaixo do peso daquela besta mascarada; a vaca Grinever resfolegando-se à vista de todos em pleno calor do meio-dia com aquele touro jumento, a vaca Francisca, abobada, fazendo declarações de amor junto ao ouvido de *D. Juan*, acariciando seu cupim, e a fera, desfalecida, babando na frente de todos os peões da fazenda. Estava arruinado, seu nome jogado na lama, na lama não, no pasto coberto de estrume. Só conseguia pensar nos cornos. Nos seus e nos do touro. E nos testículos de ambos. O do touro, uma deformidade, tal era o seu volume.

Apanhou o caderninho de anotações de sua esposa e, pelas biografias, observou aterrorizado que todas aquelas vacas despudoradas estavam prenhas. Passou-lhe um pensamento sinistro. Se sua pudica esposa sabia praticamente o mês em que as vacas emprenharam, era porque, certamente, ela andara observando os momentos íntimos do touro. Podia visualizar os olhos esverdeados de sua mulher contemplando aquele ato grotesco, aqueles berros, aquela espuma espermática jorrando abundantemente para dentro das entranhas das vacas. O touro era viril, nelore, pagara caro, mas se arrependera. Em breve aquele ladino do *D. Juan* teria pelo menos três bezerros bastardos na Marimbondo. Suas vaquinhas, outrora tão ingênuas, virgens, infestadas pela luxúria e pecado daquele touro tarado, burladas por aquela besta sadia que procriava sem cessar.

De todas as biografias, as que deixaram meu avô mais indignado foram as dedicadas *Ao meu amado Bode Capitu* e *Ao meu querido amante - o touro D. Juan*. O conquistador espanhol tinha uma página exclusivamente só para ele e Francisca desenhara um touro na página que abria a biografia, rodeada de corações com o nome de cada vaquinha que ele namorara. A biografia literária começava assim: *Chegou hoje, 5 de janeiro de 1953, na fazenda São Bernardo, um lindo e viril touro. Como notei um forte alvoroço entre minhas amigas Ema Mimosa e Lucrecia Formosa, resolvi dar-lhe o nome de D. Juan. O touro realmente é lindo, um conquistador de raça, e pelo seu desempenho sexual que tenho acompanhado atentamente, o número do rebanho aumentará em breve. Fiquei encantada com D. Juan...*

Meu avô, ao ler aquele diário, se sentiu um asno e pensou logo na Inquisição. Queimaria os diários, mataria todos os animais da face do norte do Paraná e começaria a plantar café. Que viessem as geadas, que ficasse na miséria, sobreviveria como na arca de Noé. Repovoaria o mundo numa arca, mas sem nenhum animal e nenhum outro homem. Expulsaria toda essa caterva, restariam só ele e Francisca. Ele enfrentava currais de vento e não o sabia. Se ele conhecesse - e certamente não conhecia - o touro inventado por Perilo, a pedido do tirano *Phálaris*, para supliciar seus desafetos, ficaria feliz, já que poderia seguir o péssimo exemplo e desejar que minha avó fosse torrada e supliciada dentro daquele touro.

Não havia tempo a perder. Reunii todos os livros e foi jogando, um a um, pela janela. Desceu até o pátio e colocou fogo em todos aqueles livros, residência de prostitutas e homens adúlteros, incluindo *D. Juan*. Ele acreditava que aqueles livros eram o motivo das desavenças do casal. Eles, aqueles seres de papel, é que tumultavam a cabeça de minha avó, que de tanto ler não achava nem tempo para engravidar.

Gabriel, que odiava literatura, desempenhava sem saber o papel de um grande personagem espanhol, pois

Salma Ferraz

queimou ali, no ardor das labaredas e do ciúme doentio, séculos de sabedoria, uma pequena fatia da literatura ocidental. Em seguida subiu até o sótão com uma lamparina na mão, retirou de lá uma velha e enferrujada espada e dirigiu-se ao curral, às três horas da madrugada, para duelar com D. Juan. Meu avô compunha, sem saber, uma triste figura. Ele também acreditava que as armas venceriam todos os dilemas morais de um homem. Teria que penetrar nas labirínticas cocheiras e destruir aquele touro postiço; aliás, meu avô era o Senhor dos Labirintos. Aquele touro era metade touro e metade homem, e sua esposa, uma vaca em pessoa, esposa postiça. Vaca, mil vezes vaca!

D. Juan, acostumado, há mais de quatro anos, às investidas e duelos, na plenitude de suas forças, na brabeza de seu cio viril, ao observar um homem que não era a luz nem o espelho da cavalaria - muito menos do curral - invadindo seus aposentos sorrateiramente de madrugada, correndo desembestado em sua direção como um cornúpeto louco, riscando o ar com sua espada, tropeçando nas botas mal-amarradas, nem teve tempo para pensar direito. Ele também, após, enfezadamente, amassar o capim com uma das patas, desembestou como um touro alado contra meu avô, numa verdadeira *Cavalaria Ligeira*. Meu avô gritava, quixotesicamente, num portunhol sofrível, adentrando os domínios do cômico: *Que sueltem el toro porque el hombre está raivoso!* Naquela noite, meu avô recebeu, em sua cabeça, o símbolo, o elmo dos reis da cornualha, aquilo que mais temia na vida e aquilo que ele já havia colocado em diversos homens daquela região.

Os louros da vitória foram muitas chifradas na cabeça, vinte pontos; eis o saldo do duelo em que D. Juan, sem ajuda de nenhum Leporelo, saiu, como sempre, vitorioso. Decorridos cinco dias do duelo, minha avó retornou muito feliz de Itararé, trajando um lindo vestido floreado. Francisca foi informada do duelo jocoso que acontecera por sua causa, e, ao saber que D. Juan estava fora de perigo, sentiu-se lisonjeada

com a atitude do touro e do meu avô, cavaleiro da espada enferrujada. Ao adentrar no quarto não encontrou mais o poderoso e altivo fazendeiro, mas sim um enfermo, deitado tristemente no leito do casal, fraco, com a cabeça toda envolta em panos, de camisola branca. Aquela cena a deixou embevecida, seu marido duelara cavalheirescamente com D. Juan, por ciúmes dela, pela sua honra. Como uma leitora marcada pelo romantismo, emocionou-se demais. Secretamente estava envaidecida com os arroubos românticos do seu marido e pela coragem de D. Juan.

Sempre o criticara, mas no fundo uma satisfação doentia a invadia. Aquele poderoso delegado, dos quais os presos tremiam de medo e as pessoas de bem respeitavam, aquele belo homem alto e forte, de uma notável galhardia, matara um bode e enfrentara D. Juan por causa dela. Expunha-se ao ridículo por amor à sua cabrita, à sua vaca preferida. Meu avô estava fraco, precisava de cuidados, e D Juan vivo, contando suas vitórias para suas inúmeras amantes.

Minha avó, tímida por natureza e por medo de meu avô, aproximou-se do leito e, numa das primeiras vezes em sua vida, beijou meu avô na boca com todo ardor, puxando aquele corpo musculoso sobre si. Meu avô, embalado por aquele carinho tão sensual que nunca recebera de sua mulher nos quatro anos de casamento, nos quais apenas e raras vezes lhe beijava a face respeitosamente, respondeu-lhe com a força de um touro, esquecendo-se dos vinte pontos na cabeça. Mostraria a ela que era realmente um touro conquistador, um cavaleiro com a espada ardente. Os dois se comportavam de maneira diferente da rotina sexual de sempre - sem nenhuma graça - e naquele momento único olhavam-se com olhos lúbricos. Era um desejo descontrolado de ambas as partes, rasgavam as roupas, mordiam-se de leve, a velha cama rangia e os cabelos de minha avó, pela primeira vez, se desprenderam da tiara que os amarravam no alto da cabeça e caíram,

Salma Ferraz

voluptuosamente, sobre seus ombros nus. Entravam estranha e violentamente no amor, sem nenhum preâmbulo, como o recato daquela época exigia; alguma coisa animalesca os possuía. Minha avó, acreditando que pela primeira vez na sua vida sentiria prazer, beijava loucamente meu avô, ao observar, atônita, toda a virilidade daquela Idade do Ouro. Levada por um prazer que nunca sentira antes, esqueceu-se de suas promessas e, mordendo-lhe os lábios carentes de amor de seu anjo, o chamou pelo nome de outro homem: *Me ame, Romeu*.

O olho roxo shakesperiano de minha avó foi o final do seu primeiro e meio orgasmo, e também sinalizou que sua fase literária acabara ali. Minha avó chorava e meu avô definhava. Pela primeira vez na vida dormiram em quartos separados, o que deixou meu avô magoadíssimo. Naquela noite em que perdera o sono, minha avó resolveu dar título ao diário dos animais. Com letra delicada bordou o título: *Recordações sentimentais do bode Capitu e do touro D. Juan*. Já fechara seu diário bioliterário, iria apagar a lamparina, quando visualizou seu reflexo, seus olhos, no espelho. Abriu novamente o diário e iniciou um capítulo secundário. No alto, escreveu com letras garrafais, intitulado - *As trapalhadas do asno Beco* - relatando ali todas as atrocidades amorosas de meu avô, desde a estória do tiro no bode até o duelo com D. Juan. Terminava aquele longo capítulo, quando o dia amanhecia, desta maneira: *Ontem, beijei romanticamente, pela primeira vez na minha vida, os lábios deliciosos e carnudos de meu marido. Pela primeira vez na minha vida, senti que beberia um pouco do néctar dos deuses e enamorada, embriagada por um estranho e desconhecido calor, podendo, pela primeira vez, tocar o físico viril de meu marido sem maiores pudores, milhares de vezes mais viril que todos os touros juntos. Ao contemplar toda a sua exuberante masculinidade, distraí-me e o chamei pelo nome de outro homem: Romeu. O meu Romeu retribuiu-me como um animal, deixando-me sua marca em minha face, com se eu vaca sua fosse. Nesse dia, após aquele beijo que*

talvez nunca mais venha acontecer, iria revelar-lhe que estava prenha daquele asno, ou melhor, grávida daquele jumento que não chegava aos pés do meu amado Bode Capitu e do virilíssimo Touro D. Juan. Se pelo menos eu tivesse a coragem de D. Juan... Terei esse filho e ele será um filho literário. Minha vingança contra esse analfabeto será instruir meu filho nas belas letras.

Delicadamente, e com muitas lágrimas, concluiu a biografia do mais desafeto dos animais. Fechou o caderninho de capa de couro com umas fitinhas azuis e guardou no seu famoso baú da vovó, que permanecia escondido no sótão da casa, porque lá também guardava os livros que ganhava secretamente de seu cunhado Paulo.

Meu avô, após informar-se da honra e respeitabilidade do mais famoso filho de Shakespeare, entrou, qual personagem shakesperiano, num desespero indescritível. Arrepentido daquele gesto tresloucado, a cobria de carinhos e jurava para minha avó que fizera aquilo porque o maior prazer sexual de seus quarenta anos fora interrompido pelo nome de outro homem. Odiava cada vez mais a literatura. No dia em que sua mulher se entregara a ele como uma verdadeira fêmea, quando ele chegara, naquele momento, a acreditar na felicidade, perdera, por causa de um maldito ser de papel, saído das entranhas dos séculos, o controle e, sem poder esbofetear o tal Romeu, ousara esbofetear o rosto de sua amada, quase amante, Francisca. Dizia para si mesmo, em voz baixa:

- Malditas, mil vezes malditas, sejam todas as letras.
De letras, bastam as divinas.

Quando soube da gravidez de D. Francisca, quase endoideceu. Chorava como uma criança a seus pés, trazia flores e beijava cavalheirescamente suas mãos, era dulcíssimo e cortês numa gentil postura e *donaire* jamais vistos. Encomendou a uma bordadeira de Tomasina um enxoval caríssimo e, apesar de sua fazenda de gado leiteiro de origem indiana estar indo muito bem, resolveu vender todos os animais e passou a plantar

Salma Ferraz

café. Com parte do dinheiro, presenteara minha avó com um lindo colar de diamantes. Seu único sonho era ter sua mulher nos braços de novo, da mesma forma que naquela noite trágica.

Minha avó também estava arrependida de ter chamado o seu marido pelo nome de outro homem, justamente no dia em que ele se mostrara realmente um D. Juan e lhe dera um meio prazer que ela adoraria completar. Afinal de contas, ele era fazendeiro, delegado acostumado a tratar casos de traição, mas, mesmo às avessas, a amava. Não era um poeta, ela cederia, mas só depois que aquela marca roxa sumisse de todos os espelhos da sala. Resolveu esconder todos os livros em um baú no sótão, e, agora que não havia mais animais, guardou no sótão o diário *zoolítero*, ou melhor, zoográfico. Estava disposta a decorar versos bíblicos de Salomão. Meu avô, desesperado pelo roxo que persistia no olho de sua mulher e nos espelhos da casa, atormentado pelo desejo e completamente arrependido, mandou polir, de uma vez só, todos os espelhos, porque queria que os espelhos não espelhassem mais nada. A partir de agora, seria um cavaleiro que temia o poder dos espelhos e das manchas roxas. Sua esposa foi, legitimamente, por duas semanas, a Senhora da Mancha.

Minha avó realmente cumpriu sua promessa, passou seu amor da literatura para o filho de sua paixão. Seu filho, que se chamava Ricardo, com o tempo, tornou-se um filho *líteroetílico*. Quando em 1996, fui buscar as lembranças do meu tio em um quarto obscuro da boca do lixo em Curitiba, encontrei o mesmo baú famoso da vovó, agora baú do Raul, e no meio das bugigangas, localizei envolto, em um veludo vermelho, o famoso diário zoobiográfico de minha avó. Foi dessa forma que, depois de 40 anos, essa estranha biografia de meu avô veio parar nas minhas mãos. Com um dedinho de imaginação resolvi contar a estória das coisas assinaladas e reabilitar a memória de dois grandes personagens literários:

Capitu e D. Juan, para que suas lembranças não caiam na sepultura, ou melhor, no pasto do esquecimento, por não terem sido ouvidas tais façanhas e para que, se alguém as ler, tenha nelas um prazer *zooidilicolítero*.

Como foram felizes? Na primeira tentativa de reconciliação, minha avó enveredou para a música, pois havia ganho, do cunhado Paulo, um disco de Chiquinha Gonzaga. Meu avô até gostava das músicas, mas quando soube mais detalhes da vida íntima dessa mulher e, ao observar os requebrados graciosos de minha avó pelo salão da casa, quase teve um ataque. Em uma de suas inúmeras viagens afogou Chiquinha no Rio das Cinzas. Depois, meu avô dedicou-se ao café e minha avó transferiu seus dotes literários para os livros poéticos da Bíblia, especialmente os Cantares de Salomão.

Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho.

Foram felizes por dez anos, durante os quais, meu avô a tratava com um carinho especial, como a uma verdadeira castelã, embalados pela sensualidade de Salomão. As únicas aves da fazenda eram as galinhas Dalila, Jezabel e o galo Jacó. Meu avô vivia feliz com aquele galinheiro santificado por nomes que minha avó afirmava ter tirado do Velho Testamento. Meu avô, que raramente lia as Escrituras, admitiu aquela exceção - sempre era bom ter o galinheiro santificado e canonizado. Assim, a galinha Dalila e a galinha Jezabel viviam em paz com o galo Jacó, e o porco Salomão reinava supremo no chiqueiro. Para meu avô, o galinheiro estava canonizado, para minha avó, agora sim, é que o galinheiro estava habitado por cortesãs de estirpe.

Meu avô adorava folgar com minha avó até a aurora raiar, ouvindo gemer, embevecido, os cantares salomônicos das galinhas de Jacó.

Até que um dia meu avô, devido às constantes ausências, foi instado pelo padre a comparecer à missa. De lá,

Salma Ferraz

voltou urrando feito um profeta bíblico eraivecido do Velho Testamento:

- Súcia porcina.

O sermão do padre se baseara na biografia de Salomão. Só então meu avô, que era um curioso ingênuo e impertinente, descobriu que o grande rei israelita que havia composto aqueles versos antes sagrados e agora pornográficos, que embalavam as suas noites de amor, era um rei garanhão que tinha tido apenas setecentas mulheres e trezentas concubinas!

Por causa do lúbrico rei Salomão, minha avó transformou-se numa estátua de sal e mármore, e nunca mais teve filhos. Findaram-se ali todos os cantares de minha avó, das galinhas e os de Salomão, e um silêncio intransponível acampanhou o resto de suas silenciosas vidas. Fecharam-se as pálpebras, emudeceram-se todos os olhares, cerram-se todas as janelas da alma e o resto de suas vidas foi um cansativo filme mudo.

~

*Como és bela
minha amiga
como és bela
teus olhos quase pombas*

*Como és
belo meu amado
como és meigo
nosso leito
feito de folhas verdes.*

Cântico dos Cânticos
(transcrição de
Haroldo de Campos)

AS CAMÉLIAS DE VILA MIEL¹

“Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes

vos precederão no Reino de Deus.”

Mateus 21:31

Dalila - que não era mulher de Sansão, mas sim dona de um bordel - vivia numa cidade perdida no interior de Minas Gerais, aliás, terra onde viveu *Luz del Fuego* com suas serpentes enroladas em seu corpo nu. Voltando à Dalila. Uma mulher com esse nome não poderia ser uma monja enclausurada, ou poderia? Não era bela, nem feia, nem alta, nem magra, mas o corpo era perfeito, cintura fina, seios fartos, ancas firmes e o quadril, arredondado, sobejava. Estava no pleno gozo dos seus 37 anos, dos quais vinte foram dedicados às labutas do sexo como cerzideira de prazeres, curandeira de dor de corno, sempre na velha moda de Ulpião *palam, sine delectu, pecunia accepta*.

Em suas duas décadas de prostituição ouvira estórias e estórias, nas quais moças com olhos cheios de lágrimas tentavam achar - e às vezes achavam - um motivo para explicar a opção pela mais antiga profissão do mundo, anterior ao próprio cristianismo: *prostituta, meretriz, marrafona, mulher-dama, mulher-da-vida, dama-da-noite, rapariga, barregã, messalina, iniciadora, cortesã, alcoviteira, rameira, camélia, hetaira*, para os gregos, *putagium* para os medievais, adoradoras de *Vênus, Lucrecia e Marguerite Gautier* para os literatos; a *Palinódia* infeliz gonçalviana, a *Metempsicose* de Quental, *anjo caído* para os poetas românticos, *quenga* para os nordestinos, *Jacutinga* para quem gosta de novelas, *meninas da Casa da Luz Vermelha* para os camioneiros, *meninas do Bataclan* na Ilhéus de Jorge Amado, a arrependida *Madalena*, a visionária *Rosa Egípcia*, as perdidas *Filhas de Caim* para os da *Bíblia*, mirixorã

¹ Conto classificado em 4º lugar no Concurso Literário das Américas promovido pelo Sindicato dos Escritores do estado de Alagoas em Setembro de 2000. Conto vencedor do XXXII Concurso Literário de Contos FEMUP, promovido pela Fundação Cultural de Paranaíba, novembro de 2000.

Salma Ferraz

para os índios, *Hilda Furacão* para os mineiros, *beira-de-bacia* para os caipiras do interior do Paraná - ou no termo politicamente correto - *trabalhadoras do sexo*, mas conhecidas mesmo como *putas*, das quais ninguém quer ser chamado de filho.

Dalila poderia ter outro nome: *Dulce, Madalena, Bárbara, Margarida, Lésbia, Laura, Salomé, Lâmia, Taís, Glicéria, Leontina, Laída, Flora, Frinéia*, todas cortesãs, mulheres de mel e fel, cantadas em versos por poetas de todas as línguas e todas as épocas. Mas essa chamava Dalila e, ao contrário da amante de Sansão, tinha um único amor, platônico e virtual, em sua vida.

Dalila não era o segundo sexo, era apenas uma mulher. Não era *o saco de estrume* envolto em belas carnes descrito pelos monges medievais, que, no entanto, adoravam comer sacos e mais sacos deste mesmo estrume. Não era *o apêndice da raça humana* do ensaísta inglês Richard Steele, que adjetivou dessa forma a mulher em 1710 e deve ter morrido correndo atrás de um apêndice qualquer. Não era *um macho mutilado*, nem *um defeito da natureza*, segundo a infeliz classificação de Aristóteles, nem tampouco um *par de ovários ligados a um ser humano*, segundo o alemão Rudolf Virchow, que, aliás, só concebeu essa definição porque foi colocado no mundo após ter sido gerado por um par de ovários, provavelmente com um pequeno defeito. Feminismos à parte, as mulheres desse conto e a nossa protagonista Dalila são exatamente as que o sábio grego Hipócrates, que viveu quatro séculos antes de Cristo, pai da medicina, assim definiu: *criaturas úmidas e encharcadas*.

Filha de pessoas humildes, mas com o suficiente para criá-la e prepará-la para um bom casamento, ela tornara-se puta por uma única razão - gostava de ser puta. Com 17 anos incompletos, cursando o terceiro ano do II grau, sem ter tido nenhuma decepção amorosa, e depois de um estalo na cabeça e noutras partes, mudara-se para um lupanar, e lá tivera o seu

primeiro, das centenas de homens que cruzariam, felizes, suas entranhas. Adorava fazer sexo, ou melhor, adorava *conhecer* biblicamente outros homens, com maneiras, gostos, gestos, cheiros e desejos diferentes. Numa noite, recebia e possuía, em média, três a quatro homens e cada um era cada um, diferente. Não sentia prazer em todas as vezes porque, para ela, o mais importante era a surpresa, os detalhes, as preferências, o tamanho, o abençoado e discutido tamanho. Seu corpo era de todos, seu coração de um só homem.

Nunca fora muito religiosa nem entendia nada de Bíblia, mas às vezes ia à missa por insistência de suas meninas. Quando ia à igreja, pudicamente vestida, juntamente com suas 12 camélias, sentia que o padre Abelardo a perseguia com seus sermões. Uma vez pregava sobre a mulher adúltera, quase apedrejada pela multidão e que foi salva por Cristo. Enquanto o padre enfatizava o medo, o terror da mulher adúltera temendo as pedras que poderiam dilacerar seu corpo e libertar sua alma do pecado, Dalila pensava sobre o que Jesus estava escrevendo na areia. Seriam palavras de amor? Será que a Bíblia falava alguma coisa sobre este misterioso bilhete escrito na areia e nunca lido por ninguém? Outras vezes o padre acusava Madalena de ter tentado destruir a santidade do Salvador, enquanto Dalila visualizava a expressão da Madalena diante do túmulo vazio e seu significado. Ela não compreendia bem se Madalena era a mesma mulher que quase fora apedrejada ou era outra para quem Cristo aparecera logo após a ressurreição. Se tinha tentado a Cristo, por que ele apareceu justamente para ela? Quem eram os demônios que habitavam o corpo de Madalena? E o padre, enfático, olhava incisivamente nos olhos de Dalila e nomeava os demônios: luxúria, gozo, sexo.

O pior é que, com sua simplicidade, sua falta de religião e completa ausência de culpa, demorou a perceber que essas terríveis personagens bíblicas eram usadas pelo padre para

Salma Ferraz

insultá-la. Sua religião era estranha e própria para as fogueiras da Inquisição. Numa manhã fora à Igreja levar um donativo ou como diziam os romanos - *aurum lustrale* - e ficou contemplando aqueles santos tristes. Teve pena deles, resolveu acariciá-los. Enquanto sentia o cheiro de incenso que inundava a nave, outro cheiro surgiu de sua gruta secreta e foi invandida por uma excitação sexual nunca antes experimentada. Começou a suar frio e sentir um líquido umedecendo suas entranhas que se contraíam involuntariamente. Apertou os lábios, da face e do seu sexo já intumescido, elevou as mãos voluptuosas aos céus, contraiu as pernas, jogou a cabeça para trás, fixou a imagem daqueles rostos sofridos e estigmatizados e, em completo estado de êxtase, gozou o gozo dos santos, a suprema elevação mística. Alcançara, finalmente, o paraíso, e aquela espécie de gozo não ousava dizer o seu nome. Para ela, os lascivos estavam condenados ao gozo eterno.

Porém, a estória de Eva, comendo do fruto proibido e oferecendo ao inocente Adão, conseguiu deixar Dalila sensibilizada. A fruta era o sexo? Então o homem se perdeu por causa de uma fruta? Por que maçã? Ora, a desgraça da humanidade tinha começado com uma mísera trepada? Como o sexo, tão bom e delicioso, poderia ter causado tanto estrago no Éden, em Eva, em Adão, para o homem, para o ser humano, nos planos de Deus? Oh! buraco do eterno martírio! Não, ela não compreendia que um objeto tão pequeno, uma cavidade tão ínfima, a *caverna rubra* e pegajosa com o qual exercia sua profissão, estivesse tão intimamente relacionado com tanta desgraça e com coisas milernamente importantes. Num dos últimos sermões que ouviu, o padre pregou sobre Dalila, símbolo de traição e engano. Sansão, nu, caído sem cabelo no colo de Dalila. Que imagem trágica! Lembrou-se que os homens deixavam outros cabelos em sua cama, em seu corpo, em seus dentes e isso a deixou novamente excitada no meio da missa a ponto de molhar seu triângulo negro. E o Padre, novamente

fixando os olhos de Dalila, acrescentava que o problema da mulher era genético, que eram todas filhas de Eva e que o problema de Dalila estava no nome, *dá ali e dá lá*. Sexo, sempre e eternamente o sexo. E o sexo de Dalila, que não tinha religião nenhuma, não havia captado nada do sermão, já que voltara a se contrair em um ritmo alucinado, numa comunhão carnal completa. Se vivesse na Idade Média, seus lábios blasfemos seriam queimados.

Dalila saiu dali muito magoada com o padre e exausta, devido ao prazer santificado que sentira, prazer nunca antes experimentado em sua vida. Pensava que, afinal, na Bíblia, só existiam putas: mulher adúltera, Madalena, Eva, Dalila. Jamais a nossa Dalila imaginou que havia meretrizes canonizadas como a própria Maria Madalena, que foi declarada santa pelo papa Gregório I, o Grande, e Santa Afra, uma prostituta que se converteu ao cristianismo no ano 304 em Augsburg e foi queimada viva por não renegar sua fé.

Ela sabia muito bem por que o padre a odiava tanto. Em 1994, Dalila ganhara na Loteria Federal um bom dinheiro, e foi entrevistada por um dos jornais mais lidos do país. Motivo: por que uma prostituta continuava a exercer sua profissão, agora que era rica? A resposta chocou Minas, o Brasil e o infeliz padre Abelardo. “Porque gosto. Nunca fiz sexo por dinheiro ou necessidade.” Nunca vendera um só minuto de prazer; seus ósculos sempre foram dádivas, nunca foram vendidos. No entanto, agora tinha-se transformado numa cortesã de luxo, e era importante na sociedade mineira. Depois de premiada, aumentou as contribuições para a igreja, mas, a despeito de aceitar com bom grado as ofertas, o padre a odiava.

Na metade do ano 1996, após a missa das 7, em que o pároco havia pregado sobre Dalila, caminhou pensativa para o seu castelinho. Já tinha 37 anos e, à sua maneira, era feliz, mas suas camélias - com estórias de tragédias pessoais, abandonos, amores não correspondidos - o que faziam, se ela

Salma Ferraz

morresse? Caminhava, pensava e, no fundo, sonhava em ver todas suas camélias bem casadas. Nesse momento sentiu uma dor aguda no peito. E se ela morresse, quem cuidaria de suas meninas? Que seria de *Rita Cadillac*, *Índia Poti*, *Fátima Boa-Viagem*, *Érica Selvagem*, *Sueli Pingo de Ouro*, *Fernanda Terremoto*, *Clara Tomba Homem*, *Soninha Toda Pura*, *Fabiana Malandrinha*, *Vera Regalada*, *Ana das Ancas* e *Tônia das Tetas*? Chegando ao castelinho, dirigiu-se para seu quarto e ligou a televisão no *Fantástico*, visto que o castelinho não teria função naquele domingo. O movimento da sexta e do sábado fora extraordinário, não havia necessidade de trabalhar no domingo. Ficou extasiada com uma das notícias em destaque no *Fantástico*. Nunca Willian Bonner lhe parecera tão profissional e bonito, aquela carinha de menino tímido, aquela mecha de cabelo branco na frente. Ele era o seu único homem. O homem de sua vida e de seus sonhos:

- Uma pequena vila na Espanha - Vila Miel - sofre terrivelmente um grave problema - a falta de mulheres. Os homens, num total de quase quarenta, vivem tristes e infelizes. Não há mulheres para que eles namorem, noivem e casem. Fazem torneios, festas, mandam convites para as moças espanholas de outras cidades, convidam também moças portuguesas de cidades próximas, se vestem, se preparam, e as mulheres? Nada. Eles estão aqui no Fantástico para fazer um apelo, querem se casar...

Dalila assistiu a reportagem sem dar um suspiro por Bonner, nem levantou para beijá-lo na tela da televisão como fazia todos os domingos, um beijinho para cada covinha naquelas bochechas de menino travesso, num ritual sagrado. O altar onde ela se comunicava diariamente, face a face, com seu deus, era coberto com uma toalhinha branca e todo domingo ela colhia flores do campo para ele. Um deus de terno azul, gravata azul de bolinha branca, camisa branca, uma falha leve na sobancelha esquerda, uns furinhos no rosto rosado, minúsculas cicatrizes, aquela boca sensual, o lábio superior sugerindo o formato de

um *m*. Um deus voluptuoso, como ele, só poderia ser incensado com flores. Do lado de Bonner e em homenagem a ele, uma pequena imagem de Santa Clara, com a qual suas meninas a haviam presenteado. Ela observava o rosto de cada trabalhador de Vila Miel, suas preferências e gostos, enquanto seu cérebro arquivava o nome - *Vila Miel - Espanha*. Quando Willian Bonner disse aquele tradicional *Boa Noite*, ela respondeu - *Boa noite, amor* - e dormiu sorrindo.

Na mesma noite resolvera o que faria com seu precioso dinheiro guardado numa poupança da Caixa Econômica, cujo gerente, viúvo e grisalho, chegara a lhe propor casamento. Comprou no outro dia treze passagens só de ida - *Belo-Horizonte-São Paulo-Madri*. Seria o dinheiro mais bem empregado de toda sua vida, casaria suas protegidas com aqueles espanhóis e elas não seriam mais chamadas de *mulheres de má vida*.

Dali a dois dias viajaram para Belo Horizonte, passaram no Shopping e Dalila não economizou, comprando trajes mais decentes para suas filhas. As roupas extravagantes foram colocadas numa sacola e doadas para uma mendiga que pedia esmolas numa das ruas do centro. A pobre mulher, que de trás dos andrajos ainda tinha boas carnes, achou que os vestidos coloridos lhe deram sorte, deveriam ser sagrados, uma vez que do momento em que começou a usá-los jamais passou fome novamente. Dalila só levou de recordação um vestido vermelho com rendas e muitas lantejoulas e um decote generoso. Não mudava de vida por sua causa, nem do padre, nem da religião, já que não tinha nenhuma. Trocava de vida para garantir o futuro de suas meninas. Seriam todas mulheres casadas, donas de casa, cuidando do almoço, plantado uma horta de couves e repolhos nos fundos de casa e, no final do dia, esperando o marido. Teriam muitos filhos e seriam felizes. Quanto à Dalila não, ela não queria se casar, era mulher de um único homem - William Bonner. A ele, mesmo que

Salma Ferraz

virtualmente, dedicaria o resto de sua juventude, o resto de seus domingos, o resto do seu corpo. Ficaria lá um tempo, encaminharia as meninas, e depois retornaria, porque tinha um encontro todos os domingos às oito horas com o único santo a quem venerava.

O vôo de Dalila era muito alto, as meninas voavam protegidas por suas asas. De Madri, tomaram um ônibus para Vila Miel, horas e mais horas de viagem. Quando avistou a cidade, Dalila pensou que aquela cidade deveria ser americana, ou melhor, do velho oeste americano. Na televisão, a vila parecia maior, mais bonita, mas, visto com olhos verdadeiros e não virtuais, o vilarejo era pobre, os cachorros na rua sarnentos, as ruas estreitas e, recobrimdo tudo, uma poeira pegajosa infestava o ar e as narinas.

Vila Miel era ensolarada e triste como um quadro de Van Gogh. Será que haveria mesmo homens ali? Será que aquela cidade-fantasma era a cidade da TV Globo, do *Fantástico*? Mas o Bonner havia falado, e ele não mentiria para ela. As roupas compradas em Belo Horizonte estavam puro pó, o cabelo das camélias era puríssima terra castelhana. Não podiam se apresentar assim porque os homens fugiriam, com certeza, porque, na televisão, eles pareciam tão limpinhos e saudáveis. Da data em que escutara a notícia até seu pé pisar, pela primeira vez, em Vila Miel, foram 15 dias. A pressa se justificava porque, com tantas mulheres solteiras em Minas Gerais e no Brasil, fiéis telespectadoras do *Fantástico*, a concorrência seria enorme. Mas elas chegariam primeiro. Dalila nem procurou um hotel, porque percebeu, de imediato, que ali não havia nenhum. Através de seu portunhol, conseguiu se instalar numa casinha de uma velha aldeã espanhola com sua mantilha poética que lhe cobria, não só os ombros, mas quase toda sua triste alma. Ficou muito feliz com a visita e, principalmente, com o dinheiro daquelas senhoras elegantes e ricas.

Estavam tão cansadas que se lavaram rapidamente numa baciona enorme num quartinho nos fundos, tomaram um caldo - uma sopa de galinha com couve - e dormiram profundamente. Dalila acordou no final da tarde, e resolveu fazer algumas perguntas para a aldeã com ares de matrona:

- Entonces es aqui lo lugar de los hombres solteiros, que quieren se casar?

- Era! Respondeu arrumando o chale preto e puído sobre as costas.

- Oh! trem... Como era?

- La tele del Brasil hizo un escándalo en aquel momento.

- Si, yo assisti a la primeira reportagem...

- Hubo otras, pero y qué... Pigarreou saboreando a informação.

- Entonces o quê? Por favor, Señora, yo cruzei el mar para chegar a este cul del Judas... cul del mundo...

- Entonces fueron llegando de a centenares las cartas. Por el fax de la oficinita de la alcaldía, y el alcalde ni consigue trabajar más. El único teléfono hace justo 15 días que está entupido. Llegaron millares y millares de cartas. La vieja camioneta del cartero, que llegava apenas una vez por mes, ahora viene toditos los días y los hombres hacen cola - mejor dicho, las cartas hacen cola. Cada uno recibe unas 100 ou 200 cartas. Hasta mandaron cintas de video y resulta que aquí no había más que el aparato para vídeo del alcalde, así que lo prestó para que los hombres pudieran ver. Dice la gente que eran lindas muchachas, de buenos modales, com estudio y hasta modelos había. También llegaron dos excursiones de agencias de casamiento; eran 50 mujeres! Los negocios están mejorando y los hombres se han desesperado. Si hasta parece que todas las mujeres del Brasil se han venido, vienen o están por venir para Vila Miel. Dígame, es que hacen falta tantos hombres en Brasil?

Salma Ferraz

- Valha-me Santa Rosa Egipcíaca!

Dalila estava pálida. Ela pensava que só ela tinha tido a idéia de vir com as moças, no calor da hora tropical, para saciar os corpos *calientes* dos espanhóis, e agora recebia a notícia de que duas agências de casamento já tinham depositado naquele Éden Perdido, melhor, achado, cinquenta mulheres, algumas muito estudadas, outras muito bonitas, várias prendadas e, principalmente, que não tinham que esconder o passado. O que ela faria? Ainda tinha muito dinheiro, mas voltar para Minas Gerais, nem pensar, lá também sobravam mulheres, sobravam bordéis e faltava homem. Também sempre sonhara em conhecer Madri com calma, as touradas, os toureiros. Mas, e o Bonner? E os encontros com ele? Ele jamais a perdoaria pelo abandono.

- Pelas covinhas del Bonner! E los hombres já se decidieron? Já escolhiram? Perguntou pausadamente com seu portunhol sofrível.

- El cura Justus ya tuvo una bruta pelea con los hombres. Los presionó para eligieran pronto porque resulta que había unos, que, sabe? Estaban escribiéndose hasta com diez mujeres al mismo tiempo, y otros, sabe? Se encontraban a las escondidas con más de tres. Y el cura metió la nariz cuando cada uno eligió. Ahora la mayoría ya decidió y así las otras pretendientes se desilusionaron. Algunos ya se casaron, otros están com la fecha de la boda marcada y outros esperan que lleguen los parientes de la novia para casarse aqui em Españã. Hay otros todavía que se fueron a Brasil para casarse allá. Después vuelven a Vila Miel

- Hijos de la puta. No sobrou nenguno hombre solteiro? Comieram todo el meil de Vila Miel.

- No sobró ni uno. Se los agarraron toditos! Si hasta los más feos y los viudos ya se casaron o están comprometidos!.

- Para algunos la vaca nem berra. Para outros até

el boi dá leite. Cuando se quiere casar muchas cabritas al mismo tiempo, no se pega um único bode.

Dalila pensava, passava as mãos pelos negros cabelos, se incomodava com aquela roupa séria e verde que usava, pensava em Bonner, no seu buraquinho no queixo, na solidão que ele sentiria sem ela para lhe dar o boa-noite, nas raparigas desprotegidas, nas centenas de bordéis de Minas, do Brasil. Não, definitivamente não poderia voltar. Novo estalo:

- A Señora no conhece um casarão viejo, grande, aqui pelas redondezas, bem espaçoso y que fique meio afastado de la ciudad?

- Hay una que parece un viejo castillo; está en una colina bastante lejos de aquí. Era de un hermano mío que falleció hace años; yo traté de venderla pero...

- Quiere vender ele?

- Pero Señora, es eso lo que más quiero!

Respondeu arrumando as mãos numa posição de oração e graça rescebida dos céus.

A noite chegava e as moças ainda não tinham acordado. Dalila trocou de roupa, tirando da bagagem seu sensual e velho vestido vermelhinho lantejoula, que substituía, no Brasil, o antigo costume francês no qual as *Ribaudes* usavam fitas coloridas sobre o ombro esquerdo, ou um guizo no chapéu ou ainda uma agulha sobre o ombro para se distinguirem das mulheres virtuosas. Em seu vestido *chique-demais-da-conta*, juntamente com a velha e respeitosa senhora, apesar da charrete que reclamava sem parar, chegaram em menos de uma hora ao velho casarão. Aquele vermelhinho lantejoula - último exemplar de sua porção borboleta - sepultaria os sonhos das doze filhas de Caim e os transformaria em esqueletos tristes.

Elas iniciavam, ali, um longa peregrinação na terra de D. Juan. Dalila inspecionou quartos, salas, cozinhas, jardins, quarto de banho; tudo se adequava perfeitamente para a instala-

Salma Ferraz

ção de um prostíbulo. As festas de Adônis voltariam mais animadas do que nunca, as Bacanais se instaurariam e os mistérios de Elêusis seriam revelados. Fez uma proposta irrecusável para a pobre aldeã, que nunca pensara em acabar seus dias com tanto dinheiro na mão. Naquela mesma noite azulada - aliás, as noites eram sempre azuis em Vila Miel - enquanto as meninas tomavam a sopa requentada e observavam, com olhos estranhos, o traje vermelho de Dalila, sem ousarem perguntar absolutamente nada, escreveu um bilhete a uma ex-camélia sua, que se casara com um produtor de vídeo e trabalhava no ramo.

“Segue dinheiro para comprar quantas fitas de vídeo forem necessárias. Por favor grave o Fantástico todos os santos domingos. No final do mês, mande as fitas para Vila Miel. O Bonner não vive sem mim. O dinheiro dá para comprar fitas para seis meses e para a remessa também. É o tempo necessário para eu investigar se a tv a cabo chega até aqui nesses confins do mundo; afinal aqui tem energia, umas poucas televisões e até um vídeo.

Ps. Abri um bordel - Jardim das Delícias - aqui em Vila Miel, voltamos à má - melhor, à boa vida de sempre. Li em um velho livro, encontrado no casarão, que no passado existiram por aqui umas meninas que se chamavam Las hijas de la Celestina e La pícara Justina. Não consegui entender bem quem foram, mas parece que eram pícaras e, com este nome, boa coisa não eram. Esse nome pícara me lembra aquele palavrão delicioso... A freguesia é ótima, quarenta fregueses espanhóis assíduos e outros da redondeza. Portugueses e espanhóis unidos no nosso jardim e no nosso corpo. Como sempre, mais um padre a me perseguir - Justus. Confesso que sinto saudades do ranzinza do padre Abelardo. Acho que ainda vou acabar me casando com um homem de saias pretas. Não me arrependi, um minuto sequer, dessa viagem, e tirei uma sábia lição para a minha vida. Quem nasceu

com o meu nome - Dalila - nunca poderá chegar a ser Maria. O padre Abelardo tinha razão, meu problema é genético - dá ali e dá lá... Ou, melhor dizendo, em espanhol - Quem nasceu para ser Madalena jamais chegará a ser uma Santa Tereza d'Ávila, principalmente em Vila Miel. Vim fazer a Espanha, e já comprei uns discos de Julio Inglesias para animar a função. Os portugueses de uma cidadezinha próxima daqui, reclamam; vou tentar achar um disco de fado."

Que prendan a los bodes, por que las cabritas estão sueltas.

Ps. Beijos no Bonner.



PRISIONEIRO DO CEMITÉRIO¹

*Dona Morte dos dedos de veludo.
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!*
Florbela Espanca

Jamais esquecerei a primeira vez que vi aquele guarda-roupa branco, que guardava, em si, sentimentos imaculados. Tudo nesta estória é em preto e branco. O céu de Pontal do Sul, no penúltimo verão, estava com ódio, e demonstrava isso através das nuvens encolerizadamente pretas que pairavam no horizonte. Antes de seguir viagem, parei num posto de saúde, porque meu filho precisava tomar um benzetacil para combater uma infecção insistente nas amígdalas. A enfermeira, em seu uniforme branquíssimo, nos atendeu cordialmente.

No momento em que íamos sair em direção à Praia de Leste, senti a revolta e o poder dos céus. Ventos e mais ventos que não executavam a palavra de ninguém. Ficamos ali, no postinho, esperando a tempestade passar, e assim travamos amizade com aquela bela senhora de profundos olhos pretos, como as nuvens lá fora. Passada a tormenta, ofereci-lhe carona uma vez que ela morava em Praia de Leste. Ao chegarmos a sua casa perguntei-lhe por alguma pousada, e ela gentilmente nos ofereceu hospedagem. Pessoa maravilhosa, aquela. Quase perfeita se não fosse por um único detalhe: era marcada por nuvens, sempre negras.

Aquela noite pousaríamos no quarto de sua filha, Ágata, que estava passando as férias numa pequena cidade do interior do Paraná - Paranavaí. Deixei a janela aberta por causa

¹ Menção honrosa no 4. Concurso Nacional e Internacional em Língua Portuguesa de Contos e Poesias promovido pela Editora Valença S/A, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

Salma Ferraz

do forte calor, e alguns relâmpagos anunciando novas trovoadas iluminaram aquele guarda-roupa. A visão daquele fantasma de sonhos mortos deixou-me imensamente preocupada.

O guarda-roupa inteiramente branco pertencia à filha da enfermeira; era muito antigo e trazia incrustado em si, sinais dos tempos e memórias passadas. Parecia ter quase cem anos, e fora pintado, há uns dez anos, de um branco que permitia a escrita sobre a sua superfície. Observei que na frente e nas laterais havia inúmeros recados de amigos, de amigas, desenhos de beijos realizados com caneta vermelha, frases de Poe e inúmeros versos de Álvares de Azevedo. Trechos de músicas de Raul Seixas, Jim Morrison(The Doors), Kurt Cobain, Iron Maiden, U2(*Under a Bloody Red Sky*) juntavam-se aos versos dos poetas num verdadeiro diálogo dos mortos. Era um guarda-roupa líteromusical que compunha uma sinfonia orquestrada por uma sociedade de poetas e alguns músicos mortos, diário exposto da infância e adolescência daquela moça. No centro, pichado num verde berrante, o desenho de um enorme túmulo, e, no meio da tampa, um epitáfio: - *PDC - só aqui há esperança!!!* Os relâmpagos iluminavam quase que propositadamente aquele guarda-roupa que tinha gravado, em suas silenciosas faces, a estória de uma vida, e, pelo que pude deduzir, muito atormentada.

Nas paredes do quarto, pintadas impecavelmente de branco, estavam coladas duas gravuras assustadoras. Uma - em branco e vermelho - trazia um homem transpassado com uma faca no pescoço e segurando uma cabeça decepada, em uma das mãos. O quadro era horripilante e não me lembro direito, só sei que trazia centenas de facas e dezenas de cabeças decepadas. A outra gravura, em preto e branco, retratava um homem velho de longas barbas, com os olhos, a boca e o pescoço, transpassados por pequenas setas. Inútil tentar descrever, não podemos rasurar com palavras uma tela majestosa, e narrar uma pintura é coisa impossível. Deveriam

ser reproduções de quadros de algum pintor famoso, mas eu desconhecia. Numa noite coincidentemente chuvosa, na biblioteca da Universidade Estadual de Londrina, matei a charada. As pinturas eram respectivamente *Hidalgo, a Primeira Batalha da Revolução* e o *Combate dos Símbolos*, do pintor Orozco.

Meia-noite. A curiosidade e um certo medo inexplicável me levaram à varanda central da casa, que ficava em frente ao mar bravio de Praia de Leste. A mulher das tormentas ouvia Mozart e balançava-se contemplando os relâmpagos, sem um pingão de alteração, como se contemplasse um céu recheado de estrelas. Aprendera a conviver com eles. O céu daquela noite lembrava um quadro de El Greco, cujo nome não consigo lembrar, mas que retratava um céu assustador.

- Qual o enredo daquele diário de madeira, enorme e branco, lá no quarto?

- Pertenceu aos bisavós dela, que eram mexicanos. Do tempo em que fomos ricos, e tínhamos paz.

- Só restou isso de herança? Um guarda-roupa?

- Não. Herdamos uma mansão quatrocentona, com tudo. Casei-me sabendo que meu marido era alcoólatra. Naquela noite chuvosa como a de hoje, estava vestida de noiva, pronta para ir à igreja. Papai pediu que eu desistisse. Casei-me mais por teimosia que por amor. Dez anos de casamento, brigas, torturas emocionais, desentendimentos. Imagine o que é o alcoolismo e o que essa menina presenciou...

- Sei, é uma barra difícil de agüentar. Também tive um pai alcoólatra.

- Era alcoólatra e depressivo. Misturava os remédios, ficava fora de si. Não agüentei mais. Pedi a separação. Esbravejou, misturou os remédios. Esperou que eu e Ágata saíssemos e botou fogo na casa.

- Por ruindade ou loucura?

Salma Ferraz

- Mais loucura que ruindade.

- Morreu no incêndio?

- Antes tivesse sido! Não. Os vizinhos o encontraram vagando em meio ao fogo e conseguiram tirá-lo de lá. O homem do fogo ria desesperadamente no meio dos escombros e gritava: *Comecei a destruir vocês... Eu vou destruir vocês duas...* Os bombeiros chegaram muito tarde. Perdemos o casarão...

- Só sobrou o guarda-roupa...

- Chamuscado, mas inteiro. Ágata tinha dez anos e viu o fogo devorar a casa que tanto amava, todas as suas roupas, fotos, bonecas, lembranças, tudo. A partir daí se apegou demais ao móvel e mandou pintá-lo de branco. Guarda-roupa branco puríssimo e minha filha com a alma branca, já manchada. Nossa vida se transformou num inferno itinerante. Mudanças e mais mudanças. Para Pontes e Lacerda, no Mato Grosso, para o interior de Minas Gerais. Foram cinco estados, em cinco anos de fuga.

- Fugiam dele?

- Sim. Nunca tive problemas em conseguir emprego. Sou graduada na federal do Paraná e há hospitais e doentes em todo o Brasil. Ele estava sendo uma péssima influência para a menina. Fugíamos, e ele tinha um prazer todo especial em nos caçar. Era um predador implacável. Viramos ciganas, pouquíssimas coisas colocávamos em cima do caminhão de mudanças. Mas Ágata fazia questão absoluta de encaixotar pessoalmente o guarda-roupa, cobria-o com papelões e cobertores velhos, amarrava-o com todo o cuidado, ajudava a carregá-lo e verificava se estava bem sustentado e confortável dentro do caminhão. Todos os amigos que ela fez nesses anos de peregrinação deixaram seus recados no móvel. De mudança em mudança, íamos nos desfazendo dos cacarecos, menos do guarda-lembranças.

- E ele?

- Nunca desistia da perseguição, até que chegamos ao agosto, sempre trágico. Numa discussão entre ele e minha irmã, em Curitiba, ele a esbofeteou porque ela se recusava a dar o endereço do lugar onde morávamos - a Princesa dos Campos, Ponta Grossa. Chegou o dia dos pais e eu, revoltada, disse a Ágata que ele não merecia sequer um telefonema. E ele matou o que havia sobrado de nós...

- Como?

- Suicidou-se com um tiro no ouvido, no dia dos pais.

E a menina?

- Com quinze anos, diante do caixão do pai, ouviu os avós paternos se aproximarem, silenciosamente, e murmurarem no seu ouvido: *assassina, você matou seu pai.*

- Terrorismo puro dos parentes. Ele se mataria de qualquer maneira...

- É o que estou tentando explicar para ela há um ano. Em Ponta Grossa, após a morte do pai, passou a freqüentar cemitérios, vestir-se de preto, era gótica mesmo. Por vezes, a polícia me ligava dizendo que ela estava dormindo no cemitério. Eu corria para lá e, perante testemunhas silenciosas, carregava para casa, no colo, minha filha drogada, com olheiras enormes e a boca arroxeadada. Os mortos dali estavam mais vivos que ela. Uniu-se a uma turma da pesada, e fundaram o PDC.

- Algum partido político?

- Não. Prisioneiros do Cemitério! Passavam todas as noites no cemitério lendo Poe, Álvares de Azevedo e cantando músicas do Seixas e do Jim Morrison. Liam versos e mais versos sobre a morte e enfeitavam os túmulos com algumas gravuras de um estranho pintor que ela descobriu em um livro na biblioteca pública. Tentou se matar com uma overdose. No hospital de Ponta Grossa, senti que precisava mudar. Mudar para um lugar ligado à natureza, com muito

Salma Ferraz

céu e mar azul.

- Escolheu Praia de Leste.

- É, aqui estamos tentando recomeçar, se é que é possível recomeçar sobre as cinzas.

- A fênix renascia das cinzas!

- Somos fênix aleijadas.

- Ela fez questão de trazer o guarda-roupa para a praia?

- Absoluta. Não trouxemos nada de lá, compramos tudo aqui. Só a “lembrança branca” veio. Ela fumava um cigarro atrás do outro, deitada na terceira rede da varanda. Não havia luz naquela noite, e pude vislumbrar, entre as brasas do cigarro e os clarões dos relâmpagos, seus olhos profundamente secos. Nenhuma lágrima. Nenhuma alteração na face. As cinzas do cigarro caíam sobre suas roupas brancas, enquanto uma coruja, escondida no teto da varanda, piava assustada com a tempestade.

- Me causa preocupação a escolha dos poetas, dos versos, das músicas e aquele túmulo imenso pintado na parte central, com uma espécie de epitáfio: *PDC - Só aqui há Esperança*. Não é preciso entender de literatura, nem tampouco ser psicóloga para compreender que o guarda-roupa é um apocalipse explícito. Ela precisa... precisa de tratamento.

- Está fazendo análise, faz um ano. Agora está bem melhor. Tá fazendo cursinho pré-vestibular e curso para modelo.

- É, vi a foto na sala. Toda de preto. É uma morena exuberante e bela. Só os olhos...

- O que têm?

- Acho que eles não suportam nenhum adjetivo.

- Velhos?

- Talvez! Posso lhe dar um conselho?

- Claro.

- Nunca a afaste do guarda-roupa. É a âncora da sua alma.

No outro dia, dirigindo pela 101, de madrugada, e presenciando os primeiros raios de sol misturados à neblina da serra, não pude tirar a imagem daquele monstruoso guarda-tragédias branco. Na realidade, precisei interromper a viagem para tomar uma café bem forte e, assim, espantar o sono. Não havia conseguido dormir, porque os clarões dos relâmpagos enfurecidos me fizeram perder o sono de uma noite de verão. Refletiam-se sobre aquele pequeno museu branco, e parece que o móvel ganhara vida e me olhava com um certo orgulho. Pensei em escrever um conto à la Garcia Marquez e anotei, rapidamente, num guardanapo de lanchonete de beira de estrada, alguns tópicos: *alcoolismo, depressão, incêndio, guarda-roupa, suicídio do pai*, etc. Um dia talvez escrevesse algo sobre os fortes resíduos daquela noite e finalizasse com o etcétera fantástico, visto que admiro as intervenções sobrenaturais. Faria uma homenagem a Poe e Ágata e, dessa maneira, mataria dois góticos num conto só. Não, era melhor evitar o verbo *matar*.

Eu e aquela mulher de branco, que já havia aliviado a dor de tantas pessoas - incluindo a de meu filho - e que adorava ouvir os noturnos de Chopin, trocamos correspondência por mais de um ano. A última carta escrita em esferográfica preta, recebi-a, faz alguns dias. Dava o desfecho nada fantástico, o etcétera que eu jamais gostaria de acrescentar a essa estória:

Mudei-me novamente para Ponta Grossa, para tentar o mestrado na UEPG. Numa daquelas curvas infelizes que você conhece tão bem, o caminhão de mudanças desgovernou-se e virou dentro do rio que estava cheio por causa das águas de março. O motorista conseguiu milagrosamente escapar. O guarda-roupa, não. Minha filha ficou apavorada, gritava e tentava arrancar os cabelos. Nunca a vi assim, em

Salma Ferraz

transe completo, nem na morte de seu pai. Fizemos de tudo, chamamos o guincho, alguns mergulhadores da região fizeram o impossível, localizaram o caminhão que foi retirado daquele rio que parecia não ter fim. Minha Ágata sorriu, esperançosa. De dentro do caminhão só saiu lama e mais lama. O diário branco de sua vida desaparecera no lodo preto e profundo do rio que, vim a saber só naquele momento, se chamava “Rio das Cinzas”. O guarda-roupa branco agora era lodo impuro. Ágata, alma de barro, se desmanchando.

A depressão e o desespero de minha filha eram visíveis. O médico receitou Tofranil em alta dosagem. Não dormia e tinha pesadelos nos quais recitava poemas e mais poemas, todos sobre a morte. Voltou a se vestir de preto, os anéis de caveiras retornaram aos seus dedos e um esmalte negro cobria suas unhas. Num final de semana tive que dar plantão, o antigo namoradinho veio de Palmeiras para cuidar dela e convidou-a para visitar Furnas, aquelas gargantas profundas, aqueles abismos encravados na terra. Ágata ficou lívida de alegria, o que deixou o jovem mais decidido ainda a fazer o passeio, já que estava um dia ensolarado, sem uma única nuvem no céu. Minha filha estava com a pele rosada de felicidade. Nunca esquecera aquele rapaz que lhe fazia todos os gostos e, além do mais, adorava lugares radicalmente belos. E assim foi, cantando dentro do carro, toda de preto, com seu walk-man. Ao chegar na beira da gruta, a menina alegre e travessa da infância, renasceu. O rapaz, de longos cabelos loiros amarrados em forma de rabo-de-cavalo, foi comprar os bilhetes para descerem pelo elevador ao fundo da garganta, que refletia o vermelho abrasador do sol do meio-dia. Ágata colocou no aparelho uma fita contendo o Réquiem de Mozart, soltou os cabelos pretos, bebendo o sol que batia em sua face rosada. Relembrou, em segundos, dezenas de imagens que, qual uma procissão final, desfilaram em sua memória, como em um filme. Despediu-se de suas próprias visões, abriu os braços e levantou,

silenciosa, seu primeiro e último vôo de fênix aleijada, atraída pelo feixe de luz que emanava daquele abismo verde.

O papel da carta estava coberto de cinzas. De cigarro. Agora a mulher de branco e a moça de preto eram iluminadas pelo signo de um novo partido: *PDC - Prisioneiros das cinzas.*

~

*Posfácio-epitáfio
Nasci para a vida
De morte vivi
Mas tudo se acaba
Silêncio. Morri*

Ana Cristina César



A SACERDOTISA DE BACO¹

*Bache bene venies gratus et optatus
per quem noster animus fit letificatus.*

Canção medieval.

Era uma vez... Foi uma vez ali em Guaraqueçaba, região de antigos naufrágios e grandes expedições, entre a Ilha das Peças e a Reserva Ecológica de Superagüi, que fiquei conhecendo a estória que tentarei reproduzir. Afinal, o narrador se serve de estórias que passam de boca em boca.

A Ilha de Superagüi, localizada na baía de Paranaguá, foi incluída pela primeira vez nas cartas de navegação em 1545 pelo alemão Hans Staden, membro da expedição espanhola de Diogo Senabria, que naufragou ali. Depois veio Gabriel de Lara atrás do ouro da Serra Negra; após, os jesuítas para catequisar os tupi-guaranis e fundar, naquele local, o primeiro povoado paranaense. A ilha já pertenceu à coroa portuguesa – Companhia de Jesus - depois foi adquirida por Perret-Gentil, um suíço, e, finalmente, explorada por um jovem pintor e aventureiro, o suíço William Michaud, de Vervev, que chegou à ilha, em 1854.

As ilhas afortunadas são compostas pela Ilha das Peças, Ilha do Mel e Superagüi. Essa parte do litoral paranaense é conhecida como o *útero do Atlântico Sul*, devido à preservação da Mata Atlântica e dos manguezais ainda intocados. É próximo a essa ilha afortunada, Superagüi - composta por mata atlântica nativa - que vamos encontrar a nossa Robinson Crusóe, solitária e exilada, forçosamente, no meio de ilhas povoadas pelo mico-leão-da-cara-preta e do papagaio-da-cara-roxa. Leitor solitário, isto não é uma fábula de La Fontaine, é o relato da mais triste

¹ Conto classificado em 3. Lugar no 31. Concurso de Literário de Contos promovido pela Fundação Cultural de Paranaíba, FEMUP, nov. 1999.

Salma Ferraz

das solidões - aquela que não se escolhe, mas à qual somos obrigados. Naquele paraíso já não existia inocência, porque o bicho homem já aparecera por ali.

Se a escritura liberta os demônios que existem dentro de nós, preciso exorcizar um espectro que me persegue desde o último verão, no litoral paranense. O medo escraviza, mas escrever liberta. Preciso libertar do limbo da memória, rememorar essa estória é exorcizar um fantasma com uma carga expressiva de indignação. Escrever, às vezes, é um ato de alforria. Fico a pensar - se é que posso me expressar num estilo um tanto eclesiástico - por que o *homo sapiens*, desde Caim, tem a inigualável capacidade de infligir tanto sofrimento aos seus semelhantes, se nem mesmo as feras possuem essa aptidão, que certamente não é uma vocação divina. Basta de divagações, voltemos ao conto.

Quem viaja muito, conta muito, e eu me sentia um marinheiro navegando pelas águas azuis da baía de Paranaguá. Pensava nos marinheiros que haviam navegado até o fim do mundo: Fernão de Magalhães, James Cook, Road Amundsen, Ernest Shackleton e em alguém que já singrara as mesmas águas pelas quais eu agora navegava - Amyr Klink. O mar sempre esteve no caminho dos homens, no destino dos homens. Liberdade e prisão. Ir e vir. Fuga e retorno. Solidão e encontro. Exílio. Abismos.

Cruzava com muito medo e apreensão a região das ilhas de Guaraqueçaba, o manguezal que circunda a Ilha das Peças e a Ilha de Superagüi. Uma nuvem escura cobria todo o céu e fazia baixar uma chuva que me impedia de observar a beleza do lugar, tão bem retratado pelas telas do pintor suíço William Michaud, e que se encontram expostas no Museu de Vervey, em Genebra. Só quem já teve contato com o lugar ou com as telas e aquarelas do pintor pode sentir a sua grandeza edênica. Já escreveu Saramago, em algum de seus livros: a pintura não é nada mais do que literatura feita com pincéis.

Aquela neblina espessa impedia que eu visse a natureza exuberante; só conseguia enxergar o barqueiro todo coberto com uma capa de plástico preta. Ele explicava-me que não havia perigo, que conhecia o lugar como a palma da sua mão, que o lugar era raso e que o único perigo que corríamos era encalharmos no manguezal. Eu, como tenho horror a caranguejo, fiquei mais apavorada ainda.

Dirigíamo-nos para Superagüi e ele tentava me acalmar contando as estórias do explorador-pintor-aventureiro suíço, dos seus sonhos, dos seus quadros que valiam uma verdadeira fortuna, da casa grande que ele havia construído, de como tentou plantar café e vinho, do casamento com uma nativa, dos dez filhos que tivera, dos descendentes nativos, em torno de 30, todos de olhos azuis, que moravam em Superagüi e possuíam uma verdadeira fortuna à sua disposição, na Suíça, já que Michaud, no começo do século, enviara os quadros para sua irmã, que morava na Europa. O barqueiro sabia que eu estava indo para lá para pesquisar essa estranha estória; por esse motivo, contava-me, entusiasmado, que os nativos não acreditavam na herança e achavam tudo uma lenda. Assim, o velho pescador tentava desviar minha atenção da chuva que caía forte e do medo estampado em minhas mãos que se agarravam, apavoradas, à borda do barco. Eu quase não via nada e só ouvia o barulho do motor potente da lancha, enquanto ajeitava minha negra capa de plástico para me proteger da chuva.

Logo após cruzarmos a Ilha dos Papagaios, a chuva acalmou, e, ao virar o pescoço, que doía muito, pude visualizar, mais serena, ao longe, uma pequeníssima ilha encoberta por nuvens baixas. Olhei no mapinha fornecido pelo posto de turismo de Paranaguá, e não havia nenhum sinal dela. Perguntei-lhe:

- Porque aquela ilhazinha não aparece neste mapa?
- Porque não tem nada de importante lá. É perigoso,

Salma Ferraz

sabe?

- Se não tem nada de importante lá, por que é perigoso? A ilhazinha parece ser tão bonita!

- É melhor deixar quieto.

- O senhor já levou alguém pra lá?

- Uma única vez...

- E a pessoa gostou?

- Acho que não...

- Como acha que não?

- Foi uma viagem só de ida. Não teve volta. Ela não voltou...

Aquela estória imediatamente me chamou mais a atenção do que a dos nativos, herdeiros de uma verdadeira fortuna do exótico pintor suíço, uma vez que o desconhecido é o vício da humanidade. Muitos pesquisadores já haviam estado ali e até documentários para cadeias de tv européias já haviam sido realizados sobre o assunto. Mas, aquela misteriosa ilhazinha, perdida e esquecida entre as ilhas maiores, me despertou interesse. Por que o barqueiro falava em tom vago de um passageiro que levou para lá e que não voltou? Índios? Antropófagos? Naufrágos? O certo é que quem navega de barco por aquela região, ouve coisas de que até o diabo duvidaria. Insisti muito até que o barqueiro, fazendo-me jurar por tudo o que eu mais acreditava - e via que eu não acreditava em muita coisa - contou-me a estranha viagem que não teve regresso.

- Quem o senhor levou para lá?

- Uma senhora. Quase velha. Não, velha de tudo.

- Quantos anos tinha?

- Mais ou menos sessenta e cinco anos.

- Por que a levou para lá e por ordem de quem?

- Ela morava em Superagüi e bebia feito uma condenada. Pinga pura mesmo. Bebia, dançava, tocava viola. A pinga deixava a velha louca. Ela fazia a alegria dos poucos bêbados dali.

- Mas em Superagüi, a maioria do pessoal não é protestante?

- É. Mas a velha morava em Paranaguá. Os filhos dela não aguentavam mais lidar com a bebedeira. A velha tinha uma filha em Superagüi e, por isso, os filhos de Paranaguá mandaram a mulher para cá.

- E daí?

- Daí que era vexame em cima de vexame. A velha roubava dinheiro dos filhos e comprava pinga. Chegava até a roubar os bares que serviam aos turistas. Tudo para comprar a maldita pinga. E quando conseguia era uma zueira só. A velha ficava feliz, dançava, ficava até mais nova, bonitona mesmo, orgulhosa, cantava. Quando estava sem beber, era uma tristeza de dar dó. A velha enfeiava, secava e chorava sem parar. Foi quando a família não aguentou mais essa luta, que durou dois anos. Saíram navegando pelo mar e encontraram essa ilha desconhecida por Deus e pelo mundo, que nem no mapa aparecia. Me chamaram, explicaram o plano, me deram dinheiro. Num dia em que a velha tomou um porre, quando estava desmaiada de bêbada, me ajudaram a carregar a mulher, que era magra, pra dentro do barco. Colocaram ali provisões de comida: um saco de arroz, outro de feijão, cebolas, sal, farinha de milho e trigo, vasilhames, todos os trapos da mulher e me mandaram deixar a velha na ilha.

- Senhor, é difícil acreditar. Quanto tempo faz isso?

- Dez anos. A velha deve ter aí em torno de uns 75 anos?

- E como ela sobrevive?

- Pesca, come peixe, banana e, dizem, até macaco!

- Queriam que ela comesse o quê? Camarão na moranga? E a família?

- Uma vez por mês coloca mantimentos em cima de uma pedra, próximo a uma prainha na ilha. Eles não têm mais coragem de encarar a velha. Dizem que a mulher odeia

Salma Ferraz

eles, ódio de morte mesmo. Na primeira vez que foram lá levar comida, a velha expulsou os filhos a cacetadas.

- O senhor não tem remorsos de ter deixado a velha lá?

- Não. Era para bem dela. Se estivesse em Superagüi, já teria morrido de tanto beber. Os parentes dizem que fizeram isso por amor, porque a mulher bebia pra mais de cinquenta anos.

- Estranho amor, heim...

- Eles dizem que tentaram várias internações em Curitiba. Nada adiantou. A velha saía do hospital, cruzava a rua e se enfiava no primeiro bar para beber, dizia que queria morrer bebendo.

- Quero ir lá amanhã. Pago o que o senhor quiser.

- E a pesquisa dos nativos de olhos azuis, da turma dos suíços?

- Pode esperar...

- Só se a viagem ficar em segredo... Isso ainda pode dar um rolo. E além do mais, semana que vem estou pensando em ir embora para São Francisco do Sul, em Santa Catarina, para tratar de uma herança que ganhei de um parente de longe. Não quero encrenca. Por aqui acontece cada coisa... Transporte cada alma esquisita!

- Combinado. Digo na pousada que vamos visitar a Ilha dos Papagaios.

Naquela noite não deixei de pensar na estranha coincidência: meu torcicolo me fez virar o pescoço, e por causa do simples girar de cabeça, a ilha e a mulher cruzaram o meu caminho e entraram nesse conto que, a princípio, relataria a saga do sonhador suíço. No outro dia saímos em direção à ilha desconhecida, com um sol esplendorosamente alaranjado. A paisagem, indescritível. Uma tela viva que não pode ser descrita, só olhada. Mar azul, peixes que pulavam para fora da água, botos ao longe, ilhas e ilhas, quadros parasidiacos se sucediam

diante de meus olhos extasiados. A única nota dissoante era meu ouvido que doía por causa de uma infecção, devido às chuvas do dia anterior. Mas a nota maior que dissoava daquele cenário edênico era a estranha estória contada pelo pescador. Até o momento em que meus pés tocaram a areia fofa daquela ilha ainda não acreditava no relato do velho homem que, ao contrário dos outros pescadores, expressava-se num português muito bom. Era impossível que uma família que se dizia cristã, tivesse deixado a própria mãe, literalmente, no vale iluminado da sombra da morte.

O marujo, que coçava sua imensa barba, devido a sua idade, hesitou em me acompanhar até o barraco da velha, que só agora, eu sabia, se chamava Xica. Mas o acesso à ilha era difícil e por causa da maré alta, tivemos que descer num lugar em que a areia era funda e o barqueiro teve que descer comigo, para me ajudar a alcançar a prainha. Daí em diante disse que me seguiria de longe, porque talvez duas pessoas, assustassem muito a mulher.

Depois de cruzar com dezenas de borboletas amarelas bailando a música do silêncio, cheguei a um barraco, mistura de sapé com folhas de árvores, meio parecido com uma oca indígena. Em volta, umas frestas enormes que serviam de janelas para iluminar o interior, e, na frente, duas tábuas velhas, amarradas uma à outra, que aparentavam ser a porta. Chamei, chamei. Silêncio absoluto. Chamei de novo, e, de repente, as tábuas foram removidas.

Esperiei um pouco e adentrei cuidadosa, após visualizar, no fundo da cabana, um espectro, mais osso que carne, mais sombra que luz. Demorou alguns segundos até meus olhos se adaptarem à semi-obscuridade e poderem vislumbrar, encolhida num canto do barraco, aquela figura, cujo aspecto me recordava os *Retirantes*, de Portinari. Uma cara recoberta por uma pasta amarelada de rugas, que se equilibrava em cima de um pescoço intumescido, um corpo crispado, frágil,

Salma Ferraz

mal-recoberto por trapos amarfanhados que revelavam os ossos pontudos e salientes, os cabelos brancos, longos e desgrenhados, uns olhos azuis opacos, na realidade, dois buracos numa órbita neurótica, pelos quais vazavam uma alma atormentada. Aquelas crateras, qual úteros secos, me olhavam com ar interrogativo, e tive a sensação de que a via pelo avesso, ou então que um cupim cruel havia feito um trabalho perfeito, interno e externo, e quase não deixara pele sobre pele. O que sobrara da pele era uma crosta recoberta de pústulas. Parecia um animal acuado que, devido ao medo, emitia uns grunhidos agudos, uns urros, enfim, sons desarticulados. Falei que não queria lhe fazer mal, e, ao ouvir isso, a assombração parou de urrar e saiu da posição defensiva. Só então, constatei que estava correndo risco de vida, pois firmando os olhos, percebi que ela segurava um pedaço de pau suficientemente forte para me quebrar a cabeça. Ela era quase uma mulher das cavernas, daquelas retratadas pelos filmes de seriados televisivos, completamente oca de humanidade. Comecei a falar, pausada e resumidamente, tudo o que sabia dela. Perguntava se aquilo era verdade, e ela não movia um músculo sequer daquela cara recheada de rugas, perpassada por um halo de loucura. Enquanto me ouvia, arrumava um peixe atravessado num espeto, em cima de um monte de brasas, e, disfarçadamente, me olhava com uns olhos que tinham o brilho baço das trevas. Pensava se algum dia aquela máscara tinha sido um rosto humano.

Fiquei ali falando aos peixes mortos, e pensei que aquela mulher vivia, ao mesmo tempo, no paraíso e no purgatório. Ela não movia um membro, um nervo do corpo, não fazia um gesto em direção a mim, e eu sentia que estava pregando uma estranha mensagem para um monte de ossos sequíssimos. Quando cheguei na parte da bebida, perguntei-lhe:

- É verdade que a senhora gostava muito de beber

pinga? Que bebeu por mais de cinquenta anos e que seus filhos a colocaram aqui para que a senhora não bebesse nunca mais?

A mulher parecia que só agora acordara e se dera conta da minha presença. Olhou-me, com aqueles olhos quase sem vida que, ao ouvirem a palavra mágica - pinga -, voltaram a brilhar mais do que as brasas onde o peixe era assado. Todos os seus sentidos despertaram abruptamente, e uma volúpia atravessou o corpo do espectro. Aproximou-se de mim, segurou meus braços e começou a gemer, apertando os lábios uns contra os outros. Sua respiração tornava-se difícil, seu nariz dilatava-se, passava a língua em volta da boca enrugada e sem dente num ritmo alucinante. Continuava me apertando e mordida os lábios com muita força, arquejando, salivando sem parar, e deixando escorrer, daquele buraco murcho, uma baba abundante. Voltou a grunhir, com suas rugas crispadas de dor, emitindo gritos lancinantes e desesperados, e eu sentia que urgia decifrar, nos lábios descarnados, as palavras não ditas. Estava em transe, completamente histérica pela lembrança da bebida, que a fazia sentir uma sede insaciável de álcool, e eu, aterrorizada, consegui ouvir dezenas de palavras não faladas. Era como se a alma da mulher quisesse saltar do meio daqueles ossos pontiagudos num elogio último e desesperado a Baco. Seus olhos, antes embaçados, agora brilhavam e farejavam o ar como um cão enlouquecido, tentando segurar-me com seus tentáculos ressequidos. Temi pelo pior e saí dali horrorizada pensando que, naquela área de proteção ambiental e reserva da biosfera, um ser humano tinha menos valor que os micos e papagaios. Na pressa, acabei por amassar, com os pés, exuberantes flores amarelas e inúmeras teias de aranhas, únicas companheiras daquela avantesma que extravasava, pelos ossos e pelos olhos, uma cólera provinda de uma zona misteriosa de sua alma. No desespero em vencermos a arrebentação e sair logo da Ilha do Diabo, minha mente, mais cinematográfica do que assustada, não pôde deixar de lembrar *Papillon*.

Salma Ferraz

O antigo barqueiro, ao notar minha face pálida, me perguntou se estava tudo bem. Respondi esbaforida que sim, e, com o esforço do motor e a experiência do velho homem do mar, alcançamos, em menos de quinze intermináveis minutos, o mar aberto, deixando assim, rapidamente, aquela ilha que ficava nos confins do impossível. O sol e a brisa do mar devolveram-me a calma necessária, e concluí que havia desembarcado no paraíso e fugido do inferno, em menos de uma hora. O pescador continuava a fazer planos para sua viagem naquele final de semana, para o mar mais ao sul.

- O senhor vai embora nesse final de semana?

- Sim, senhora. Vou deixar meu barco, vou deixar de jogar a rede. Já sou velho, sabe, não aguento mais remar. Ultimamente, só pescava de lancha. E a senhora, vai ficar muitos dias?

- Não sei, não. A história dos descendentes do suíço já foi muito explorada... Além do mais, eles escondem a bisneta do Michaud. Não deixam ninguém se aproximar da casa da mulher. Isso deixa a gente chateada.

- Eles não acreditam na estória da herança. Têm medo de pessoas que possam explorar eles.

- O senhor tem compromisso para amanhã cedo?

- Não, a patroa manda.

- Quero voltar à ilha desconhecida...

- Pra quê? Não bastou o susto de hoje?

- Não vamos desembarcar, amanhã. Só quero deixar na pedra, alguns alimentos para a pobre da velha. Me deu uma pena...

- Ah! Bom... Amanhã, sete e meia da manhã. Sou um cumpridor fiel do meu destino e da minha função. Não se esqueça! Segredo absoluto.

- Segredo absoluto.

No outro dia cedinho partimos, pela última vez, em direção à ilha desconhecida, logo após eu ter pago o óbulo

da passagem. Naquelas ilhas ignoradas, ninguém fazia a travessia de graça. O céu azul parecia comemorar algo especial, e o mar estava calmo como um espelho, parecia estagnado, e eu me sentia pequena, diante da imensidão sem fim. Levava dentro do barco um saco cheio de comida, frutas, carnes e algumas garrafas de refrigerantes, que matariam a sede do fantasma da ilha. No armazém de Superagüi, inventei que a compra era para um pescador pobre da Ilha das Peças. Com a ajuda do meu fiel escudeiro desembarcamos, colocamos o saco na pedra, e eu deixei, ali, meus últimos escrúpulos. Pode-se afirmar que os escritores imaginam mais que o comum dos mortais. Apesar de ter visto ligeiramente a pedra, tive a impressão de que ela se assemelhava ao formato de uma garrafa, e aquilo não tinha sido trabalho da natureza; nem de seus ventos, nem das ondas revoltas do mar. Dizem que a amante de Baco chorava todas as tardes em cima daquela pedra. O marujo estranhou o barulho das garrafas dentro do saco, e me questionou. Falei que eram garrafas de refrigerantes e ele não fez mais nenhuma pergunta, apenas sorriu, maliciosamente, o que me deixou encabulada. Mas aquele marujo queimado pelo sol era um homem sábio. Voltamos depressa para o barco que começou a se afastar devagar, e eu fiquei olhando a ilha, olhando, olhando, até ela desaparecer da minha vista, enquanto no céu azulado, um colhereiro cor-de-rosa emitia um alarido prolongado e voava despreocupadamente. No trajeto de volta, eu e o pescador não trocamos nenhuma palavra.

Quando desembarcamos em Superagüi, despedi-me do homem do mar, não sem reavivarmos nosso pacto de silêncio sobre aquelas duas viagens à ilha da assombração desconhecida. Fiquei tranqüila, já que o pescador iria embora naquele final de semana para bem longe dali. Desisti da pesquisa sobre os descendentes de Wiliam Michaud, porque os nativos eram muito arredios e não estavam nem um pouco predispostos a serem incomodados, nem a receberem herança alguma.

Salma Ferraz

Queriam apenas morrer em suas miseráveis taperas, em paz, rodeados por cachorros sarnentos e com muitos bichos de pé. Voltei para Paranaguá também naquele final de semana e escolhi outro caminho, porque não queria passar, nem de longe, por aquela ilha mal-assombrada. De Paranaguá, tomei outro barco para a Ilha do Mel.

Fazia uma semana que lá estava, numa pousada perto da praia do Farol. Caminhava pela praia bem cedo, em direção ao trapiche central, onde os pescadores se reuniam para consertarem suas redes e contarem seus *causos*. Naquela manhã, eles conversavam sobre algo que me parecia familiar. Aproximei-me lentamente e encostei-me a um barranco, aparentando cansaço. Dali, vi dedos ágeis tecendo as redes e bocas habilidosas contando *causos*. Ouvei um pescador contar que, no dia anterior, passara de madrugada - quando os primeiros raios de sol mandavam a escuridão embora - em frente à ilha desconhecida, e ouviu Xica cantando e dançando, feliz da vida, ao redor de uma fogueira. Ele, enquanto dava vigorosos nós na rede, relatava que nem havia-se aproximado, de tanto medo de ser morto por ela. No final da tarde, quando voltava para a Ilha do Mel, pondo-se o sol esplendorosamente e fazendo, daquela tarde, uma tarde sangrenta, resolveu desembarcar na ilha desabitada e lá encontrou, próximo à praia, o cadáver da velha, agarrado firmemente a uma garrafa de bebida vazia. Ao lado, mais umas oito garrafas, todas vazias. O pescador, benzendo-se, disse que naquela noite sua alma se libertara; a velha morrera sorrindo e ele percebera um sorriso de pessoa viva, no rosto morto da mulher. De felicidade; naquela noite, ela morrera pela segunda e definitiva vez. Confessou que jamais aquilo seria apagado de sua memória. Os outros pescadores olharam para o horizonte e, instintivamente, afastaram da rede uma das mãos, e se benzeram.

O sol batia forte contra aqueles corpos queimados pela maresia. Os pescadores embarcaram para mais um dia de

labuta no mar. Jogariam de novo suas cansadas redes. Apanhei um pedaço de uma velha rede que havia sido jogada fora, e caminhei horas na praia desfiando aqueles fios entre os dedos, e pensando que o futuro dos homens ainda dependia de algo muito frágil chamado memória, e que aquela mulher havia morrido farta de alegria na ilha do dia seguinte. Nem sempre é doce morrer no mar. Às vezes se morre afogado no mar interior. Outro colhereiro rosa passou por ali, distraído. O mar sem fim não era português, era de Baco, e nesse mar somos todos viajantes sem destino de chegada, sem avistar nenhum porto, sem a possibilidade de atar um único fio de nossa velha rede.

~

*“A negra terra bebe
e bebem as árvores a ela;
bebe o mar as brisas,
o sol o mar,
a lua o sol.
Porque brigais comigo, companheiros,
Comigo que também quero beber.”
Anacreonte
(trad. De Celina Figueiredo Lage)*



O SEIO NOSSO DE CADA DIA

“Os teus dois peitos são como dois filhos gêmeos da gazela, que se apascentam entre os lírios.”

Cantares de Salomão 3: 5

Antes, eu dizia que uma folha branca me intimidava. Agora, a tela vazia e ansiosa por palavras me ofusca o pensamento, porque não posso simplesmente bater o cinzel sobre a tela e gritar: *Parla*. Começar é preciso. É preciso manchar a tela com palavras.

Feira da Praia de Iracema, sem nenhuma virgem, porém, com alguns lábios de mel, Fortaleza 40° C, final de tarde de verão, janeiro de 1996. Fortaleza do mesmo nordeste que um dia já foi holandês. Mas o enredo não é sobre a Holanda e sim sobre uma vaca holandesa e loira e de úberes imensos... O sol se punha sobre coqueiros, turistas caminhavam no calçadão da praia, o som do forró animava a tarde, vestidos de linho cru, chapéus de Lampião, redes, artesanatos de todos os tipos, santos de todos os tamanhos. Feira na praia, bronze nos corpos, vento nos cabelos, barganha à vista, dinheiro, moedas e cheques passando de mãos descansadas para mãos quase sempre cansadas.

Naquele mercado persa-árabe-nordestino, uma turista procura, em meio às barracas, o objeto que foi a verdadeira sensação nas praias nordestinas no verão de 96: um biquíni, cuja parte de cima era composto por um legítimo coco cearense-alencariano-iracêmico. Doutora Pâmela era juíza de brilhante carreira no Tribunal Regional de São Paulo, conhecida pela imprensa em virtude de famosos despachos envolvendo políticos do mais alto escalão do governo. Também despertava inveja e desejo por toda a ala jurídica devido a sua estonteante beleza nórdico-neve. Seus inimigos a apelidaram de *Vera Fischer*

Salma Ferraz

das leis, o que a irritava profundamente, embora, no íntimo, se sentisse lisonjeada, porque, quando se olhava no espelho, realmente percebia a semelhança com a musa global. Divorciada, 35 anos, resolvera, depois de quase cinco anos sem férias, conhecer o Ceará. Visitava as praias mais afastadas, mas no final da tarde voltava para seu Hotel César Park, que ficava em frente à Praia de Iracema e, todos os dias, invariavelmente, fazia compras na feirinha. Deixando o visual jurídico – composto por inúmeras roupas clássicas - em casa, resolvera investir num mais sensual.

Finalmente estava livre daquele povo sisudo e daquela capa preta que usava, quando nas sessões. Achava que, durante as mesmas, deveria parecer mais velha, por isso prendia a vasta cabeleira loira em coque, usava uns óculos que nem grau tinha e evitava pintura. Na área jurídica uma juíza, mulher brilhante e gostosa, era uma combinação imperdoável. Aqui, bem longe do asfalto da Sampa dos Campos - onde nada acontecia em seu coração - e no Ceará de Alencar, poderia ser ela, só ela. Os cabelos loiros soltos, a brisa do mar, diversos colares de concha no pescoço e braços, sandálias de couro cru, vestido indiano comprido, sem mangas e decotado, pele bronzeada, pintura leve, corpo morno e sedento por algo que nem ela sabia, ao certo, o quê.

Pâmela havia observado os famosos biquínis iracêmicos, na Praia do Futuro, e resolveu comprar um. Na realidade, apesar de sempre usar biquínis, pensava que jamais teria coragem de usar o biquíni-coco. Ocorre que a musa forense tinha um leve complexo que, para ela, maculava um pouco sua estototante beleza: tinha seios número 46. Não eram seios de Maboque, eram seios afafazados-lorenanos. Os seios, apesar de grandes, eram firmes e muito bonitos, mas Pâmela já tinha secretamente uma poupança destinada à operação plástica, só adiada por falta de tempo. O problema era que, além de o biquíni-coco ser muito escandaloso, ela provavelmente não encontraria, em toda a feira, um coco n. 46.

Olhava para seus seios bronzeados, pensava se

realmente deveria fazer a cirurgia plástica, já que notara como eles chamaram à atenção, na praia do Futuro. Encontrou, enfim, uma barraca repleta de seios-cocos de todos os tamanhos e gostos. O dono da barraca era um simpático cearense, beirando a mesma idade que ela, pele bronzeada pelo sol e olhos vivos marcados pela labuta diária, pois *o sertanejo é, antes de tudo, um forte*.

Assim, absorta em seus pensamentos, aproximou-se do balcão da barraquinha, olhando para os seus seios disfarçadamente e depois voltando o olhar para os biquínis tropicalistas. Eram lindos, de todos os matizes, marrom-rachadinho, marrom-clarinho, mas, pequenos. Os biquínis estavam dispostos em ordem, dos menores para os maiores. Pâmela, analisando o volume dos seus seios e o volume dos cocos, foi caminhando em ordem crescente de tamanho. Como havia chegado bem cedo à feirinha, no pôr-do-sol, o burburinho de gente ainda era pequeno, e a feira estava tranqüila.

Nesse seu exame, minucioso e em silêncio, era observada pelo cearense de olhos castanhos-pôr-do-sol que se inebriava com sua presença. O sol se punha avermelhado e um ocaso da mesma intensidade surgia. O rapaz olhava o visual rebelde daquela loiríssima mulher, os cabelos mel, a pele acetinada, o cheiro de banho e perfume suave, os olhos verdes perdidos numa autocontemplação. Só ao chegar nos olhos é que o feirante observou que a deusa olhava os seus próprios seios, e depois olhava os biquínis-cocos. A partir daí, passou a contemplar aqueles cocos acetinados, os mais lindos que seus olhos castanhos jamais contemplaram e que suas mãos, certamente, jamais tocariam. Penso em escrever aqui que eram os cocos dos deuses, mas o mais correto é escrever que, a partir daquele momento, os cocos do Ceará ganharam outra dimensão para ele.

- Posso ajudá, doutora...

- Eu estou procurando um biquíni... desses de coco...

Salma Ferraz

O homem sempre gostara de loiras sulistas e verdadeiras, mas contentava-se até com as oxigenadas. Quando contemplou aquele monumento se aproximando sozinha e absorta em si, teve um calafrio. Ela era linda, loira legítima, de olhos verdes. Porém, o que mais o impressionava nas mulheres eram os seios, era mastomaniaco, ou, num português mais esculhambado e sensual, seiomaniaco. Em todas as suas três décadas e meia de vida, sempre sonhara com uma mulher loira, de olhos verdes e peitos grandes, como as atrizes norte-americanas. Mas nunca encontrava o desenho exato de sua imaginação fértil. Se gostava dos seios, era morena; se era loira, os seios eram pequenos. Ao oferecer ajuda àquela miragem, fixou-a naturalmente, contendo toda a sensualidade nordestina atrás da humildade de quem atende a um turista. Aqueles seios o encantaram mais do que todo o restante do conjunto, e violentas sensações o acometeram.

Pâmela notou que o homem olhava para os seus seios caminhando lentamente, e com seus olhos procurando, entre dezenas de peças, um número maior que abraçasse aquele promontório bronzeadíssimo. A mulher não olhava mais seus seios, olhava as vaquinhas de barro, as estatuetas e outras peças, e o enamorado continuava em seu exame quase radiográfico. Enquanto olhava atentamente o coco em suas mãos e observava os seios da mulher, a menos de meio metro de distância de suas mãos, sentia um desejo teimoso surgindo no meio de seu corpo que transpirava sem pudor algum, trazendo, à flor da pele, a marca de sua raça.

O sertanejo é, antes de tudo, um garanhão para ninguém botar defeito. Louvado seja Padre Cícero por isso, e bem-aventurado seja o nordestino, por sua sensualidade nata.

O vestido decotado deixava exposta a fenda divina, no meio daquelas montanhas gêmeas, que deveriam gemer de prazer, e ele tinha gana de atacar a mulher, preencher o conteúdo vazio do coco com aquelas carnes macias. Continha-

se e continuava o seu exame; com um pouco de esforço e muito prazer podia visualizar, quando ela se abaixava para ver as esculturas, os bicos durinhos e avermelhados como amoras maduras, que pareciam implorar para serem espremidas pelos seus lábios. Pâmela estava perturbada, e notara que o feirante também. Aqueles bicos durinhos e rosados quase estupravam os olhos do cearense e ele suplicava em silêncio, não mais a *Súplica Cearense*, mas uma súplica quase maternal, que Padre Cícero lhe concedesse o seio seu de cada dia. Perturbavam-se, e seus olhos se olhavam, verdes contra castanhos, castanhos contra verdes, o verde do mar lá atrás emoldurando os olhares, o avermelhado da tarde a incendiar cores e sensações, máscaras quase caindo. O que há de ser de uma juíza sulista e de um feirante cearense quando lhe caem as máscaras? O jogo de máscaras é antigo, sempre necessário, e não era preciso muita cultura para jogá-lo com maestria - bastava o encontro de um homem e uma mulher, sedentos de ternura.

A natureza humana desconhece títulos e posições, só entende de pele, pêlos e líquidos abundantes, e, por vezes, a pele antecede a palavra. O sertanejo nunca ouvira falar da *Arte de amar* de Ovídio, nem entendia nada dos códigos do *amor cortês*. Sua ética sexual era outra, ele só entendia de loiras e tetas intumescidas e a doutora só entendia de solidão, de homens sisudos e noites de insônia, lendo processos chatíssimos. Portanto, enquanto se olhavam, olhavam para si mesmos, e o nordestino iletrado sabia ler a solidão dos mamilos abrasados de uma mulher. Máscaras são necessárias, mas quando homem e mulher se tocam no olhar, não há coco que os separe.

- Tá me olhando assim desse modo por quê, rapaz? Qual o problema? – a voz soou possante, ao que o feirante recobrou os sentidos, com muito custo, percebendo o ridículo da situação. Fez-se um silêncio, e há silêncios que foram feitos para serem ouvidos. Há cartas não escritas nos silêncios. O

Salma Ferraz

silêncio lança a sorte para palavras não ditas, lança a senha que só a epiderme decifra.

- Ó xente, desculpa doutora, tô só fazen'ô u'a base...

- Uma base do que, seu abobado ...

- É, eita... zoiando, quer dizer, olhando um biquíni-coco di seu tamanhu...

- Do meu tamanho? Como?

- Oh! muléstia da peste... do tamanhu di seu seios....

- Atrevido. Olhando os meus seios... Sabe com quem você está falando?

- Tô aperreado. Num quis ofendê, madame, ave-maria, é qu'a senhora tem um seios grandão assim...

- Sou juíza, desaforado, como pode medir o tamanho dos meus seios? Não lhe dei essas intimidades. Eu posso lhe processar...

- Juízzzza.... Danou-se! Valei-me Padim Cíço... Me botá no xilindró, porquê... Só quis agradá...

- Processar por desacato à autoridade. Onde se viu, me olhando com esse olhar de tarado...

- Tô vexado! Num quis ofendê a madame nem cum o zóio, nem cum palavreado. Só qu'a Madame tem o seios maior qui mamão... Num tem coco que abraque esse, esse... Chega qu'eu fico doido di vontade...

- Desaforado, insolente... Me chamando de aleijada....

- Não madame, tô arengando não, são lindos, mamãos verdís e firmes, lindos, pareci um melão pele de sapo.

- Eu conheço melão pele de sapo, seu....seu...

- Disculpe, é muitio grandão mesmo.. É melhó melão príncipe.

- Como é que é esse melão?

- Grandão, mais firme, verdinho, co'um biquinho bem durinho no meio.

- Biquinho durinho, seu filho de uma égua, é a tua

mãe, Severino infeliz.

- Meu nome num é Siverino não, é José, tô ficando arretado - pensava em voz baixa, com uma vontade que doía em todo seu corpo. E agora, José? A maldita boca, mamão, melão, não, parece...

- Pareci os de Fafá de Belém.

- Fafá de Belém? Vou lhe meter na cadeia, nordestino desaforado, peituda é tua mãe.

- Não, mãinha tinha seios pequenus... Tinha não essa fartura da senhora...

A conversa virou uma discussão, e um guarda policial se aproximou, temendo que aquilo desandasse de vez. Pâmela falava com a voz alterada, muito nervosa e o cearense, tentando acalmá-la, só a irritava mais ainda com suas comparações práticas. O rapaz saiu de trás do balcão ficando mais próximo da mulher. Ele sentia que toda aquela confusão era benéfica, porque, tentando acalmá-la, pôde se aproximar do objeto de seus sonhos e desejos - os seios. Seus olhos eram mãos, muitas mãos que os agarravam e os acariciavam. Sua mão era uma máscara fingida, por isso precisava mantê-la inerte. Os olhos continuavam a desnudar aqueles seios transparentes ou poder-se-ia dizer que era o contrário, os seios é que desnudavam os seus olhos. O cearense arfava, e a juíza suava. Sentimentos mudos. Encontro cutâneo, porque o seio nosso de cada dia estava em falta para com o cearense, há muito tempo. Poderia, num recurso metafórico extremo, escrever que ele gostaria de comer a ambrosia dos deuses, beber o néctar divino. Mas é impróprio, passara *muítia* fome na vida; sua mente e seu paladar não se acostumariam a esse tipo de banquete. Realmente o que ele queria mesmo era mamar naqueles úberes leitosos, porque dali certamente manaria leite e mel; tinha finalmente encontrado a terra da promessa. Ele só pedia a Padre Cícero aqueles seios, e seu santo de devoção, milagreiro como era, certamente mandaria os seios

Salma Ferraz

acompanhados de todo o resto do corpo. O guarda, entrando no meio dos dois, reconheceu a famosa juíza que se hospedava no Hotel em frente à praia

- Calma, calma, o que está acontecendo aqui, doutora? O rapaz lhe faltou com respeito? Quer que eu mande prender esse bonequeiro?

Pâmela viu o ridículo da situação. Como explicaria ao policial, que a briga era por causa do tamanho dos seus seios. Olhava para o cearense, agora acabrunhando, cabisbaixo e os olhos tristes. Uma juíza na delegacia envolvida com um feirante por causa de seios; sua carreira arruinaria; era tudo o que seus inimigos precisavam. Além do mais, teve, sinceramente, pena do rapaz, já que ele só usara de sua habitual sinceridade.

- Não, senhor. Foi apenas uma discussão por causa de preço, mas já chegamos a um acordo. Obrigada, o senhor pode ir.

- Qualquer coisa, é só chamar...

O cearense não cabia em si de satisfação, e divagava, de maneira que só um legítimo filho das caatingas é capaz de divagar. A madame havia perdoado uma ousadia que nem sequer havia acontecido. Foram apenas ossos do ofício, a medição do tamanho dos seios da juíza, o cearense sempre fazia o serviço completo, e tudo para agradar o turista. Ele estava tão nervoso que ficava indo e vindo sem rumo; Pâmela não sabia o que fazer, o que falar. O nordestino também não, ensaiou tantas desculpas, pensou em palavras bonitas, mas falar bonito para uma doutora-juíza era pura idiotice. Enfim, resolveu cometer uma loucura que talvez o levaria - agora sim - para a prisão. Pensou consigo que o sertanejo é, antes de tudo, um perseverante e, desta vez, forçaria o implacável destino a cumprir um só de seus desejos, porque, para ele, amar era tentar o impossível.

- A doutora não quer comê uma coisinh'ali comigo?

- O quê...? Como assim...?

- Comê uma tapioquinha pra me perdoá, entende...

Eu pago; na minha terra, homem paga a conta.

- Estou com fome mesmo... Humm. Taí... aceito.

- Que tal uma água de coco...

- Tudo, menos água de coco... E se olharam novamente, com olhares silenciosos e explosivos.

- Eita sô! Disculpe de novo. Foi sem querer... Um cafézinho, tá bom?

- Aceito.

Passados uns dez dias, Pâmela estava no aeroporto e, enquanto esperava o vôo Fortaleza-São Paulo, da Varig, pensava naquela tarde desastrada pelas palavras e comparações de seios e cocos. Trajava camiseta e calça jeans, e preparava-se para voltar à paulicéia desvairada, deixando os verdes mares bravios da outra terra natal. Ao seu lado, um rapaz da mesma idade que ela, também vestia camiseta e jeans e também sorria. Olhavam-se, sorriam. A confirmação do vôo foi feita. Os dois levantaram-se e o rapaz a abraçou e beijaram-se com tanto ardor que chamaram a atenção de várias pessoas ali, na sala de embarque.

- A dout... cê tem certeza que'sse bicho não cai não?

- Claro que não cai, querido. Eu te garanto.

- Cearense só credita em Padim Cíço.

- Eu prometo pelo seu Santo Padim Cícero, não cai não.

- Tenho uma coisa pra li dá, bichinha. É porreta.

- Uma coisa? Um presente? De quê?

- De dez dias de namoro, de primeiro vôo, da primeira vez... segunda, terceira. Rodei tod'a Fortaleza e achei. Disse isso tentando expressar-se corretamente. Em seguida, deu-lhe um embrulho simples e singelo.

- O biquíni-coco 46!!!???

- Vigi!!! Foi difícil, mas achei. Dá um cheirinho aqui...

- Meu sonhado coco 46, que lindo... Obrigada amorzinho, obrigada... Pâmela cobriu o cearense de muitos beijos demorados. Turistas sulistas escandalizados, e os dois em lua-de-

Salma Ferraz

mel completa, com aquela felicidade idiota e ridícula de todos os amantes, que causam uma santa inveja.

- Só duas coisas, sinão num imbarco não, minha galeguinha...

- Peça o que quiser, tesão de minha existência... Tudo no mundo, meu nego.

- Só usa o biquíni-coco pra mim... Não quero que nenhum cabra macho óie pro qu' é meu...

- Hummm, machão. Tá bom... Pra você entrar no avião faço qualquer negócio. E a segunda?

- É muito importante pra mim.

- Fala, tesouro.

- Num ivente de cortar lá o seio, com aqueles troço de plástica.

- Ah!! Operação plástica, né?

- Eu gosto assim.

Ahhh... claro... Amor. São todos teus, bichinho, inteiramente teus.

- Me dê um xêro!!!

Atenção senhores passageiros com destino a São Paulo, favor dirigirem-se ao portão de embarque n. 46. Foi com medo de avião que eu segurei pela primeira vez na sua mão. O sertanejo é, antes de tudo, um homem feliz.

~

*“A vida melhor e mais sábia é a dos ignorantes.
Abandona a discussão sobre os fenômenos celestes,
abandona os silogismos rebuscados.
Sê simples, curte o dia de hoje.”*

Tirésias In: Menipo

O SOBRENOME DA ROSA¹

...
bela bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não Era Helena nem Vera
Nem Nara nem Gabriela
Nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era...
Ferreira Gullar

Rosa. Rosa era o nome dela. Poderia ser mulher, poderia ser flor. Era as duas. Rosa Cheirazzi nascera na minúscula cidade de Japira, no norte do Paraná. Com esse sobrenome italiano deveria ser rica, mas não era. Seus bisavós italianos imigraram para o Brasil na época da II Guerra, e se dedicaram à plantação de café. Vieram as geadas e a família, junto com centenas de outros agricultores paranaenses, faliu, porque o famoso ouro verde ficou seco e preto. Os pais de Rosa criaram a única filha com muito sacrifício, plantando beterrabas e repolhos em um pequeno sítio em que trabalhavam como meeiros. Rosa tinha um orgulho e uma frustração. O orgulho era o primeiro nome - o nome da mais linda flor – Rosa; a frustração, o sobrenome, o espinho - *Cheira*.

Quando foi registrada, o único escrivão do pequeno cartório da cidade estava bêbado, já que o Brasil de Rivelino e Leão havia perdido no dia anterior, nas quartas-de-final, para a Holanda de Cruyff, por 2x0, num jogo decisivo na Copa do mundo de 1974. Na hora de transcrever o sobrenome, graças à pinga e a Zagallo, esqueceu-se de copiar o *zzi* do final do sobrenome. O resultado final foi o curioso nome de *Rosa Cheira*, o que lhe causava uma série de aborrecimentos.

¹ Conto classificado no II Prêmio Missões de Roque Gonzales – Rio Grande do Sul - em 1999 e Menção Honrosa no 4º Concurso Nacional e Internacional em Línguas Portuguesa de Contos e Poesias – Editora Valença S/A, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

Salma Ferraz

Quando ia à feira na cidade vender os legumes, as brincadeiras e piadas de mau gosto eram constantes:

- Lá vem a Rosa que cheira.
- Olha o repolho cheirando Rosa.
- Me dá um cheirinho, Rosa...
- Cheira meu cangote, Rosa...
- Lá vem a Rosa cheiradeira...

O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada. O cravo saiu ferido, a rosa despedaçada.

Tinha sido uma menina alegre, mas quando na escola os meninos descobriram seu sobrenome, como um botão que secou antes de desabrochar, Rosa fechou-se. O botão-caracol - apesar dos seus belos dezesseis anos - não oferecia ao sol nenhum dos seus longos fios de cabelo ouro, não saía de casa nos finais de semana, nunca ia a festa alguma e raramente comparecia à missa. Na feira, os rapazes por despeito, pelo fato dela nunca ter aceitado nenhuma proposta de namoro, insultavam-na. Alguns compravam beterrabas, dependuravam-nas ao lado de nabos brancos enormes, e começavam a lamber os legumes na frente dela, olhando-a maliciosamente. Rosa tentava disfarçar, mas as maçãs de seu rosto avermelhavam tanto que deixavam as beterrabas do cesto pálidas. E as piadas continuavam a manter o botão-hermético.

- Lá vem a Rosa cheiradeira de homem!

Se a vida já era difícil para uma pobre moça do interior que vendia repolhos, beterrabas e nabos semanalmente, na feira, imagine com esse sobrenome poético-pornográfico que, ao ser pronunciado, instintivamente, despertava nos homens, segundas e terceiras intenções, ou pelo menos sorrisos maliciosos. Entristecida, procurou o escrivão, torcedor fanático da seleção brasileira, que sempre sofrera de problemas etílicos. As pessoas da cidade comentavam que o escrivão era um homem de bem e que seu vício começou junto com seu amor pelo futebol. O homem comentou que já fazia 16 anos do ato

do registro, que ela precisava dar entrada em uns papéis, consultar e contratar um advogado para dar início a um processo lento e caro, e só depois de uma longa batalha jurídica haveria, quem sabe, a possibilidade da troca do sobrenome. Rosa sabia que seus pais não tinham dinheiro para isso. Mudança de sobrenome era coisa para gente rica e não para ela, uma caipira qualquer. Não havia jeito, ficaria Rosa Cheira mesmo, pelo resto da vida, e por esse motivo passou a odiar o esporte trazido ao Brasil por Charles Miller, em 1894, e, principalmente, um técnico - Zagallo.

Lá, com seus olhos azuis, ela acreditava que não seria tão pelo resto da vida. Talvez encontrasse um namorado com um sobrenome comum, e então poderia pelo menos rimar, já que retirar aquele era impossível, pois era sobrenome, mesmo que pela metade, do pai e avô italiano, e não queria perder suas raízes.

Finalmente ele chegou, o príncipe de seus sonhos, e foi para ele que a rosa entregou suas pétalas. Conheceu-o na feira, na segunda-feira, no nada romântico horário das sete horas da manhã. Olharam-se, encantaram-se, enamoraram-se. Durante aquela manhã, vários foram os olhares. Às dez horas, ele atravessou a distância que separava as barracas, pois vendia queijo na feira. Ao meio-dia, com o sol a pino, acompanhou-a até a casa dela. Prometeu voltar. Voltou às seis horas do mesmo dia e pediu-a em namoro, aos pais. Eles e Rosa aceitaram. Dentro de sete dias, beijou as pétalas amaciadas daquele botão pela primeira vez, na feira, às sete da manhã. As feiras se sucediam, às segunda-feiras também, porém os beijos e as carícias eram mais rápidos que o passar demorado do tempo. Dentro de um mês, Leonardo se ofereceu para ajudá-la a colher os nabos e repolhos, de madrugada, na horta. O ar naquela manhã era invadido por um doce perfume de um pé de pau-rosa, plantado entre o curral e a horta.

O sol nascia, os galos clarinavam, e eles faziam a

Salma Ferraz

feira e a festa. Enquanto colhiam os repolhos que estavam umedecidos de um orvalho transparente, Leonardo, ajoelhado, enlaçou sua namorada pela cintura e olhou-a com carinho, forçando levemente o corpo dela em direção ao chão, à horta. Rosa deitou-se e puxou o amorenado corpo de Leonardo sobre o seu. Rosa não brigou com aquele homem cravo, com aquela flor de homem, o seu Nardo, e, no meio daquela aconchegante horta de nabos e de repolhos imensos, abriu suas molhadas pétalas, soltou suas loiras tranças, e foi invadida suavemente pelo orvalho cremoso da manhã. A rosa se fortalecia, plantada em cima daqueles nabos, enquanto um touro no cio, do outro lado da horta, preso a um curral, observava a tudo, ansioso. Em meio àquele orvalhar constante em que um cheiro de nardo invadia o ar e suas entranhas, suas pétalas, frouxas, num cansaço gostoso, caíam, uma a uma. O enamorado amante, todo coberto de suor, pediu-lhe, no meio do prazer:

- Quero... Quero que me jure uma coisa, amor de minha existência.

- O que você quiser, querido...

- Que vai usar meu sobrenome quando nos casarmos.

- Mas, o que mais eu quero é usar o sobrenome de meu marido. Só Deus sabe quanto esperei por um sobrenome. Qual é seu sobrenome?

Observava Rosa, com as pétalas abertas e suadas, gemendo de prazer embaixo do seu corpo, deitada naquela suave cama de repolhos desfolhados, e então disse, com o sorriso de um verdadeiro garanhão no meio da posse:

- É um sobrenome de macho, e parece com uma coisa que, pelo jeito, você vai gostar muito. Na minha família é sinônimo de macheza. Se não usar, eu não caso. Já desmanchei alguns noivados por causa disso.

- Não vamos brigar, é claro que eu uso. Qual é seu sobrenome?

- É... é... é surpresa. É macho pra caramba! Usa ou não usa? Enquanto esperava resposta, afastava carinhosamente o nabo que, insistentemente, voltava a entrar no miolo daquele repolho já um pouco desfolhado.

- Uso. Deve ser bonito! Uso, e pronto. Confio em você. Só uma pergunta. Você gosta de futebol?

- Odeio.

No amor, no estado de despetalção em que se encontrava, deitada sobre repolhos que tinham suas imensas folhas abertas e adentradas, diversas vezes, por nabos, numa verdadeira batalha nabal, não havia tempo nem condições de pensar no sobrenome do noivo. A corola da Rosa estava feliz, e o rapaz, inebriado com os lábios rosa da Rosa, a galava sem saber. Ele, zangão, e ela, pólen por todos os poros. O sobrenome do seu futuro marido tinha sido a coisa mais importante da sua vida, mas naquele momento, era um mero detalhe em meio àquele desjejum vegetariano que realizavam festivamente.

Pela primeira vez em suas vidas, Rosa e Nardo chegaram atrasados na feira, o que gerou olhares e comentários maliciosos. As brincadeiras dos rapazes foram substituídas por olhares maldosos, e Rosa, que havia servido repolho prazerosamente ao Nardo, arrotava, estranhamente, nabo. Afinal, pensava ela, qual seria o sobrenome do seu futuro marido e por que ele sempre fugia, carinhosamente, quando ela tocava no assunto. Um homem que a amava como ele amava, que fazia amor com uma flor, deveria ter um segundo nome como Oliveira, Carvalho, Souza, Silva; até Silva, que era muito comum, servia.

O resultado daquele desjejum nada frugal, foi uma congestão, ou melhor, uma gestação. A gravidez mais inesperada que indesejada adiantou as ações, pois ela era menor de idade. Ele próprio deu entrada nos papéis. Queria ser mais rápido que a barriga da noiva, queria poupá-la de constrangimentos,

Salma Ferraz

pois agora que ela arrumara um noivo machão, os rapazes haviam parado com as brincadeiras. Não queriam provocar os músculos do futuro marido de Rosa.

Primeiro se casariam no cartório, no mesmo em que fora registrada, e dentro de uma semana se casariam na pequena e única igreja católica da cidade. O escrivão estava um pouco alterado pela bebida, só para variar, já que corria o ano de 1990 e, na Itália - como numa tragédia - um passe de Maradona para Caniggia, no final do segundo tempo, selou o fracasso do Brasil de Lazaroni e Careca, que perdeu para a Argentina por 1x0, despendindo-se daquele mundial ainda nas oitavas-de-final. Conta-se que o juiz de paz que aparecia por ali a cada dois meses, era meio louco, pois era tão fanático por futebol, que vivia metido numa pesquisa interminável, tentando descobrir a origem da bola mais antiga, que, segundo ele, teria pertencido à rainha Mary Stuart, que governou a Escócia no século XVI. Ele viajou 30 quilômetros de Ibaiti até Japira, e chegou também agitado e muito chateado. A seleção canarinho dava um fiasco daqueles, e ainda havia gente que se casava no outro dia com um ar de felicidade que exacerbava sua tristeza. Era o cúmulo!

O juiz de paz dirigiu-se a Rosa e repetiu as perguntas costumeiras, perante o livro em que o escrivão já havia lavrado o casamento, só faltando as assinaturas.

- Senhora Rosa, aceita, como legítimo esposo, o senhor Leonardo? O juiz pronunciou isso automaticamente, como um gravador, sem prestar atenção nos registros do livro. Toda sua memória estava preenchida pela vasta cabeleira loura de Caniggia e pelas caretas de Maradona.

- Sim, respondeu Rosa, com a felicidade estampada em sua face, agora rosa-amor e botãozinho-desabrochando.

- Senhor Leonardo, aceita, como legítima esposa, a senhora Rosa?

- Sim, respondeu o noivo, olhando amorosamente

a já-quase-esposa que nunca lhe parecera tão bonita. Seriam muito felizes, amavam-se e possuíam uma semelhança fundamental para um casamento dar certo - odiavam futebol. O juiz, constrangido e um pouco irritado diante de tanto afeto, só então olhou para os papéis e ficou lívido, porém feliz. Os noivos, ansiosos por se beijarem, esperavam só a fala final do juiz, sacramentando o futuro sobrenome da noiva. Os noivos esperavam, e a noiva ansiava por saber qual era finalmente o sobrenome machão de que seu marido tanto se orgulhava e do qual sempre fizera segredo. Seu já quase-marido, pelo contrário, estava tranqüilo, jamais se importara ou quisera saber qual o sobrenome da noiva, o que importava era o seu, além do mais, ela deveria ter um sobrenome italianíssimo - Baggio, Florenzzini, Mezzenga. Tinha certeza absoluta de que o único ser na face do norte do Paraná que tinha um sobrenome esquisito era ele, e ninguém mais no mundo, muito menos ela.

O juiz, irônico, ao passar novamente os olhos em cima do Livro de Registro Civil, só então parecia esquecer os cabelos revoltos de Caniggia. Ele se vingaria daquela felicidade absurda do casal que, para ele, não era patriota, já que patriotas não se casam no dia seguinte a uma derrota da seleção. O juiz fazia suspense e olhava para o escrivão, que também estava contente, tirando a desforra da derrota do dia anterior. Os noivos olhavam para ele, aflitos. Ele ria em cumplicidade com o escrivão, que pigarreava sem motivo, enquanto os noivos revelavam um ar de preocupação. Enfim, após uma demora propositada, o juiz de paz - deliciando a cena por antecedência, e pensando em quantas cervejas poderia beber depois que desse o veredicto final e cumprisse sua obrigação - na discussão calorosa que teria com o escrivão sobre o sucesso de Maradona e Caniggia diante de Lazaroni e sua “Era Dunga”, no trinômio futebol-cachaça-sexo – desabafou, pedacinho por pedacinho:

- Então, conforme assento jurado e sacramentado, a partir de hoje, Rosa Cheira, passará a assinar-se Rosa...

Salma Ferraz

Cheira...

- ???!!!!???

- Rosa Cheira o quê, Senhor juiz?

- Rosa Cheira...!!! Cheira...!!!

- Pelo amor de Deus, Sr. juiz, Rosa Cheira o quê? O juiz olhava o casal, como se eles estivessem numa arena, e não em um cartório, e, sem conter a gargalhada, desabafou agora num fôlego só:

- Rosa Cheira Pinto.

A noiva, já mulher casada, pôs-se a chorar e, através da janela, ao longe, como num delírio, pôde ouvir, um pouco antes de desmaiar, a canção que seria sua agora, pelo resto de suas pétalas. Os despeitados rapazes de sua cidade, sabiam que uma rosa merecia ser sempre cantada em prosa e em verso, por isso a homenageavam cantando:

*O Nardo brincou com a Rosa em cima dos pés de nabo,
o Nardo saiu contente pois a Rosa cheirou seu pinto.*

O sobrenome dele poderia ser Zade, e ela se transformaria em nada menos que Rosa Cheira Zade, mas, infelizmente, não tivera esta sorte. Sacramentado, jurado e documentado, aquele deveria ser o apêndice, o Pinto que ela usaria para o resto de suas pétalas. Findava-se a “Era Zagallo” e iniciava-se, ali, a “Era Pinto” na qual todos os recordes seriam quebrados, afinal, futebol, além de verdadeira paixão nacional, é mesmo uma caixinha de surpresas.

LIVROS PUBLICADOS - CRÍTICA LITERÁRIA

- 1) *Desmistificando a redação (co-autoria)*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- 2) *Ensaios: Fernando Pessoa, Eça e Saramago*. São Paulo: Cone Sul, 1998.
- 3) *O jeitinho Brasileiro de Sherlock Holmes*. Blumenau: Furb, 1998.
- 4) *O rei Leão e a Memória do Mundo*. Blumenau: Furb, 1998.
- 5) *A sagrada luxúria de criar*: Porto Alegre: Edipuc, 1999.
- 6) *O quinto evangelista*. Brasília: UNB, 1999.
- 7) *Na Terceira Margem da História*. Blumenau: Furb, 1999.
- 8) *Dicionário Machista. Londrina*. Campanário, 2002.
- 9) *As Faces de Deus na Obra de um Ateu Juiz de Fora*. EUFJF, 2004.
- 10) *No princípio era Deus e Ele se fez Poesia. Rio Branco*. EDUFAC, 2007.
- 11) *Deuses em poética. João Pessoa*. UFPB, 2009
- 12) *Maria Madalena. A mulher que amou o amor* (EDUEM, 2011).
- 13) *O Polén do Divino* (EDIFURB, 2011)
- 14) *Dicionário de personagens da obra de José Saramago* (EDIFURB, 2011)
- 13) *As malasartes de Lúcifer* (no prelo)
- 15) *Sois deuses* (no prelo)

LIVROS PUBLICADOS – FICÇÃO

- 1) *Em nome do Homem*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
- 2) *O Ateu ambulante*. Blumenau: Furb, 2001.
- 3) *A Ceia dos Mortos*, Edição do autor, 2007.
- 4) *Nem sempre amar é tudo*. (no prelo)

